

AGOSTINHO BOTH

**O LUGAR E
O TEMPO DE
JUVELINO
MESSIAS
PAMPA**

— COLEÇÃO —
SONHOS E RESISTÊNCIA

O autor desde 1989 lida com as questões do envelhecimento humano. Diversas obras acadêmicas foram publicadas: *Identidade existencial na velhice e Gerontogogia*, entre outras. Inúmeros capítulos de livros e artigos em revistas fazem parte de sua bibliografia. Mas de todas as formas que se olhar para o autor o que mais conta é sua biografia em torno da velhice e do envelhecimento. Já escrevera ensaios literários, entre eles, *Contos do envelhecer*. Vinte anos, portanto, fazem do autor capaz de pensar em profundidade as vicissitudes do ——— envelhecimento. A insuficiente forma de a sociedade pensar esta premente questão levou a que Agostinho tomasse a linguagem literária para, uma vez tendo maior liberdade, expressar o que pensa sobre a realidade de ficar velho. Todavia, na presente obra, revelam-se diversas faces humanas. O sofrimento

Agostinho Both

O lugar e o tempo de Juvelino Messias
Pampa



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Agostinho Both

O lugar e o tempo de Juvelino Messias
Saraiva

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br
e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.
Do livro: Romance. -Passo Fundo: Ed. IMED, 2009. 171p.; 23cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.
O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença
Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 3,0 Nao Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:
creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 25/11/2014

B749l Both, Agostinho

O lugar e o tempo de Juvelino Messias Pampa
[recurso eletrônico] / Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto
Passo Fundo, 2014.

1090 Kb ; PDF – (Sonhos e resistência).

ISBN 978-85-8326-101-8

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura gaúcha.
3. Romance brasileiro. I. Título.

CDU: 869.0(81)-31

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Apresentação

Mais um desafio se descortina em meu caminho... Mais uma vez ele me é presenteado pelo autor Agostinho Both. Na ânsia de discorrer a contento, agora na dimensão literária, sobre a romance O Lugar e o tempo de Juvelino Messias Pampa, sentimentos ambíguos de apreensão e contentamento invadem meu ser.

Confesso que minha atenção foi sendo arrebatada desde as primeiras páginas: pelo envolvimento de seus personagens – visionários de ásperas lutas –, pela retomada de lugares conhecidos e, assim, poder vivenciar o cotidiano pitoresco de Passo Fundo e seus habitantes, percorrendo vagarosamente – palavra por palavra – a natureza, com todos os seus encantos e seduções.

A trajetória de Juvelino Messias Pampa, seu lugar e seu tempo, é uma história de amor, ternura e comprometimento; narrativa de fé e de luta pelo resgate da dignidade do ser humano em todas as suas fases de vida, principalmente na velhice. Pontua, enfaticamente, as questões sociais e afetivas, tanto para as relações cotidianas das gerações, quanto para a criativa e fantasiosa imaginação, que devem acompanhar o percurso da existência humana, tornando seu jugo mais leve e suave. Histórias de espantos e encantos, vozes recolhidas nos caminhos... E sonhos... Muitos sonhos! Realidades deliradas, delírios realizados, palavras andantes, que o autor encontrou – ou que o encontraram: como a esperança de dias melhores para os desafortunados dessa sociedade excludente.

Enfim, a trama produzida prende e encanta... Prende



pelo contexto (de grande singeleza); pela garra de seus personagens... Encanta pela proposta de esperança e possibilidade no caos, conduzindo seus leitores a encontrar, mansa e suavemente, o sentido largo e profundo do envelhecimento humano:

“(...) Que a estrela de Juvelino brilhe ainda mais”.

“Já não existe mais a sombra,
Aparece a estrela suficiente
A iluminar a casa inteira.

Sonhos andam soltos pelo teto.
Folhas caem solenes pelo pátio.
A madrugada chega devagar
E o sol que vem está repleto.

De imagens, cores a iluminar as horas
Que chegam com destino certo
E um sorriso largo e sem demoras.”
(...)

“Bastava a necessidade de existir,
Vibrar com os sopros do passado
e o fluir das coisas.”

Pia Elena B. Borowski



Um pequeno pai

O tempo negaceava com a chuva, mas o verão nem estava para a secura das terras de Ronda Alta. A rocinha do Juliano não podia mais esperar: a seca já ia alta e havia lhe rendido um torcicolo de tanto olhar para o céu. Hoje não passa e passava. As nuvens iam carregando o vazio de doer. Dias já se passaram: pusera a violinha na parede e o desejo de cantar sumira. Da esperança sobrou sua mulher grávida. Ela estava voltando de Passo Fundo, foi ver a irmã que mal se sustentava. Ele mal sabia medir o valor dos cinco hectares, única fortuna, sobrance de cinco gerações. Trazia todos os sangues e a cor morena que peleava com o sol, e as rugas já se mostravam, precoces. O que trazia a terra: uma vontade de ir a Passo Fundo. E disso o vizinho se aproveitava: homem, não se vai pra frente com um cantinho destes. Juliano respondia: é um baguinho de terra, mas é minha. É vero, dizia o gringo; é tua e ninguém tasca no que é teu. Mas com que teu filho vai viver? É de se pensar, avançava o vizinho: em Passo Fundo tem colégio que põe a criançada em bom emprego. Que seja o que Deus quiser, Ele, que sabe tudo, há de saber para onde eu devo ir, consolava-se Juliano, sem, entretanto, deixar de se preocupar.

O vigário de Ronda Alta, cercado de granjas, não se conformava com o tamanho das diferenças. Junto a amigos de origem alemã manifestava com emoção sua inconformidade. Seu cabelo escarlate revelava sua origem e sua ideologia. Sua voz era de um profeta nervoso: tia Leit, minha gente, das is net pech, isso não é azar. Ele tinha um pensamento messiânico. Se a fé em Deus era reduzida, não lhe faltava uma caridade decidida. Não



estava muito a favor de obedecer ao bispo que se inclinava a uma pacífica bondade, fazendo a pobreza ter paciência e aos ricos garantir o que lhes pertencesse. As tensões se precipitavam. Os índios retomavam suas posses e o governo não sabia lidar com o inusitado de uma pobreza revoltada. Juliano era o tipo ainda privilegiado: a herança havia lhe reservado cinco hectares. O grito da hora estava para “é preciso lutar”. A Juliano, porém, faltava coragem de se meter em confusão. O padre não dava garantias de que as promessas de terras para os pobres colonos dariam certo e o vizinho falava: te cuida, Julinho! Vão te tirar o teu pedaço, não esqueça que ele faz divisa com as terras dos índios. Me venda que eu tenho advogado! Assim, ou por nada poder colher, ou por se sentir ameaçado, já andava assustado com sua desventura. E era tão pequena a ponto de ninguém ligar para ela. A dor do pobre é gutural, dizia o cura vermelho. Não sai da garanta. Juliano, quase invisível, mas de uma razoável percepção intuía os discursos. Quando tiverem o que os outros têm serão piores que os primeiros. A fome tem disso, dizia: quanto maior, mais exageros faz daquele que está faminto. Tinha opiniões em tudo que aparecia. Por ter boa escolaridade, via o tamanho de seu sofrimento. E via o da mulher e mal avaliava o que viria do sangue novo que estava por chegar. Incomodava-o a sujeição que se impunha sobre ele. Era como uma veste pesada da qual não tinha como se livrar. Nessas alturas estava jurando que encontraria uma saída em Passo Fundo. Ouvira que a cidade era de gente sem portei-ras. Andava, então, cansado de ouvir os discursos do padre e de todos que estavam mais inconformados com a miséria. Se era para ganhar uns dez hectares que ficasse com a miséria dos cinco. A promessa era boa, muito boa. Falavam que juntos poderiam faturar o suficiente. Que um dia o governo teria a bondade de ouvi-los e botar em dia uma política mais conformada com o



respeito. Detestava, por outro lado, os ricos das fazendas. Estes estavam tomando de graça um dinheiro sem tamanho. Calcário e adubos rolavam e ficavam com outro tanto de dinheiro. Ainda bem que houve denúncia e a polícia estava chamando, um por um, os ladrões. Sabia também que tudo resultaria em nada. Que rico quando rouba ganha prestígio e são tantos que ninguém, depois, sabe quem foi o ladrão. Lá vinham eles, passando com seus carrões na frente de seu pátio, e um deles era o gringo que o adulava por causa das terras. Se enfurecia quando, na estrada, passavam por ele sem diminuir a velocidade. Comia toda a poeira. Quando ia até a encruzilhada Natalino via também aqueles intelectuais barbudos de caderno na mão. Seus óculos redondos e suas boinas pareciam uniformes. Falavam de um tal de Chê que fizera misérias em Cuba e que aqui seria a mesma coisa. O herói dos meninos de boina dizia que haveria o mesmo tratamento e não estas diferenças loucas que se via. De um lado promessas demais e de outro este mundo sem sorte para ele. Tinha, como sua mulher, todos os sangues e todas as cores. As moças de anos atrás diziam que era bonito, mas sem futuro. Agora, porém, estava feio no retrato. O que lhe salvava era seu espírito de humor e, nesse desmazelo, ainda brincava: pobre é como a abelha arapuá que faz mel até do mijo. Uma doçura pouco apreciável. Não tinha muito que pensar, mais era o que fazer. A vida não espera e da barriga de Apolinária vinha um filho e uma decisão. Ria um pouco quando pensava como o padre: o que deu para tanto pobre se reunir num lugar só? Não se conformava, entretanto, com a ladainha dos desafortunados. Como ainda tinha uns breves trocados na algibeira, curtia um fumo, uma erva e, do radinho, uma poesia caipira ou o canto agitado da fronteira. Sabia de sua pobreza, mas não aceitava o conflito no qual vivia, embora pusesse nas mãos de Deus o que pudesse fazer de melhor, desconfiando, porém,



de que a vida não poderia melhorar sem um esforço danado que saísse de suas mãos. E quem o livraria da branquinha? Quando levantava de peito azedado passava em seus pensamentos: que se Ele estivesse atento às suas necessidades não o deixaria nesse estrupício. E quando muito irritado, filosofava: pois é, não será maneta, que só estende a mão para quem está na direita? Logo a seguir erguia sua cabeça para o alto: desculpa, mas bota uma inspiração nessa cabeça e uma força nessas mãos. Sentia que estava sem proteção, arrepiado debaixo do mau tempo como pelincho doente. Assim filosofava a ver se tirava de si uma comunicação que resultasse em alguma esperança. Não estaria desatento em sua própria palavra. Ria sozinho em seu imaginar... vou cuidar da luzinha acesa dentro de mim. Vou amanhã buscar a Polinária em Ronda alta. Quem dera trouxesse um conselho da hora para consolar na indecisão. Ela vai me tirar desse “um tanto faz”. E quase apareceu uma lágrima. Oi, que de saudade também se vive... Temia ele a palavra do compadre Felizardo: oi, cumpade, que ela é capaiz de pari o bichinho em Passo Fundo memo! A Polinária não vai fazer isto comigo! Sou de um metro e sessenta, mas sustento um desejo, e, se não fosse esta seca, teria um vestido de luxo. Deixaria ela de olho satisfeito. Assim conversavam com amigos quando apareceu o sociólogo salvador, o que tinha o uniforme de óculos redondos, boina e barba. O homenzinho com as pretensões de Chê e um livrinho de Gramsci. Foi botando revolução e companheirismos gerais com certezas de um profeta. Falou Felizberto, o que não queria ouvi-lo: pega a estrada e deixa a gente bebê a cachacinha em paz! Amanhã vem com tuas espingarda e a gente mata os fazendero! Você aí limpinho e a gente morre dando vez pra outros bundinha! Deixa que assim tá ruim bastante. O Afonso ficou penalizado do guri pensador e o confortou: um dia tudo será de todos e chamarei de compa-



nheira a mulher do compadre, e as pombas gordas vão cair em todas panelas. E meu medo é que é capaiz de se roubar mais do que já tão afanando. O intelectual saiu resmungando: esses reacionários, os contras de merda tão nela e gostam. O Juliano ainda perguntou: o que falou o vivente?

Saiu daí trôpego e de uma vontade arrependida. E Juliano aí, ficando pai e daquele jeito. A única certeza pequena: outro dia iria à Ronda buscar sua doce Polinária. Cabocla que já dizia as palavras conforme o dicionário, coisa pouca que lhe dera. E se doía ainda pelo Felizardo. Que pensa o animal? Ele, porque teve um galho na testa, pensa que todas têm más intenções! Minha Polinária vem sim... vem trazer um filho! Vupt... que caía e não caía... chegava e não chegava como sua incerteza. Caiu dentro da casinha que se estremeceu, gemendo as tábuas e as travessas. Ali ficou cismando infinitos feitos que a cachaça dá. Foi sumindo igual que a morte, sozinho.

Para a corruíra, no orvalho, a casinha juliana era uma catedral. No barrote da cozinha, foi vendo seu lugar para a próxima primavera. Ergueu seu pescoço e fez sua cantoria, e na pequena peça era como caixa de viola. Juliano despertou e ficou a ver o marrão do passarinho com sua voz dos setembros. Sorriu por pensar que Deus viera conversar no bico do passarinho. Deu-lhe uma vontade sem força de pegar da violinha e retribuir o cantar... êta canto, uma florzinha amarela. Voou o discurso da vozinha alegre e foi catar sua vida. Mexeu o corpo que em tudo doía. Meu Deus, que para esconder uma dor outra se acha. Levantou-se, apumando o corpo para não despertar dores mais agudas. Teve seu solito consolo em suas ideias apertadas, parecendo frigar numa frigideira. Por mais que lhe transparecesse o infortúnio das dúvidas, a revolta do padre, o vício que lhe dominava,



a pouca terra, apareceu-lhe quase a fé no filho e na esperança de Polinária. Ainda tinha isto: uma barriga empinada com uma promessa. Mais que ele, ela alimentava uma onipotente confiança não sabendo de onde vinha. Talvez que a vida que se repete tenha toda a humana condição e nela inscritos os sonhos. O mesmo que um trinado possível no meio da tempestade. Tem pássaro que trina no meio do temporal. Juliano conheceu um deles, cantava numa lisura de voz como se fora semelhante a um veludo azul no meio da madrugada. Ele o madrugador. E o que era aquilo de uma falta de ar com os pulmões cheios. Uma irritante inquietação. Resultado de uma força menor que o acompanhava fazia dias. Trinta e oito e apenas nos pensamentos havia uma razoável velocidade. Mais rodavam que antes. A pobreza inteira foi se apresentando e fazendo estragos. Já não mais prestava atenção devida nos avisos de sua Polinária: olha, homem, que a bebida só traz desgraça. Fala distinta a dela que aprendera dele uma fala melhor. Sete anos havia sido o tempo que Juliano levava para ensinar um português de pouco erro na boca da mulher.

Toma tento homem, que ela desgraçou o Zenóbio, desgraçou o Tsimá Fons e agora desgraça meu Juliano. Ele apenas cismava que a barragem levou a vontade. Cismar e imaginar era com ele mesmo. Aprendera a pôr ordem na imaginação. Ô professora boa aquela Aurora. Botava ideia por ideia como se plantasse alface. E como dizia ela... pra ter comunicação há que estudar... que pobre sem estudo fica sem uma palavra e todo mundo manda. Mas depois da primeira comunhão fazer o quê? O pequeno foi se encolhendo no mal de pouco pensar e pouco querer. Pensou em ir para o seminário, mas os padres andavam melencólicos e barbudos e só não falavam de Deus. Falou com a mãe Melita que lhe disse: melhor assim, piá, que andar nessa pobreza. Vai ver que Deus anda com modos diferentes. Vai pra Erexim que



lá você pode sair desse vício da miséria e não vai morrer cedo como teu pai. Ainda retrucou para a mãe: olha, manhê, que eu ainda sou pequeno e me caio todo pros lados das gurias. Te acalma, Juliano, que Deus põe mais pra cima o que tu tem embaixo. Será, mãe? Mas, na confiança materna se foi para o seminário de Fátima. Ao menos, com boa cabeça, a boa comida não vai te faltar. Assim se foi com um chinelo e com calça de brim. Deus não carece de muita coisa, falou a mãe, na despedida. Foi estudar e aprendeu até latim, mas estreitou-se a saudade de casa e das meninas. Cansou e voltou para casa de mãos abanando. Voltou para as terras sobrantes nos alagados. Melita chorou porque sabia que a pobreza come pelo pé e só faz afundar. E, encurtando, acabou sobrando-lhe aqueles cinco hectares que é para apenas arrastar a pobreza. Melita acabou morrendo também jovem, vendo a sorte dos filhos virar a mesma coisa. Seu sonho não vingou. Apenas seria mais um Pampa com um cantinho de terra. De grande sobrou apenas o nome que nascera de origem curiosa. Seu bisavô, Teodósio Bamberg, foi até o escrivão registrar seu avô Salustiano na colônias velhas. O escriba, ao registrá-lo, movido um pouco pela surdez e outro tanto pelo nome campeiro do cidadão a ser registrado, equivocou-se. O bisavô, conhecido também como campeador de gado, acabara de contar suas histórias do verde pampa onde ia buscar gado para as colônias velhas. Tinha uma voz que mais parecia um trovão e daí a confusão do escrevente na hora de garantir o nome do vivente como filho geral da nação. Em vez de Bamberg, por sinal mal pronunciado, trocando o b pelo p, nasceu o primeiro Pampa. As forças e os tamanhos foram se pervertendo até chegar em Juliano. Se saiu pela surdez, se do poder de Teodósio, ninguém sabe. Pelo motivo gravado a pena de tinta escura, é certo, todos da descendência ficaram Pampa, não havendo razão para resgatar o nome original. De grande, em



Juliano, apenas a melena e um saco roto que nunca soubera o que fazer com tudo aquilo.



A profecia

Eudóxia era a irmã de Polinária. Vila Bom Jesus era onde morava, um pobre lugar dos pobres lugares de Passo Fundo. Uma miséria se reunia definitiva, esticando-se ladeira abaixo. Menos mal para Eudóxia, que morava no início superior do lugar. Costumava falar: ruim mesmo é daí pra baixo. Se não é grito de gente é de cachorro. Assim se passam nossas noites. Polinária, no último dia da visita, antes de retornar para Ronda Alta, manifestou toda a angústia em relação à sua vida e à de quem estava chegando. Estava com aquela promissora barriga, bem ao contrário dos cinco hectares. O seu Juliano vinha bebendo os últimos trocados. Do homem bem feito, que fora antes do casamento, sobrou uma cabeleira sem banho e um corpo sem vontade. Chupava daquele cigarrinho de palha até a cara ficar azul. Já falei pra ele que desse jeito vai bater as botas mais cedo que o pai dele, que tinha um coração que era um cisco. Até blasfemar, blasfema quando lastima: Deus esqueceu de mim, que não sou mais que um ratinho!

Eudóxia sustentou uma gota de ânimo, convidando a irmã para ler a sorte na casa de Diana. E convencia: oia que não erra uma. Lê até pensamento. As carta veia dela não têm erro. Ninguém diz que aquela casinha tem tanta verdade.

Se ela começasse lendo as cartas dizendo bem do passado delas, Polinária já podia contar tudo como milho perdido e falou: do jeito que nos vestimos não é difícil saber de nosso passado. Mas, pode o diabo dar uma dormida e acontecer uma boa notícia. Estava assim cismando e vem sua decidida irmã: vamo, Polinária. Vamo vê a sorte. E foram.



Polinária, ao ver a casinha de onde viria a revelação sobre sua verdade particular, sentiu perplexidade, afirmando que de uma chichola de lugar daqueles não poderia vir qualquer iluminação para os caminhos de seu filho. Uma casinha torta, parecendo um velho com lordose, não tinha mais que um quarto e uma sala. Diana apareceu, aquela que adivinhava futuros, mas com poucos desvelos do melhor, dizendo o mais infalível, o mais diário, que na vila não era difícil de saber. Desavença, traição, inveja, tiros, facadas, mauolhado, restos de amor, doenças, intrigas, fofocas e, por vezes, uma sorte de casa nova e de amor pra valer: tinha pouco o que errar!

– Tô aqui de novo, introduziu Eudóxia.

– A vida muda. Talvez uma nova sorte. Vamo lê o que há de chegar, completou Diana.

– Puxa as carta pra mana que não guenta mais pra sabê do futuro dela.

– Pois é, talvez saber o reservado alivia. E não é para mim. É o que está chegando que me traz aqui, falou Polinária.

Fez-se um silêncio grave, parecendo uma oração suplicante sobre sua barriga.

Para tornar menos tensa a sorte que era buscada, Diana foi falando. Pois era meu avô quem lia e com estas mesma carta. Ele lia com mais clareza o futuro que o presente. Ele mesmo leu a minha sorte: vai continuá a lê o que leio, dizia o velho. Minha vó se ria toda e debochava: Vai lê o que no meio desta pobreza?

Aprumou-se ela com certa devoção e foi distribuindo as cartas sobre uma mesinha toda picada. Aos poucos, como se



uma luz estivesse em seu rosto, e, a seguir, sua voz esclareceu sobre as cartas. Um murmúrio respeitoso começou nos lábios, já murchos, da profetiza e a palavra saía como uma fonte:

– Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo. Um pouco de poder e glória na casinha do pobre. Até o Sovaco da Cobra, o mais feio dos lugar vai tê uma bênção. Um menino vai nascer com uma luzinha de alegria. Uma lamparina na Vila Bom Jesus. No corpo uma fatiotinha nova. No quarto um lençol branco. No meio dos grito uma palavra boa.

As irmãs se entreolharam na maior desconfiança. Eudóxia avaliou: tá lelé a muié! Não é o jeito dela falá. Isso tá mais pra um deusinho que pra um hominho de Ronda Alta. Depois veio a profecia mais limpa. Já vejo o menino homem veio vindo pros setenta. O home veio ajeita a melena branca. O coração bate num compasso de alegria. Palpita nele um sonho de ficá bem nos setenta. Tem dente bom e anda equilibrado. Venceu o tempo de morrê! Meu Jesus Cristo. A sorte vai chegá.

Aí, então, despertou do transe.

As duas deixaram uns troquinhos, agradecidas. Mal chegadas na rua Polinária exclamou: Doidou de vez! De onde se pode ler uma grandeza dessas no meio desta tristeza?!



Um resumo de solidariedade

Polinária já ia para casa, quando apareceu Miloca no rancho de Eudóxia. A pobreza tem disso: não tem o que guardar ou esconder. Miloca vinha com uma palavra no sufoco: oia, vizinha, que a sorte é poca. Meu marido faiz meis não encontra emprego e temo treis menina pra educá.

Eudóxia brincou: vô tê um sobrinho que vai dá alegria e mais alegria pra nossa vila.

– E como vai sê?

Muito simples, e se ria. O piá de minha irmã que vai nascê vai enchê as casa de bem querê. As faca da vila não vai mais cortá ninguém. O menino vai dá trabaio de boa recompensa.

– Quem é qui falô essas bobage?

– A Diana, respondeu Polinária. E o menino deu três pulos aqui na barriga, confirmando o meu dizer!

– Qui é qui sabe umas carta de nossa sorte? O piá pode pulá do jeito que quisé que a sorte não anda por aqui!

– Há de se vê, vizinha! De qualqué jeito uma esperancinha põe um vigorzinho melhor dentro de casa. Melhor que esta fumaça que faiz ardê os oio!

– Assim seje!

Depois se fez silêncio, parecendo um Anjo do Senhor voando nas intenções no meio daquele ardume. Miloca saiu sem



muito conforto. Não era fácil criar as três meninas no meio da confusão de uma vila. Bem que já pressentia toda dificuldade ao descer a serrinha do Papagaio, saindo de Sarandi. Na rua, ladeira abaixo, foi rezando pelo marido que estava pela hora da morte. Mais parecia ele o rosto de Cristo Nosso Senhor morto na cruz. Queria tirar o azar da boca do vizinho, que falou, quando descarregavam a pequena mudança: mais um! De onde poderia ver um azul de céu para o futuro das três filhas? Olhava a rapaziada ambulante e não conseguia tirar um para companheiro de suas filhas. Rezou, então, alto: ai, meu Deus, pai de Jesus, salve da minha dô, Virgem, salve minhas minina! Tire o ardume de meu oiá! Mostra um pingo de uma bondade quarquê neste instante, amém!

Polinária, mais apressada, encontrou-a no caminho para apanhar o ônibus na parada abaixo. Saudou-a novamente. Mi-loca, não fique preocupada. Seu marido vai encontrar um emprego. Deve ser o primeiro milagre do menino. Tenha fé que é o melhor recurso do pobre. A caridade vai te ajudar. E veio o marido ao encontro e se via a satisfação. Tinha a boca voltada para as orelhas. Foi logo falando. Muié, achei o que procurava. Vou usar uma gaiota e o cavalo do Justino. Vou levá e trazê um mundo e tu sabe que os cavalo têm um carinho pelo teu home. Vão reconhecê o poder do transporte. Vô ainda tê meu caminhão!

E disse Polinária: não te falei?!



Juliano crê no menino

Juliano decidiu: hoje vou aprumar meu cavalinho. Vou buscar minha Polinária. Bem cedo se pôs a escová-lo. Nos dias que antecederam a chegada levou-o nos capins verdes junto ao alagado. A sua amada havia perdido a confiança nele, mas não deixaria de causar uma boa impressão. Assim queria, e banhou-se também. Causaria um pouco de admiração na mãe e na criança. A sua criança viria feliz ao ver o que se sucedia. O chão duro parecia, a ele e a seu cavalinho, coberto com tufo de ervas suaves. Buscava sua Polinária aí na Ronda. Se sentia como nas histórias de castelos lidas no seminário. Ele aí, agora metido num castelinho de tabuinhas que apodreciam. Seu cavalinho Jasmim estava lindo de ver. Buscou o selim – estava bom o arreio de cavalgadura –, assento de primeira para a mãe de sua criança. Pôs os arreios todos na firmeza necessária e lá se foi a pé, tendo Jasmim por confessor: pouco mereço que saia um homem ou uma mulher de meu amor tão pobre. Não agradei nem a Deus nem à Polinária. Foi uma grande fortuna ter ainda merecido um filho ou uma filha. Deus estará melhor servido pela criatura que virá. Sei, você não responde, mas me confesso em teu ouvido e é como se falasse a Deus. Tua simplicidade, Jasmim, não sabe de meu tumulto. Quis ser servidor especial de Deus e não consegui nem ao menos cuidar de uma pequena casa. Pouco mais serviu que de ninho para as corruíras. E fui derrotado pela bebida. O doutor falou que meu coração pulsa mal e meu fígado parece de boi. Fui abençoado com minha criança. Você sabe, Jasmim, das lágrimas de Polinária. Mas agora sou diferente. Passei sete vezes na bodega e sete vezes passei sem olhar para dentro. O Braz me convidou e eu respondi que já era outro. Ele me cutucou falando



que eu estava uma mulherzinha sem desejo. Disse que era homem e que deixar da bebida é para homem e não para qualquer um. O homem se ofendeu, dizendo que o diabo não me deixaria em paz. Sabe, Jasmim, mandei o Braz à merda e que fosse tratar da família dele, que de agora em diante cuidaria da minha. Veja, meu cavalo forte, como estão vermelhas de pó as palmas dos coqueiros. Falta chuva. Assim andava eu coberto de vergonha. Agora o vento da vontade está me limpando. Escute só esta hora. É a hora cantante.

Chegaram na Ronda; Jasmim, ouvindo as últimas confidências. Obrigado, doutor de minha alma, não tenha vergonha de me servir. Amo-te na minha fraqueza. Agora dá licença, meu animal de pura caridade, vou atender a quem não vai me ver com bebida: ela vai saber o homem que tem. Toda razão de meu ser e seu feitio se dá pela criança que será como um pequeno salvador e por sua mãe, um machinho, ou uma femeazinha, pouco se me dá.

Veio Polinária numa nuvem de pó. Juliano mal sabia o que se passava consigo, uma vez que era outro homem. Nele habitava uma certeza que o fazia experimentar um amor perdurável e condizente com toda a dignidade. Um sabor que lhe vinha enolto em nova solidez. Havia uma ternura ampliada, capaz de resistir aos apelos que o tornaram desacreditado. Sua mudança radical podia ser comparada à daquele que, de um tosco tomador, chegara a um refinado apreciador de vinhos. Andava satisfeito consigo mesmo a ponto de não mais temer os desafios da pobreza, e já acalentava uma decisão: iria a Passo Fundo e lá faria tão bem o que fosse feito que cresceria aos olhos do empregador ou encontraria um trabalho particular e dele faria uma arte. Ao ver sua amada, a palavra que lhe saiu da boca não condizia com o



volume humano que nele agora habitava. Oi, Polinária, que bom que você veio. Foi o que conseguiu dizer. Entretanto, ela percebera uma mudança no corpo, revelada nos olhos e na firmeza da mão. Sentiu-se animada por vê-lo mais inteiro e sem o cheiro da cachaça. Pensou ela: o segundo milagre de meu pequeno, passando a acreditar na Diana, a velha caçadora de ilusões.

Lá avançava a pequena família. O Jasmim carregando Polinária e a criança sobre o selim; Juliano na frente. Um milagre rolando na alma de Juliano e uma promessa no ventre de sua senhora. Havia um tumulto cheio que rumorejava um mistério. Desejos e vontades pronunciariam a verdade de um amor infinito, feito finito na pobreza dos dois, mas uma dor se pronunciava. No peito cingia-lhe uma pressão, acentuando-se a falta de ar. Para ver se passava sua angústia que lhe sufocava a garganta elevou a cabeça para as estrelas e rezou a pura expressão do abandono: meu Deus do governo das estradinhas e da noite escura, te ofereço esta cor branca da lua como leite derramado. Em troca quero a proteção de quem anda no lombo de Jasmim. Sou apenas uma pobre figura que faz pouco conseguiu ser um pouco melhor. Deixa o mundo andar bem neste cavalgar. Se andou bem quem andou num burro que ande bem quem anda neste cavalo. Vontade eu tenho de erguer os dois para o céu para maior proteção. Diga novamente, Deus, seja a luz e ela se faça sobre o alagado. Uma luzinha clara da cor do mel puro.

Polinária despertou seu homem: este menino me aperta a bexiga. Vou desapiar! No ciciado barulho da mulher ainda se elevava a oração de Juliano. Que o azul e as estrelas deem um conforto e uma direção. O trivial do corpo anda com minha devoção.

Ela posta sobre o selim, perguntou Juliano:



– Falou em menino não foi?

– Foi!

– Como se sabe se não nasceu e nem olhou por qualquer máquina para ver do sexo?

– Me disse ela, a Diana. E disse que ele vai dar sorte para todos. A sorte foi lida.

– Para mim já deu, que não bebo mais e estou resolvido, vou cuidar dos dois mais firme que caminha o Jasmim. Estou de passo firme e vou te levar para Passo Fundo.

Depois ergueu-se mais alta a voz que não conseguia mais suportar o silêncio de seus desejos. Polinária, que Deus guarde meu ser para que seja melhor. Agora digo de meu prazer neste caminho noturno no meio do pó. O suave pluf pluf dos pés na poeira e um murmúrio de alegria pairavam. Foi falando que chegaram, e o cusco zengo latiu no pátio. Polinária chamou: vem, meu Rotivaila querido!

A casinha estava areada, pondo um pouco de confiança nele. Admirou-se Polinária e os dois se abraçaram num reconhecimento de ambas as felicidades. Entendeu a mulher que era o momento de falar sobre a sorte vista em Passo Fundo. Homem, que uma tal de senhora leu o futuro de nosso filhinho. Falou de bem a não mais poder. Ô, se falou! Falou que era um menino igual que um salvador para a pobreza e os velhos. Foi assim que falou. Falou decidida a mulher. Lavrou um eito de bem. Assim será... que assim seja. Juliano estava muito sensível, mas ficou em dúvida: coisa de pobre de ter onde refrescar a cabeça; crer em tudo, ter esperança como o cavalinho de espiga na frente para que troteie.



– Não tire de mim esta crença, homem. Me deixa no bem desta esperança como o bem-te-vi em torno do touro. Deixa eu colher esta fezinha.

– Que te alegre teu pensamento, desejou Juliano.

A professora

Nem o melhor profeta desdenha uma professora. Nem a maior profecia põe ordem na alma sem o auxílio entre a graça e a criança. Graciema era ela. Vila Bom Jesus tinha uma dessas pessoas que têm talento de fazer gente de boa vontade. Cercada do pecado humano mais feio e estreitada nas palavras do cotidiano, ditas com desconforto como nesse diálogo entre Graciema e seu aluno Mancha:

– Sabe, sora, qui meu pai foi preso!

– Mas como? Se teu pai é tão legal!

– Não é o qui o soldado achô!

– Como é que foi?

– O cobrador de ônibus disse pra ele apurá mais na ca-traca.

– E aí?

– Ele tropeçou e bateu com a mão no troco e voou tudo! O Cacete e o Filó pegaro quage tudo!

– E daí?

– Daí que o cobrador disse que foi meu pai que tinha robado. O veio tocô um soco no cobrador. Foi um rebu! Como meu pai é pequeno, machucaro ele.

– Mas não podiam prendê-lo!



– Ma prendero! Veio a polícia e levaro meu pai. Ele é gago e daí que os otro tivero razão.

– Isso não vai ficar assim!

– Num vai mesmo! Vô pará de istudá!

– Nem pensar!

– Tá ducidido! Pra sê mais rico não carece di istudo!

– Mas tu não queres ir mais na frente?

– Quero!

– Então?

– Tenho outro pensá!

– Qual?

– O qui é certo é qui não vão me prendê por uns troco!

– Não me diga que...

– Digo e faço!

Nessas conversas tentava acender uma luz. E até ria de seu destino quando dizia: não é para qualquer um cuidar da miséria e esperar que no outro dia a meninada venha com uma letra e uma leitura para ver um caminho melhor. Fazia um esforço não só para pôr em ordem o pensamento, mas falava que todos merecem um jeito que renda um pouco de felicidade. E se Aristóteles a visse em seu esforço podia se convencer ainda mais que o ser humano, apesar de tudo, é possuído de razão. Na hora do recreio já não se ouvia tanta deselegância, apesar de nem sempre se evitar olhares com pedradas.



Nos primeiros dias de sua chegada, Luís Pedro Hickmann, um ruivinho vesgo, estava a movimentar a mão entre as mirradas perninhas; todos olhando para a reação de Graciema. Chegou-se ao ouvido do piá e lhe orientou com firmeza: Aqui não, meu filho. Esta é nossa sala de aula. Depois chamou-o e deu-lhe uma tarefa que pudesse cumprir. Realizada a missão, agradeceu: muito obrigada, meu pequeno Hickmann. Desde a universidade tinha um entendimento sobre as pessoas: elas querem é se comunicar e obter daí um reconhecimento. Tinha o talento da prudência e sabia medir bem a reverência e a austeridade. Suscitava ações repetidas sobre algumas virtudes e conversava com a família que era pouco mais que uma mãe que mal se segurava. Doía-lhe o estômago ao sair das casas de muitos alunos. A família dispersa – mais extraviada que família de perdiz, brincava – necessita de apelos e parcerias. E lá andava ela com histórias daquela gente. Boa vontade não se acha na rua, repetia. Nas conquistas das suas crianças avaliava com os pais que se enchiam de satisfação. Que era para cuidarem dos seus alunos, mesmo que não cuidassem. Até pintar casa pintou. Pediu para a receita perdoar uma empresa de construção em troca de tintas. Era de ver tábua nova e os amarelos, os verdes e os azuis dando visão melhor para os habitantes. Compreendia que os lugares ajudam na história, e era a história de sua gurizada.

Quem pouco fazia até buscava mais e dizia: a genti faiz o qui pode; e a Graciema tinha um jeito de explicar que mesmo os restos de família se multiplicavam em algum desvelo. A escola Pe. Luiz Serraglio era um lugar de grande impressão; as palavras e ações repetidas na direção de ideias e sentimentos faziam virtudes. Mas, de modo especial, a Graciema dava um nítido exemplo de que educar é moldar o barro da alma. Quando o tal de Pedroso, pai infiel, cuspiu-lhe na cara palavras grosseiras – até um



lixero ganha mais que tu e meu piá não carece destes istudo, vai trabaiá sim! – ela apenas respondeu que não é só o dinheiro que deixa bem as pessoas. E foi mais fundo: posso até pôr no lixo o meu contracheque, mas o ofício que tenho é de deixar bem quem entra nesta escola. Seu Pedroso, não faça isso com o Felipe! É um piá de cabeça boa, pode ir mais na frente com uma escrita e uma boa leitura. O que o senhor acha? O que estava para virar tempestade virava uma brisa. Tá bem, fessora, ele fica mais um ano. Concluía-se a conversa.

Mas a sorte lançada não estava para ser afastada por apenas uma professora. Muitos se perdiam por aí, e, só de pensar nos resultados, Graciema sentia dor em todo o corpo. E sabia que para muitos ela era a única oportunidade. Havia, também, da parte dela uma arte muito apreciada. Se não obtinha tudo que esperava, tinha particular emoção nas histórias que narrava. As crianças ficavam fascinadas quando, em diferentes tons e diversas palavras, tomava conta das histórias. Passados muitos anos ouvia de vários deles que a impressão dos exemplos foi tão viva que fazia que não desanimassem. Apreciava a história d’O Menino e o Monjolo.

Tinha um colono, um pedaço de terra tinha ele, pequeno demais e de muita pedra. Passava um riozinho. Aí tudo era pequeno e a casa mais pequena ainda. Na terra plantou mil pés de erva-mate e no riozinho pôs um Monjolo, de onde tirava uma erva apreciada e bem vendida. Mais outro pedacinho de terra comprou e mais outro monjolo pôs no riozinho. Quase ficou rico. Comia pão novo com mortadela e queijo. Sempre tinha sobremesa. E fortificava o pensamento e a vontade com cada um, desenhando e reescrevendo a história d’O Menino e o Monjolo. As tintas, as histórias, os escritos escolhidos e os exercícios de



fazer um bem por dia comoviam e ajudavam. Com tudo isso a metade não saía do chão. Quando era criticada em seu trabalho, exagerado para muitas colegas, respondia: e o que será sem ele?

A diretora

Bem ao contrário do caráter da Graciema, era o da Grieca, a diretora. Dizia para quem quisesse que, se não fosse diretora, seria bandida. A muito custo conseguira dominar seu instinto natural para a violência. Espreitou a bondade e, definitivamente, tornou-se solidária à custa de paulada, dizia ela. O sabor dos outros brotou somente aos vinte anos. Quase que repentinamente viu que saía dela o sentimento da maldade, e o viço da justiça, então, tomou-a por inteiro. Entretanto, não perdeu seu caráter precipitado de fazer acontecer o que entendia que deveria ser feito. Nascida aí na vila, tinha tudo para se sair mal. Se dependesse de exemplos e condições da casa, não passaria de uma ladra ou de uma puta. Saiu-se, porém, sobranceira das inclinações dos gens. Por isso não admitia, assim no mais, perder pra qualquer dificuldade que se impunha no caminho das decisões de sua escola. Falavam alguns que conseguiu sair-se fortalecida de uma violência contra a humilhação por causa de um anjo que a tinha sempre pela mão. Outros, que a mãe, a qual nem ao menos sabia de seu pai, contava que, já ao nascer, saltara sentada a meio metro, esticando todo o cordão. Dizia Grieca para todos: não se enganem, só eu sei o pão que comi. A graça foi uma professora que eu tive. Todos os dias repetia: não aceita a pobreza, estuda, que é um dos jeitos de acertar. Acertei como ninguém. Deus tinha o tamanho da prô e de minha mãe. Cá estou.

De fato, bastava vê-la pela frente para perceber o grau de sua fortaleza. A alma saltava-lhe dos olhos. Dizia insistente que era como o olho: não fora feita para ver a si mesma. E dava gosto de vê-la pelear por uma boa causa. A piizada tinha um



sentimento superior por ela. Homens e mulheres tinham nela proteção. Afinal a garantia da vila tinha nela um fio forte que a costurava e a deixava protegida. Os olhos não tinham somente a força dos que veem coisas. Alguém já dissera que, se tirassem da vila, de uma vez, a Grieca e a Graciema, nem as tábuas das casas ficariam de pé. A alma da vila estava ligada aos olhos dela. Para se ter uma ideia da força de Grieca basta conhecer alguns fatos.

Nas loucas brigas de faca Grieca era chamada nos desesperados gritos de medo. Nenhum medo se possuía dela. Ao contrário, subia-lhe um desejo oculto de estar no meio daquela dança das facas. Punha-se entre os contendores e mandava que baixassem as mãos, e não tinha quem não lhe entregasse, até de boa vontade, as armas que brilhavam. Mandava para casa os brigadores e que fossem criar vergonha, dizendo que se não sabiam fazer coisa melhor que nem andassem por aí. Aí era lugar de gente.

Mal se controlava, porém, quando entrava no meio da briga. Por muito tempo se arrependeu por não deixar uma das danças continuar. Estava fascinada com os movimentos. Onofre de branco e Glauco de preto faziam um balé com movimentos silenciosos. Nenhuma palavra, parecendo haver um prazer na própria peleia. Em cada tentativa relampejavam as armas brancas e, por vezes, se tocavam com um chiado brusco: toque violento dos ferros. Havia em seu peito um desejo antigo de matar e entrar na onda dos pés que se moviam. A morte dava-lhe prazer naquele divertimento. Despertou para o que fazer quando Glauco, numa distração de Onofre, feriu-o no ombro esquerdo. O sangue saía, pondo um fio vermelho que descia. Gritou mais que o necessário. Mais tarde refletia: foi para espantar o meu próprio desejo de meter a faca na jugular. O grito de basta! terminou com tudo. Mandou que Glauco buscasse na escola o material de pronto so-



corro. Este foi, sem pestanejar, aliviar a ferida que marcara em Onofre. Depois de suturada a facada, falou grosso para os dois. Não pensem que esta vila é lugar de briga. Da próxima vez me convidem para ver quem vai morrer, mas não aqui. Assim não atrapalhariam quem quisesse viver. E humilhou os dois ao dizer que mal sabiam pelear. Mais pareciam duas meninas aprendendo a dançar. E convidou-os a fazer parte do grupo da Terceira Idade, que aí, ao menos, aprenderiam alguns passos. Vê se arranjam umas facas decentes. Que briga sem graça essa, de um se defender com uma faquinha de merda e outro atacar com um facalhão que nem água corta! E do jeito que dizia, não ofendia.

Quando se dirigia até a prefeitura, com sua comitiva, para solicitar arrumação na rua ou um novo professor, mais parecia que armava uma revolução, e o armistício só vinha quando conseguia o que havia sido solicitado. Um secretário do alcaide resolveu, por tantas vezes vê-la, pedir que não viesse incomodá-lo por um ano. Antes não tivesse falado de sua insatisfação. As palavras, que no início do discurso apenas sibilavam, passaram para um tom severo: poderia me poupar de tuas palavras que eu lhe pouparia das minhas. Lá veio a torrente de uma fala armada. Se venho pedir um aprendizado profissional é para evitar a ofensa de deixar os meninos e as meninas sem destino. Sei que este país tem uma injustiça grave na distribuição dos recursos, mas isso não justifica que não se tenha o necessário para minha vila. Estarei aqui todos os dias enquanto os meus alunos não puderem aprender uma profissão. Tenho certeza de sua bondade e da próxima vez serei menos delicada.

Por vários dias se sentia intranquila quando acozasse uma grande necessidade escolar. Era certo, podia se esperar; houvesse o que houvesse, ela explodiria até seu instinto ficar satisfeito.



Somente desse jeito conseguia realizar algo de bom para aplacar sua falta de serenidade. Isso aconteceu numa reunião com os representantes do bairro. Quero dizer que não podemos ficar quietos vendo o que acontece. Nossos alunos estão sofrendo de fome e de frio. O alimento que tem é o da escola, mas é insuficiente. Tem o Ângelo, o Santo, o Ventura, a Letícia e a Graça que saíram da escola no último mês. Buscam agora, daqui para ali, uns trocados. Assim foi que aconteceu um plano de ação imediata. Voltaram as crianças para a escola e conseguiram junto à secretaria de ação social as mínimas condições para a família. Mais urgente se tornou a proposta do aprendizado profissional. Assim se percebeu e assim aconteceu. Grieca andava de um lado para outro, feito louca, até tudo estar mais ou menos parecido com a dignidade que ela imaginava possível. Viam-na agitada de cima para baixo na vila. Certo dia a avó que cuidava da Graça encontrou um parafuso e falaram na escola que era um parafuso da professora Grieca. E, rindo, diziam não saber se era do coração ou da cabeça. Grieca confessou também não saber, mas que lhe dessem o parafuso, pois o que levaria como lembrança dos dias pesados pelos quais andava e que o parafuso não se fixaria na cabeça nem no coração enquanto todas as coisas não fossem bem encaminhadas.

Ainda por esses dias de sua inconformidade, foi a uma missa celebrada no Centro Comunitário da Leão XIII e ouviu de um padre que todo o sistema estava errado. Apelou para Cuba e Nicaragua como lugares da salvação popular. Falava do capitalismo explorador e do socialismo salvador. Que seria necessário até de espingarda na mão destruir a opressão. Após a missa, Grieca disse-lhe que o povo ainda prezava de coração a Jesus Cristo. Quanto à revolução concordava com sua necessidade, mas não era destruindo tudo o que havia pela frente. Concluiu questio-



nando: acaso neste país de políticos irresponsáveis, o pai Estado vai tomar conta de tudo? Seria uma boa coisa acabar com todas as pequenas empresas que mal se sustentavam? O que a Igreja estava fazendo pela vila era muito, mas muito haveria que se fazer. A preparação profissional e a atenção dadas às crianças pela entidade diocesana eram iniciativas elogiáveis, mas não suficientes. A nervosia da diretora e seus exageros, entretanto, rendiam bons frutos.

A morte de Juliano

Juliano não sabia ao certo de onde vinha aquele injustificado sentimento de mal-estar. Certo era que nos últimos tempos uma indefinida tristeza estava, sem reservas, se manifestando em seus sonhos. E neste estado tinha as suas reflexões. Insistia em pensar que alguns têm a morte como o fim de tudo. É como o apagar de vela. Estes são ateus. Alguns têm na morte a certeza de um céu, onde a felicidade é gratuita. São os crentes ingênuos. Outros, ainda, têm na morte uma esperança de jeito incerto. Apenas confiam na bondade última da natureza. Juliano meditava mais ainda: para os que estão para morrer ela não tem nada de trivial, porque a morte lhes diz respeito. Para aqueles que vivem à tripa forra, a morte é trivial, pois que não lhes diz respeito. Ria solitário por lembrar que o trivial, de fato, era como três vias de Roma frequentadas pelo povo sem importância. O que lhe estava acontecendo não era uma via sem importância. Aos que morrem, a morte é uma questão de tudo ou nada. Pena é que ninguém garante coisa alguma sobre qual das duas.

Nesses pensares com saudade insubsistente, Juliano privava de suas horas. Dois dias antes de seu filho nascer, sentiu uma explosiva compressão no peito. Apenas dissera: que falta de ar mais filha da puta, tombou e assim se foi Juliano Pampa. Mal havia definido o seu novo jeito de ser, mal havia sido amado novamente e mal havia começado seu sonho que se rompeu o tempo do coração. Maquininha vagabunda aquela dele. Bem que poderia sustentar as boas intenções levadas a efeito para alegria de quem estava e de quem vinha. Nem ao menos pôde ver o rosto do prometido menino que estaria para ir em frente na história



dos Pampa. Resgataria a virtude do poder em negacear com a vida. Tão curta já era a vida e mais breve a Juliana. Mas como o domínio sobre ela é pequeno o jeito era abaixar a cabeça e partir... E lá se foi, para os de fé, ao encontro dos anjos, porque se arrependera e de alturas olharia sem nada poder fazer para sua Polinária que se haveria sozinha.

Compôs-se uma solidão em torno de Eudóxia e de seu marido, vindos de Passo Fundo, enquanto velavam o homem. Mais paciência que respeito foi o espírito da noite. Polinária ficou em casa que era para o guri não vir antes do tempo. Que fosse forte para dar conta do que viria. Pouco se tinha a dizer sobre o falecido porque pouco havia sido o tempo para se ouvir bons comentários. Não mais de trinta pessoas, Polinária e o Rotivaila acompanharam o enterro. E, de tão pequeno o corpo, mal se notou a diferença na terra.

Todo o lugarejo se mostrou solidário, mas deram graças a Deus ao saberem da decisão de Polinária. Iria morar com a irmã em Passo Fundo. Mal se fora Juliano e o vizinho já veio manifestar o seu interesse na compra dos cinco hectares. Todos estimularam a venda, não por temer que Polinária não desse conta do trabalho, e sim por temor de toda hora ajudar a viúva. Em dois ou três meses o lugarzinho, com todos seus habitantes, teria gasto toda a generosidade. Depois, a bondade excederia os limites do povoado. Seria exigir demais arar e fazer a terra produzir apenas na esperança do reino espiritual. Não tinham como prover para os seus, por isso mal poderiam dar o que mal tinham. Já se aplicavam com extrema ocupação com o pouco de cada um. A vizinhança, então, se deu ao máximo para que ela levasse uma boa impressão. E como já se espalhara a história do menino, que ele retribuísse, com um milagre, a salvação daquele povinho. Ou,



quem sabe, o falecido, que morreu sem beber, obtivesse, num diálogo direto com Deus, um cuidado para que as chuvas caíssem e tudo tivesse um preço merecido. Quem sabe, dizia um dos caboclos, era um home fraquinho, um poetinha que fazia verso, mas diante do Home Veio podia sê um gigante. E contavam para consolo uma história de Juliano. Trouxera pouco do seminário: somente um português melhorado. Não correspondeu ao desejo de sua mãe pelo motivo de pouca castidade. Do pouco que trouxe vieram algumas lendas e lições. Por pior que falassem seus amigos, apreciavam, porém, a fala de Juliano com todos erre-seesses. Havia, narrava Juliano, a história dos freis capuchinhos que cantavam em seu convento, e cantavam tão mal, que, para não machucar os ouvidos, poucos iam celebrar com eles os ofícios de todas as horas. Ao contrário, os beneditinos cantavam que até os anjos invejavam; era o si, o bemol e o dó cantados todos no tom e em vozes diferentes. Tudo na maior harmonia. Toda a região fazia até turismo para ouvi-los cantar. Pois vejam que morreu um beneditino e partiu para a jornada de Deus e, lá chegando, foi falando que fazia parte daquele coral que cantava na maior harmonia. Deus descontou de suas bondades o orgulho que tinha e reservou um lugarzinho entre os mudos. Morreu também um capuchinho e Deus foi falando que estava encantado com os cantos que entoavam. O capuchinho, desconfiado que fosse gozação, falou: desculpe, acho que o Senhor está me confundindo com um beneditino. Nós cantávamos com vozes sem talento. Deus foi incisivo, dizendo: sentarás à minha direita! Aprecio quem canta com o coração.

Usavam a história de Juliano para dizer que Deus o tomara para si, apesar de sua pequena altura e da cachaça bebida. Afinal, havia sustado o seu impulso e dava exemplo de que caboclo também tem vontade.



Nasce Juvelino Messias Pampa

A vida de pobre é esguia. Talvez por isso o piá veio deslizando com facilidade. Não careceu de exames e de acompanhamento. Foi assim com Juvelino, o menino que surpreendeu já ao nascer. Polinária ia tirar o último leite da vaquinha Teimosa e tratar pela última vez o Jasmim, quando, entre o galpãozinho e o rancho, deu para vir o menino, precipitando-se. Ali mesmo, entre duas flores, nasceu o guri. Veio a água e atrás o menino. Mal conseguiu aparar o danado. Ainda seguro pelo cordão e já nos braços da mãe. Antes de qualquer outra coisa buscou o seio, faminto. Correram duas vizinhas que estavam apoiando e foi aquela correria. Deitada sobre o feno, completou-se o serviço do parto.

Riam na bodega do primeiro feito do guri. Onde já se viu nascer enquanto a mãe caminhava. Saiu pelas ascendências: quatro quilos de grandeza. Bolas e voz não lhe faltavam. Nem bem completara a primeira mamada deu no grito de quero mais. Pensou Polinária: se é pela decisão de chegar e comer o piá vai longe. Recolheu-se a mãe em suas orações e não faltavam pedidos de: que fosse forte e bom e que virasse essa história pelo avesso. Santo Anjo do Senhor, ponha a mão no ombro do piá e não deixe que morra pobre como o pai. Que encontre uma mulher que o faça ainda melhor. Que ela seja austera, se ele for de pouca vontade, que seja querida quando ele for amável. Sabia das dificuldades da raça feminina em governar bem um coração de homem. Meu Deus, que eu consiga ajudar na missão que tenha. Amém. Nem ainda terminara a oração, nem dando tempo para uma Ave-Maria, lá estava ele de bocão aberto.



A correria de pega isso, pega aquilo, é assim, não é assim, tá na hora, dorme bem, dorme demais, fez cocô, fez xixi, já mamou, tá com fome, que ticão, e tudo que se diz de um menino bem cuidado, se estendeu por cinco dias. O suficiente para tudo se encaminhar e tudo estava em ordem.



Polinária vai embora

O lugarzinho se esforçava muito para causar uma boa impressão no coração de Polinária. E se Juliano fosse vivo perguntaria: por que se desdobram tanto em torno de uma criança que nasce? Há sempre uma esperança maior que venha um ser melhor, responderia para si mesmo. As mulheres se cotizavam tanto que se o menino pudesse comentar diria: tudo isso por causa de mim? E era. Até uma cuequinha foi dada, tamanha era a boa vontade. Erguiam seguidamente o menino ao alto falando: que belo machinho. Falavam com muita satisfação em torno do piá bem dotado para que Polinária se animasse com sua produção. Na verdade estava muito abatida com a morte de seu mirrado Juliano. Tinha razões sobrantes para chorar todas as lágrimas pela perda irreparável de seu homem. Afinal quem é que lhe daria um minguado prazer? Entretanto a vida seguia em frente como lhe provavam as mulheres ao mostrar toda atenção para com seu piá. Numa dessas horas em que faziam festas para sua criança, tomou-o contra seu peito e falou: Juvelino será o nome dele uma vez que Diana falou que teria longa vida, e mais vida à pobreza que não era pouca. E para que se cumpra o prometido dela farei de tudo. Juro que não faltará nada ao meu garoto. É verdade que não estava levando muita sorte nos últimos dias. Mas aí estava uma prova de que a vida não lhe era tão aziaga. Cinquenta por cento da profecia já estava garantida: era um piá.

As vizinhas já rareavam no cuidado, mas nenhuma das noites ficou sozinha, apesar de a casinha não comportar mais de um quarto. Torciam, porém, para que fizesse a venda das terras. Apareceu o interessado gringo que fazia tempo andava de olho



no pedaço. Todos os homens do povoado entenderam que o preço oferecido era justo e o comprador, confiável.

Vendeu apenas três hectares. Era o dinheiro de que necessitava. Arrendo o resto, o que vai dar um pequeno recurso anual. Não se desfez de Jasmim que amava de coração. O Rotivaila, mesmo que não assustasse ninguém, iria com ela. Aliás o cão havia demonstrado uma solidariedade absoluta. Por mais de cinco dias se abateu na ausência de Juliano, mas, depois, quando via o menino, saltava de alegria. Sugeriram que batizasse o filho antes de partir. Haviam lhe dito que não dá sorte viajar com um filho pagão. O padre, que admirava mais a Fidel que a Jesus, derramou a água e acrescentou ao Juvelino o nome de Messias, justificando que, para tanta injustiça, haveria de ter o nome de lutador.

Na noite anterior à vinda juntou tudo que haveria de levar, e era tão pouco que coube numa só mala. Por bondade de um granjeiro os pequenos móveis vieram numa caminhonete.



O repórter da vila

De muitas e muitas notícias falará Píndaro Ataíde Nunes. Antes que fale, é bom que se fale dele. Um intelectual dentro dos limites de sua vila. Queria fazer de sua vida uma trajetória extraordinária, mas o que conseguiu foi uma vida somente cheia de boa vontade. A verdade era que o homem sempre tinha uma vocação extravagante, tentando fazer o elogio de sua aldeia. Via o valor das pequenas vidas que o rodeavam. Seu pensamento se conformava: uma dor de barriga de um rei é a mesma dor que pode doer num caboclo. Apenas variava a repercussão do fato. Engendrava suas interpretações; que gente posto de igual identidade não se põe fora. O problema é que ficam onde se põe, não mais buscam o que busca um pelincho preto. Estudou na universidade até a metade do Curso de Letras. Quando entendeu que tinha suficiente arte da literatura saiu, mesmo sem dar satisfação aos pais. Quando lhe argumentavam: você pode ser um grande professor, respondia que, com uma gaiota bem conduzida, teria melhor recurso que no magistério. Os fatos se dobraram à sua decisão: tornou-se um ótimo gaioteiro. Amava seu ofício e seu cavalo. Num dia de extremo frio, quando o minuano batia forte na lombada de Bom Jesus, estendeu seu melhor cobertor no lombo de seu cavalo Astrogésilo, ponderando: nem os cavalos de Napoleão tiveram os cuidados do meu malacara. Cuidava do animal como coisa essencial, o resto era acidente e circunstância.

Não se pejava de andar de cima para baixo recolhendo bagulhos e papéis inúteis. Afirmava Píndaro que, com seu animal, criava um ambiente de campo dentro da cidade. O que aprendera na universidade não seria posto fora, pois que as pessoas



apreciavam belas palavras e sua vila poderia ouvir dele palavras de estimação, fora o que aprenderam da professora Graciema e do exemplo de Grieca. Lia Tolstoi e Bernanos e seria o repórter de sua aldeia. Entretanto, quando dizia: um império não significa mais que um pátio e que suas gaiotadas de papel tinham a importância de um caminhão-cegonha, poucos lhe davam a devida atenção. Afirmava que seus escritos poderiam ter o valor dos escritos de Guimarães Rosa. Grieca, certo dia, ousou duvidar de sua pretensão e, direto como ela, respondeu: senhora Grieca, é claro que o sertanejo está bem servido com o alto falar de Rosa e por que não estaria bem servido o vileiro com minhas pequenas crônicas. Posso não ser um intérprete fascinante como Rosa, mas o conteúdo de minha prosa não será de menor importância.

Para mostrar o quanto tinha em reverência os fenômenos de seu lugar, entregou para Graciema dois pequenos textos, oferecendo-os como gratidão de seu aprendizado.



A bicicleta do vizinho

Era entardecer de um natal – a pública hora no entender de Borges em que muitos sentimentos margeiam a bondade – eu vi meu vizinho pondo uma criança na grade branca da roda traseira da bicicleta. Assim se chegou à casa da vizinha, que carecia de um homem para que lhe ombreasse a solidão. Assim em ambos se afugentava a falta humana e outras ausências. A mãe da menina e ele, vigário inconstante da confiança, juntaram o que lhes sobrava da vida. Mas como toda promessa solicita condições, faltava-lhe a virtude da persistência. Nele se escondia uma antiga raiva que o fazia vítima. Não havia um caráter consistido na reverência. Mal se havia passado um mês, vieram as reações inesperadas, uma criança triste e uma mulher inconformada. Saiu de casa, dizendo sentir por ser assim, e que iria embora para ver se encontraria a vergonha necessária. Voltaria novamente se acaso conseguisse ser fiel. Voltou um ano depois, dizendo que o perdão era para ele como o pão. Ela falou que se havia perdido a confiança. Disse, então, que fizera um treinamento. Exercera a paciência e a gentileza. (juntei os parágrafos) Uma semana depois do retorno e ao chegar uma das tardes, a mulher olhou para ele com desvelo. Valeu o retorno da confiança. Por mais de dez anos persistiu a paciência, e a solidão se afastou.

Era entardecer de um natal – a pública hora no entender de Borges em que muitos sentimentos margeiam a bondade – eu vi meu vizinho pondo uma criança na grade branca da roda traseira da bicicleta. Assim se chegou à casa da vizinha, que carecia de um homem para que lhe ombreasse a solidão.



O julgamento do pássaro marrom

Os meninos encardidos caçavam pássaros limpos no loteamento da Lucas. O resultado final foi um pintassilgo, um cardeal e um marronzinho desconhecido, sem preço. O que fazer com um animalzinho sem nome? Ele esperava a decisão. Esperou impassível o que lhe viria. Ao menos teria algumas palavras e não uma sumária condenação. Elas, porém, não estavam ao seu favor. Duras foram. A princípio sua sorte estava selada. Pouco desvelo de quem não fora desvelado.

- Se não se vende pode se comê!
- O bichinho é virado em pena. Só tem uns ossinho.
- De tão feinho é capaz de a carne não prestá!
- E nem cantá ele sabe!
- Vamo, então, soltá pra vê o jeito de avoá!

Resolveram dar liberdade ao parecido irmãozinho. Soltou um trinado feito uma flauta. O que valeu outra apreciação!

Então é você o cantorzinho das tardes? Não canse de esperar. Da próxima vai cantar numa gaiola. Trinou um canto na cana de um pé de vassoura. Não cantou mais, que o resto estava reservado para o entardecer. Valeu-lhe o jeito de ser, em tudo se punha de forma igual: sua cor, seu silêncio e seu tamanho, igualzinho aos meninos.

Graciema apreciou as crônicas da vila. O contentamento de Píndaro foi como se uma grande editora assumisse seus escri-



tos. Falou que mais ainda iria se dedicar, poria uma dura disciplina. Além de sua gaiota iria orientar seu escrever. Esta é a condição do meu aprendizado: sem minha ação não terei nem meu ser nem meu dever. Ele estava disposto a não perder o momento, praticando o que ouvira de Graciema, quando aluno: a vida não deve ser medida pelo número de respirações que fazemos, mas pelos momentos que nos tiram a respiração. E ria em seu pensar: e de cima de minha gaiota dá para prender a respiração com os acontecimentos. Não era afeito a grandes ideologias, as quais, dizia, serviam mais para cegar e matar do que para resolver. Amava a prática alegre da revisão de conceitos e o despertar da mente para os melhores resultados a serem colhidos em conversas de boa argumentação. Nos últimos tempos apreciavam, na vila, um gaioteiro que falava tão bem. Não desprezava a vã filosofia das coisas materiais. Queria crescer também em seu ofício, provando a possibilidade de fazer um trabalho de renda com um trabalho de pouco prestígio. Distinguia razoavelmente entre o ser e o ter. Falava, entretanto, que sem o segundo, o primeiro sofria a ponto de se labutar em vão em grandes ideias. Andava entre ambos, sonhando sobre acontecimentos de boas proporções. A verdade, dizia, é uma quimera existente somente nos entendimentos que se tem em torno das coisas, por isso as conversas merecem toda a atenção: o confiável existe entre as pessoas, contanto que ninguém ficasse de fora.

No meio dessas considerações, recebeu a notícia de que viria um menino que poria ordem na desordem da vila. Ria consigo: sempre a esperança de que venha alguém e, puff, a sorte está lançada. Entretanto, perguntava a si mesmo: se tal fato correspondesse à realidade, a quem caberia a difícil tarefa de ser o instrutor de um menino com aquela incumbência? Quando soube da notícia lida nas cartas de Diana, a caçadora das sortes, riu-se



de segurar a barriga. Pronunciou na bodega: bem que acreditar na imaginação dá um gosto de viver. O Chico e o Soledade advertiram Píndaro: não se brinca com as conversa de Diana, ela sabe dos mistero. Memo eu fui, pedi que lesse as carta pra mim, comentou Soledade. E o que deu?, perguntou Píndaro. Deu que seria pobre até morrê. Por inquanto acertô.

A chegada de Juvelino em Passo Fundo

Difícil é saber se o amor de Polinária era destituído de qualquer interesse pessoal. Se o menino estivesse bem, certo seria também seu bem-estar. O certo era: daria tudo de si para o menino.

Na madrugada, muito antes de ir até Ronda tomar o ônibus a Passo Fundo, levou o menino ao alagado. Banhou-o com ternura, pedindo às águas que o protegessem. Ao passar pelo Jasmim, prometendo levá-lo a Passo Fundo, pediu que também rezasse pelo piá. Afinal, nunca se sabe de que forma Deus realiza seus milagres.

Das gentes do lugar, chorava um olho e outro se alegrava: de uma parte se aliviavam de um cuidado e, de outra, entristeciam-se de ver a situação de Polinária, o que lhes poderia acontecer também. Oi, que pobre sofre, falava o Geremias. Isso diziam por dizer, não levando a sério o que acontecia. No Jasmim que Juliano a pusera, grávida, agora, vinha de Juvelino no colo. Uma lágrima grande caiu de sua face e pelo corpo do animal, ao se lembrar de um escrito do homem. Havia até palavras que não entendia, coisas que só ele matutava.

O menino estava sereno no trote miúdo do Jasmim. Ao passar pelas casas da beira Polinária sentia uma saudade cortante e tinha que deixar essa dor em qualquer curva. Ia do lado o irmão Teodósio, para quem falou: mano, o falecido queria que o menino fosse criado num lugar que tivesse muita água e mato.



Estou com remorso de não dar isso pra ele. O tio logo respondeu: tenha nenhuma preocupação. O desejo vai ser cumprido, mana. Manda o piá sempre de volta. Manda o piá cumprir o desejo do pai dele. Tinha razão o falecido: pra educar uma criança carece de natureza, entre árvores e animais. O coração de criança só fica bom no zunido das abelhas e com flor onde se olha. Faz bem nas ideias de um menino a mistura de um canto de passarinho. A estradinha com sua gente conhecida faz bem para as atitudes. As palavras dizendo as mesmas coisas fortalecem a vontade. O Juliano vai ter um lugar aprazível dentro da minha casa. Em agradecimento ela falou: obrigada! Sozinha não ia cumprir nem a metade do dever de ser mãe. Teodósio finalizou: mana, se sei do sangue que você tem, case se quiser! Tem nossa inteira autorização, mas mostre a cara do homem que é para ver se presta. Tu merece coisa boa e o afilhado também.

Chegaram em tempo do ônibus em Ronda. Cantavam os galos na cidade. Teodósio apreciava o lugar pela memória que tinha dos tropeiros que vinham de toda a parte. E não perdia tempo de maquinar no pensamento: viagens tinham de grande esperança, a mesma que alimentava Polinária. Em conversas com fogo de chão comentavam de ouros escondidos e de grandes assombros, de fortunas em dobrões e de corotes com vinténs. Tudo na maior sonhação que pobre e estradeiro se dão bem na imaginação. Que assim é melhor que achar, porque se encontrassem, gastariam. O ouro, desse jeito, fica reluzindo para sempre nas histórias.

Com desejos de bênção e proteção roncou o ônibus na tristeza de um rápido adeus. Despedida dura fora quando deu adeus ao Juliano em seu bagulho de sepultura em terra nua. Não tinha certeza de como se comportaria o coração e outras partes sem o



devido consolo juliano. O menino viajava ausente de tudo; a ela cabia fazer o melhor para que se cumprisse a leitura de Diana. Não era sempre que alguém dizia que um menino poderia virar os arreios do tempo. E ela estava com o menino nas mãos. E argumentava dentro de si: este cheiro de óleo queimado, esta poeira já de manhã não é para quem promete ser um grande homem, mas está por nascer quem saiba todos os caminhos de Deus. E não seria ela a pôr dúvida nas promessas do Senhor.

Pouco antes de chegar a Passo Fundo, Juvelino mijou de atravessar os panos e molhar a roupa da mãe. Entendeu Polinária daquela torrente de mijo: o menino quer dizer que aí é seu lugar. Quase uma cerca toda seria necessária para secar a roupa e os panos molhados. Se não fosse esse o significado, qual seria? Quem já viu mijada tão extraordinária? Na Avenida Brasil ainda triscou-lhe um pedido: Ah! Meu menino, venturosa será a hora de você devolver o meu cuidado em felicidade.

Era o Píndaro quem esperava Polinária na rodoviária e, na gaiota, o Astrogésilo. O gaioteiro torcia para que o animal se comportasse e não fizesse feio. Que menos ainda fosse fazer sujeira na rua, na frente de uma dama. Não poderia desapontar Eudóxia, que lhe solicitara o favor de apanhar sua irmã. Falou mais: é o menino que te falei. Dá uma mão pros dois. Píndaro, ao ver a mulher e o menino – era esse o sinal combinado –, desconfiou que do meio de tanto vento, umidade, trapo, calor e poeira pudesse vir qualquer salvação. Mas como aprendera que das águas, da terra, do ar e do fogo surgiu a vida, melhorou sua crença no menino. Polinária, ao ver o homem se dirigindo a ela, ajeitou o cabelo que o vento desajeitava. Ele apresentou-se, dizendo de seu ofício de gaioteiro e que era um bom taxista dos dias sem chuva. Carregava mais coisas que um carro e que, por pedido de Eudó-



xia, não cobraria nada. Mais tarde tentava lembrar-se se fora aí que seu coração se inclinara na direção de Polinária. Dizia em sua prosa: acho que meu coração virou uma tangerina iluminada pelo sol. Falava mais: quase tenho certeza que foi, ao ver os olhos fundos dela, que se esquentou meu peito. Foi trazendo sacolas, sacolinhas e uma mala velha, um baú e um estojo protegido por um veludo negro. Mal se continha o homem de tanta curiosidade. Tomou nas mãos o menino e deu graças a Deus por olhá-lo no rosto. Veio-lhe uma inspiração dizendo que poderia ajudar a criar o piá mijão do qual tanto se prometia. Alcançou a criança depois que a mãe se firmara no banco, coberto com um pelego cor de fogo. Antes de o casal tomar o rumo da Vila Bom Jesus, falou no ouvido de Astrogésilo: pelo amor de Deus, não me faça feio diante da mãe e do menino. A dignidade de uma dama tem lá seus cuidados! Te segure!



Conversa de Polinária e de Píndaro sobre a gaiota

Um alto respeito deveria presidir o transporte, e seu coração estava pura alegria. Sentia: despertavam sonhos em pleno meio-dia. Sua alma se derramava sobre as sacolas. Um certo fervor se fazia com as duas criaturas. Foi dizendo ternuras pelas beiradas. Vim porque Eudóxia pediu. Quero muito a ela, ao seu marido e aos filhos Marta e Sílvio. Nem bem haviam chegado ao colégio Cecy Leite Costa que a conversa mostrava a identificação entre o gaioteiro e a caroneira. Polinária sentia um laço invisível que se estreitava amável na conversa.

– Não esperava que alguém fosse me esperar na Rodoviária.

– Que palavras bonitas você tem.

– É que meu falecido marido, que Deus o tenha nos braços, arrumou minhas palavras.

– Sou muito curioso, e para mostrar minha curiosidade: o que tem neste estojo tão bonito?

– Um violino.

– Um violino?

– Um violino, um violino que era do tataravô do Juliano, assim se chamava meu falecido marido.

– Veja, Polinária, tem nobreza neste veludo e está tão bem



conservado!

– Diz a história que o velho Bamberg, assim se chamava o tataravô, e que o bisavô passou a se chamar Pampa por causa da surdez de um escrivão. Dizem que o homem velho era muito forte. Foi um rico que a pobreza pegou. Foi se perdendo de geração em geração e sobrou este violino.

– E toca?

– O Juliano falava que, se alguém da família aprendesse a tocar, sairia da pobreza. Juliano tentou, mas achou muito complicado. Aprendeu apenas tirar um som de uma violinha que ficou lá na Ronda.

– É verdade o que disse a Diana?

– Do menino?

– É.

– Ouvi dela tudo que disse ainda quando ele estava em mim.

– Você acredita na Diana?

– Não sei dizer ao certo. Acho que tenho mais esperança do que fé. Mas se Deus pode tudo, pode fazer uma vila melhor na mão de um guri.

Depois disso se fez um silêncio invadido por uma energia que ambos sentiam ser a mesma. Veio logo a seguir uma meditação do homem dos carretos: não sei o que fazer com esta colona de olhos fundos. O que deu de se prender nela minha alma tão de repente? Como se salva uma pobre-humilde-gente-suja e de-



vagar? Libertar de velhos costumes é mais difícil que pôr a mão na lua. Está muito acostumada a dispensar as desalinhadas horas sem pretensão de muita coisa. No verão, na poeira, e no inverno, na fumaça da lenha verde do mato da Lucas. Confesso a Deus todo-poderoso, onipotente e de todo lugar, que meu peito converge no pensar de que gostaria de ajudar. Vamos ver por qual caminho me guiará o vento.

Píndaro só acordou de seu vagar quando Astrogésilo vergou para a direita depois da Brigada Militar. Estamos chegando. Vai ser o lugar do menino. Polinária elogiou o trote do cavalo e agradeceu a bondade de Píndaro. Ele respondeu que, se a condução tinha lhe agradado, faria gosto de lhe servir mais. Que se servisse de sua amizade que começou tão boa. Ela percebeu que estava dividida. Parte de seu rosto sorriu pelo desejo de dizer que o dono da carruagem lhe agradou mais que tudo, mas outra parte mostrou-se saudosa. Juliano era um homem que ao menos merecia uns dois meses de recordação, antes que seu espírito se desse ao luxo do infinito com seus caminhos divinos.

Píndaro e Graciema se confortam

Chovia, tarde boa de se conversar. Píndaro foi ver Graciema. Duas razões circunscreviam a visita até a escola. Uma era, mais uma vez, demonstrar seu talento de escritor que pedia reconhecimento, e outra era uma pedagogia, no caso de Polinária aceitar pedido de casamento que lhe andava na ponta da língua. O amor tem disso, dizia: é rápido como vento e faz andar sem medidas. A pedagogia era para o menino. O piá já estava quase com dois anos eurgia um homem para imitar a vontade masculina e fazer a alma se inclinar para a observação dos fatos com graça, sabedoria e decisão.

Professora, que a senhora me conduza na arte de conduzir um guri! Missão quase impossível, falou-lhe, amarga, a Graciema enquanto tomava e oferecia um chazinho na hora do recreio, a piazada corria atrás de uma bola murcha no pátio. Outro dia te direi com quantos paus se faz uma canoa, ou, ao menos, tentarei explicar com qual medida se faz um homem. Olha que hoje estou para dizer que é mais fácil ensinar um marreco a voar que pôr em ordem essas crianças. Hoje estou assim pelo fato de o marmanhão do Alexandre ter quebrado uma costela do Túlio sem nem ligar para os gemidos do piazinho:

– Desculpe, Píndaro, hoje não se reflete em mim uma boa opinião. Amanhã, talvez.

– Me desculpe ter vindo atrapalhar nesta hora ruim. Mas como a senhora me ensinou: nada melhor que um outro depois de um dia.



Riu-se a Graciema:

– Não foi bem assim que eu ensinei.

– Pois é, querida prô, as coisas como estão passam como as nuvens negras. Se uma desaparece outra surge. O nascimento dessa gente que eu desejo revelar é mais ou menos assim: no meio da manhã correu na vizinhança a notícia do nascimento de uma criança. O sol nem piscou pela novidade, entretanto o que é uma criança que nasce aqui? Conto, então, esta crônica para a senhora se consolar.



O urubu do Feijão

Feijão, um redondo mulato guardado por eterna alegria, era de nome Gerônimo Quadros Leal, que veio infelizmente de onde ninguém sabe ao certo. Comprou de seus últimos trocados uns arames e montou uma gaiola para guardar um urubu. Coisa de mau gosto, diziam todos; mas Feijão defendia a ave preta. Todos garantiam que o animal voador não encarnava boa coisa, e, por mais que trinasse para ele, jamais chegaria a corresponder às pretensões do ensino de Feijão. Os familiares, envergonhados, perguntavam se não havia coisa melhor de se guardar, que fosse, ao menos, um pássaro cantor. A resposta vinha mais cheia de fantasia que de realidade. O dia em que sua ave cantasse, todos os outros pássaros ficariam de bico quieto de tanta admiração. Ali, dizia, se guarda uma voz preciosa africana mais bela que a de Steve Wonder.

Numa noite, o Felipe, filho do negro Feijão, que desconfiava das crenças de seu pai, disse ter ouvido toda a perfeição de um trinado novo, apenas mais firme, parecendo Carreras, coisa que ouvido humano nunca experimentara. Outro dia, com base nas afirmações de seu filho e no seu desejo, confirmou que o urubu cantou e depois o animal entregou seu espírito.

Imaginação de pobre é que tem poesia. O que a casa não concede, os sonhos fabricam e as lendas confirmam. A ave recebeu um enterro da maior honra. Feijão acreditou na dignidade de uma alma africana que havia habitado seu pássaro triste.

Graciema desatou a rir do pequeno conto de Píndaro. Tá bem, tá bem, vou discutir com meus alunos se é possível que um bicho tão sem graça possa cantar.



Polinária e Píndaro casam

Píndaro avaliou que seu amor era inconfundível. Já se havia confundido outras vezes ao perceber que não daria conta de dividir com alguém a sua vida. Agora não, desde que viera com ela e o piá, atravessando a cidade, havia quase uma certeza, o que veio a se confirmar quando começou a rodear Polinária no anexo provisório junto à casa de Eudóxia. Conquistou a todos da casa dela. Brincava com Polinária: não caso contigo, caso com uma instituição, que chamaria de Minha Senhora, por causa das promessas em torno do pequeno. Esse se amarrava nele cada vez mais. Foi até ela, num dia de festa, e falou em marcar a data. Polinária pediu um tempo, dizendo que ainda estava de molho. Mais de dois anos foi o tempo para que ela retornasse de sua dor. Juliano se tornara um morto exigente, parecendo ainda exigir dela atenção do pensamento e do coração. Assim lhe parecia que, dia a dia, despertava-lhe lembranças e desejos, como se estivesse por perto querendo ainda a sua parte. Em sonhos chegava vibrante, e não foram poucas as manhãs que levantava cansada de tanto atender o falecido. Certa manhã desabafou com Eudóxia: até não sei com qual dos dois eu vou ficar. Ela era bem mais decidida que a Polinária e arbitrou com sincera austeridade: o que é isso muié? Deixa de vivê na ilusão! Morreu, tá morto! Se ele foi bem produzido, mas tá morto. Retrucou a irmã: mas nem sabe o que me dá prazer nos sonhos, quando vem com tudo e me faz gemer. Eudóxia não perdoou: deixa de lero-lero, tire vantagem dos dois. Eu te pergunto: o falecido vai dá di comê pro menino? O falecido vai trazê lenha no inverno? Polinária buscou mais esclarecimento: mas não é traição ter um e ter outro? Resposta: bote na cabeça que Juliano é uma luz de lembrança que vai se apagando!



O que tu não pode perdê é esse home de nome Píndaro que anda aí vivo, de cavalo e gaiota. E pode sê e fazê mió que Juliano. Em último causo fica com quem te cuida acordada, e fica com aquele que te agrada dormindo.

– Tá bom, tá bom, vou atender as vontades de Píndaro: vou me casar.

Então, rezava, mais rezava e cantava pra que Juliano tivesse descanso. Se sentia mal com a história de ter que ficar com dois homens na mesma cama. Cantava um antigo canto pra Nossa Senhora, que Juliano lhe ensinou:

Açucena sois dos vales, sois das fontes o frescor

Sois alívio em nossos males, dais prazer a qualquer dor.

Vosso olhar a nós volvei, vossos filhos protegei,

Ó Maria, ó Maria, vossos filhos protegei.

Ao cantar, parecia ouvir a voz dele e mais ainda se confundia. Outro dia, em sonhos, surgiu ele, e veio com aquele jeito de querer. Ela foi dura com ele. Pelo amor de nosso Juvelino, fica em paz com Deus e me deixe em paz! Tenha o amor divino como suficiente e me deixe ser fiel com o Píndaro. Riu-se do jeito que os Pampa riam e disse: então só hoje! Assim aconteceu. E voavam sobre cercas e alagados, rios, fontes, potreiros, viam pássaros em namoro: papagaio, seriema, gavião, saracura, inhambu, pombas mil, e outras plantas: milhos, trigais, sojas, feijões tudo na maior multiplicação. Despediu-se ele com baita sentimento de saudade



antecipada. Ainda falou: quando cantar pra Nossa Senhora não esqueça desta estrofe, e cantou:

Sois a estrela de bonança entre as trevas a brilhar,
Sois farol de segurança a quem sulca o negro mar.
Vosso olhar a nós volvei, vossos filhos protegei,
Ó Maria, ó Maria, vossos filhos protegei.

Ela acordou-se quase morta de tristeza e de cansaço. Por um longo período Juliano ficou com Deus, vendo se o rival cuidaria bem do seu menino.

Píndaro não desconfiava que estivesse sendo disputado com um morto. Bem que teria, com certeza, mandado a Polinária, o menino e o Rotivaila a ver outros futuros. Bem que a maioria das gentes dá menos pelo que vale. Foi o que acontecia com Píndaro: pensava que a humilde mulher, viúva, pobre, com mais de trinta, estaria se sentindo em completa solidão. Jamais passou-lhe a ideia de estar sendo medido em igual proporção às qualidades de um falecido. Bem que Píndaro, dia desses, escreveu: se o pobre soubesse de sua real situação não viveria até o dia seguinte. Vive da imaginação de ter consolo um dia, ou de seu pouco ter faz uma desmedida proporção. Assim se cobre de felicidade. Pode ter venturas só de imaginar e, na perdição sentida, põe naquele que pode o que ele não pode. Ele comprovava que assim vive o pobre, e pensava, não fazendo menos de si mesmo, que Polinária talvez visse nele o único meio capaz de produzir algum prazer. Como todos, imaginava que existissem outras me-



didas.

Comprovava o seu escrito com um fato que lhe acontecera: andava com sua gaiota coberta de tábuas para a casa de um novo morador. O cliente estava animado de ver o desenho de sua casinha nas tábuas desalinhadas da gaiota. Viu a felicidade do homem com sua casinha, quase toda ela, cabendo na gaiota. Semelhante a um pardal: o animalzinho se esforçava mais que podia, não pela beleza de canto trivial, mas pela convicção que tinha sobre a forma de ser assim. Como o pobre das tábuas, estava crente de não haver coisa melhor. Com seu esforçado Astrogésilo, ao passar pela casa de Eudóxia, viu à distância a sua amada e tomou-se de generosidade, rumorejando na sua alma: meu próprio Senhor Pai dessa obra universal, por tua indefinida, mas bondosa face, assumo esta criatura e seu filho que, respectivamente, têm os nomes de Polinária e Juvelino. Doce senhora minha, prometo tomar tudo que possuí e cobri-la de glória do jeito que um ser pode conferir a outro. Mesmo quando chegar ao fim de suas diligências, nos ofícios de ser mulher, aí ainda quero dizer que me tomei de amor por ela. Se dobrar as costas, se fraquejarem seus joelhos, se a memória se for, que se esqueça de mim, ainda me esforçarei como o pardal para tirar de seu coração uma ternura, mesmo que já não saiba o que estiver fazendo. Que eu morra aí na Avenida Presidente Vargas se não for capaz de iluminar nesta mulher o seu passo.

Polinária, depois do último sonho, e tendo atenção às palavras da irmã, convencera-se de orientar seus amores na direção do mestre do cavalo Astrogésilo. Sonhou, entretanto, mais uma vez um sonho: Juliano tocava sua viola na beira do alagado. Uma canção que dizia de uma flor que agora apenas era sombra e se refletia em belas águas nunca dantes vistas. Segurando sua viola



voou sobre o alagado, onde se formava a imagem de um homem alegre, de diversos risos e de voz amena, floreios de grande cantor, modulada a voz perfeita, poesias saindo da boca com sons de harmonia de sonoridades sem imitação. Ao final ouviu dele:

Que se tenha feliz também na dor

Que vou te dar alento divino

Que desta vida já não posso dar!

Com Píndaro cuide do menino.

Da letra mal segurou o menor verso lembrado, mas da melodia jamais conseguiu tirar um sustenido. Quando acordada com os latidos do Rotivaila, único que impunha restrições a Píndaro, estava aliviada das lembranças de Juliano. Postas em pratos as dificuldades do passado, entregou-se a Píndaro, que não se apresentava inferior ao outro, não sem antes ter a certeza da data do casamento.

De sua parte o homem da gaiota começou a estreitar ainda mais os amores pelo chão de seu lugar. Tinha a convicção que o amor de si e os encantos fortes que envolvem o nome de quem quer que seja dependem dos retratos vivos das coisas que se tem, a começar pela casinha, a estrada, as árvores, os vizinhos, as dores para alicerçar os vínculos, a energia dos parentes, a escolinha, a professora, a diretora, o padre, o pastor; nem o mendigo e o bêbado ficariam de lado. Por isso foi se esmerando em mostrar para Poli, como começou a chamá-la, e para o menino uma beleza que nem Kurusawa encontraria nas pequenas portas e janelas.



Chegado o dia, o menino foi na frente com as alianças, e os dois prometeram que tudo fariam para nada faltar um ao outro e ao piá. Juraram fidelidade para os três.



Descobertas dos três

O cronista de vila, o amigo do cavalo, o mixo poeta, carreteador de pequenas coisas, lutador de causas estreitas, visionário de ásperas lutas não se ludibriava a respeito do casamento. Sabedor de relações complicadas, fez a seguinte consideração: vou cotejar minha sorte e minha família com a dela, falava assim de papo cheio – poucos começam com três – menos mal que o dia-a-dia será trivial. Temia como um rato diante de um gato a mesmice das horas. Antes de casar combinaram de comprar um fusquinha que denominaram de Rubinho, muito agradável, mas um pouco devagar. Polinária vendeu suas tralhas e as tábuas do seu puxado. O cronista, o amigo, o poeta, o carreteador aplicou-se em economias subindo para mais dez por cento o preço de seu serviço e dando mais grama e menos alfafa ao animal. O resultado de suas rendas provisórias aplicou-o na sua casinha e o restante delas foi posto em favor do Rubinho. Justificava a aplicação: na casinha, que se quisesse um menino de boa índole e, sobretudo, alegre, que as cores ficassem serenas e transmitissem a virtude da elevação. Gastou o que não podia para pôr madeira no assoalho, falando em seu interior: é onde se firma o corpo e a tábua dá um sabor de floresta. Ali duendes, elfos, anões, faunos e toda raça de seres imaginários põem na mente um pouco além da realidade. De Rubinho pensava: com ele vou ver as paisagens diferentes. Elas permitem comentários diversos e para pensar, às vezes, é preciso espaços amenos para olhar de perto os perigos que roçam a gente. Dois dias depois do casamento os três se tocaram para a serra. Com cinco anos, Juvelino apreciava a correia das árvores pela janela do fusca. No Rio das Antas contaram fantásticas histórias de Naneto Pipeta e do jeito de os gringos fa-



zerem o vinho, o suco, o champanhe, a graspa, os queijos, a copa, o salame, a polenta, a passarinhada, enfim, todas as bebidas e comidas que por aí se faziam.

Tudo se fez em questão de poucas horas e o Rubinho não se entregou na subida das Antas. Resfolegava, mas não se abatia. Admirou-se o menino por saber que o Rubinho não bebia água. As conversas se desdobravam com animação e as boas coisas que iam acontecendo multiplicavam a ternura. Só não foi o Rotivaila, porque o hotel não aceitou. As diferenças entre o animal e o gaioteiro estavam se desfazendo. O animal já não latia, suportando que outro senhor o chamasse pelo nome.

O recurso financeiro para a lua-de-mel durou somente três dias. Juvelino pronunciou: quero ir para casa. Polinária, ao perguntar pela razão, ouviu: ela é bonita. Lastimou, porém, Píndaro: acabou-se a folga e a beleza da serra, acabou-se o descanso do Astrogésilo. As paisagens dos olhos são poucas dentro de um bolso pequeno. Voltaram.

O primeiro balanço de Polinária foi positivo e larga veio-lhe a esperança de poder contar com a sorte, e o falecido desaparecia sem saudade que desse na vista. Em Juvelino não se via nenhum sinal evidente de algo muito promissor, entretanto, havia sensibilidade nas observações que encantavam a ambos. Polinária, que tinha orgulho de suas palavras aprendidas de Juliano, tornou-as ainda melhores nas conversações e leituras dos escritos de Píndaro. Apropriou-se de seu modo de dizer sem perder a si mesma. A simplicidade e suas palavras saíam-lhe da boca como pássaros. Havia uma composição parecendo uma narrativa com estilo de histórias árabes, onde se escondiam certos mistérios e a grandeza de sua alma transparecia sem exageros. Alimentavam-se de muitas coisas em comum. Não eram somen-



te os movimentos do afeto que produziam bons efeitos entre os dois. Na cama, brincavam, de terem uma mania de querer um estar no lugar do outro. Polinária descobriu em Píndaro uma forma interessante de olhar os problemas. Quando não tinham solução, solucionados estavam. E quando o coração disparava de preocupação, aprendeu a brincar e sabia rir dos momentos difíceis. O sofrimento é menor rindo dele que dele chorar, brincava. Píndaro aprendeu dela a olhar um ponto fixo, quando haviam momentos de irritação. Disse um dia Polinária que aprendera de uma história do falecido. Numa guerra civil, um pobre soldado diante do fuzilamento, para que não lhe fosse tão angustiante o momento, olhou para uma ranhura na parede e buscava nela um desenho qualquer. Mal havia encontrado um sentido nas linhas quando caiu. Píndaro perguntou-lhe: mas, Poli, como se soube de seu pensar se morreu? Ria-se a mulher: bobo, se não é verdadeira, mas está bem contada. Vale a lição. Assim, quando você me irrita: olho para uma fresta junto à mesa, enfio aí tuas palavras e logo me acalmo. Questionou ele: e você tem olhado muito para a fresta? Quando você se dá mal em algum carroto, sim, e mais agora, que está com vontade de comprar mais uma gaiota, você fica como o Astrogésilo. Como assim? Fica nos cascos, meu homem. Tá me chamando de cavalo? Você sabe que não. Não amo um cavalo. Olha que vou ver a fresta, brincou ela. Pode ir, conclui ele, ainda exaltado.

Para consolar o aflito, ela se chegou nele. Vou te dar um presente. Não estou em condições de receber, disse ele. Te dou o Jasmim. Pode buscar ele na Ronda. Retrocedendo em suas emoções coléricas, disse que ia pensar no seu cavalo. E será que já não está velho para carrear? Ela já ia responder sem elegância, quando ele aproximou-se dela, e a envolveu pela cintura. E se esqueceram do Jasmim, do Rotivaila, da gaiota, e ambos cavalga-



ram felizes no trote alegre da natureza.

Para ambos surgiam, também, arestas, minimizadas com recursos do diálogo. Aí estava a necessidade de coincidentes virtudes, o que a história de cada um não havia constituído. Os modos de comer podem revelar respeito e prazer. Polinária não os tinha agradáveis. A pasta de dente virava um troço cada vez que ela usava. Repetia com insistência a reclamação. Píndaro exagerava sua insatisfação, e, não raras vezes, ela se sentia ofendida por incorrer nas mesmas indelicadezas. Os momentos tornavam-se ásperos. Ele, de sua parte, era indelicado no uso das palavras, a ponto de ela retomar a mesma queixa, dizendo-lhe você não fala, você fuzila. Não menos indelicado era ele por insistir que fosse encontrar um emprego. Assim se foram três anos; foi quando Juvelino entrou para a escola Pe. Luiz Serraglio e a entidade diocesana Leão XIII pôde estar um turno com seu menino. Foram desgastantes as falas impertinentes de Píndaro. Mas, sobretudo, havia um bem-estar que lhes assistia as horas. Numa das tardes em que punham a pratos limpos o cotidiano, Polinária falou: e por que os casais ficam juntos com tantas reclamações? Píndaro filosofou: é que, para mim, amo teus sentimentos, tua fala e teu corpo, amo teu filho mais que se fosse meu, amo o fusquinha, a casa e suas cores, os armários e as gavetas, as roupas e a gaiota que tenho e não tenho, amo o Jasmim que ainda não conheço, amo a Eudóxia e sua família. Assim, Poli, tudo que tenho de melhor te pertence também. Amo tua alma, tão simples como as gramas e as pedras. Já não sei se sou eu ou se sou você. As nossas diferenças são poucas para afastar o que somos. E, afinal, tenho o compromisso em teu direito à ternura. O menino pouco entendeu de tudo que ouvia, mas as palavras têm disso, elas pairam no ar. Depois do silêncio chegou a noite com suas promessas e, noutro dia, ele foi buscar Jasmim. Iam os três, en-



tão, desprendidos de si, andando protegidos por onde andavam. Os olhares eram constantes. O próprio Píndaro dizia: a felicidade não é muito mais que ter um pouco de reconhecimento pelo seu nome. Percebeu isso até nos animais. Ao buscar o Jasmim, percebeu que o cavalo não demonstrou boa vontade em segui-lo. Era de Juliano que costumava ter o reconhecimento. E, ao trazer o animal de Ronda, percebeu toda a insatisfação de Astrogésilo. Isso foi comprovado pelo tempo que ele levou até, novamente, pôr a cabeça sobre o ombro de Píndaro, como dizendo que o amor estava maior que o ciúme de Jasmim.

Juvelino no campo

Píndaro cooperava com um saber pouco divulgado: era o fato de repetir-se um comportamento e dele impregnar-se, e de cujos resultados surgem virtudes e outros esmeros. Quando a sua doce senhora – assim denominava a Polinária nos tempos de dias venturosos – pediu pelo desejo do tio, que o piázinho fosse seguidamente ao campo, Píndaro aproveitou a deixa para aproveitar dos mesmos efeitos que o campo produz. Poderia, com o menino, amar o mesmo templo azul, escuro, verde e os movimentos, pensava ele, que fossem do próprio Deus. E lá se ia à casa do tio do menino com ela. Levava a barraca onde cabiam os três, de dia deixando ela matar a saudade do irmão e, no cemitério, ressuscitar lembranças. Os dois, no campo, primavam por olhar. Tomava o menino da mão de Píndaro e com ele sentia melhor todas as coisas. Os pés na grama e na terra lavrada, a água, os verdes das árvores, os balanços dos coqueiros, as caturritas, as madrugadas, os socós e seus pios tristes, os sustos das codornas, o saltar dos peixes, a melodia das pombas, a flauta do sabiá, as brancuras das garças, as corridas das seriemas, o perfil das emas no morro e tudo mais que aí se oferecia causaram muitas impressões no menino, divididas com seu pai. Dizia a Polinária: isso é demais. O piá sonha a noite inteira com a bicharada. Deixa o guri ficar melhor, desculpava Píndaro. É disso que um homem bom carece. Ele fica delirando e ri, criticava ela. Ele aprende a ter a alma suave e de boa vontade, insistia ele.

Aos doze anos o menino da Vila Bom Jesus causava admiração na professora Graciema, a qual repetia: o piá está cheio de graça e possuído de Deus, enquanto outros diziam que ela já



estava caducando. Píndaro afirmava: o guri tem no peito minhas palavras e a visão das ruas e, de modo especial, um campo todo visto dentro dele. Se não passo de um gaioteiro, mas, ao menos, me dou ao luxo de mostrar a cidade e seus desvarios bem como caminhar pelo campo com um pronunciamento qualificado. Nenhum objeto fica sem vocábulo e digo com tal sentimento como uma magia. E era incansável em dizer que tudo não passa de palavras a respeito do que se vê. As coisas palpitam não por suas formas, mas pelas formas com que são apreendidas e disso se orgulhava: e nisso o papai aqui é bom. Batia no peito. É isso que o menino tem: um aprendizado repetido das coisas singulares. O piá estava tomando vulto humano de rara configuração e era nisso que ele tinha razão: o pai aqui é que fez, mas a diretora, a professora Graciema e, principalmente, a Poli se desvelavam nestes tempos em que desvelar é novidade. O Juvelino com doze anos daria para ensinar os padres, os pastores, médiuns, rabinos, muhlas, mas isso eu digo por causa dos passeios na Ronda. As águas dos ribeirinhos têm segredos e os lagos, mistérios que o menino está aprendendo. Digo mais: se os secretários de educação soubessem educar levariam a piazada, pelo menos um mês, comungar de Deus no mato ou mesmo no campo aberto, que é aí que a brisa é ampla e Deus conversa à vontade. Não é enfiando a gurizada nestas ruas estreitas que vai sair alguma coisa decente. Se alguma coisa boa acontece é porque a professora Graciema os faz imaginar como Deus é grande, explicando os mares, e seus rios como braços. A piazada vê longe com ela. Se não fosse assim, a cabeça da meninada ficaria como a das minhocas. Píndaro falava desse jeito até nos velórios. Melhor seria que se tivesse um liso e bebericar: se tiraria um consolo diante da silenciosa e indeterminada figura do falecido. Não tinha quem não se convencesse, porém, a respeito do coração ficar mágico quando Píndaro falava



da importância das professoras. Isso caía bem no meio de uns troços de vida que tinham.

Sobre a vila e a justa esperança em Juvelino

Píndaro fazia uma correspondente ideia entre o esforço necessário e o que tinha por se fazer. Para tanto, media suas narrativas com vistas a um melhor entendimento sobre a natureza de sua vila. Os nomes, dizia, não têm nem honra nem reconhecimento. O nome Francisco fica Chico do Cacete, para lembrá-lo constantemente de uma vergonha de haver mostrado, bêbado, seu instrumento. Maria Arlete atende por Fodinha, pouco adiantando seu desespero ao ouvir-se assim. Nem pelo nome, menos ainda pela referência à sua conduta, se via o necessário elogio. E ele descrevia em seu caderno: há o negrinho Felizardo. Apanhava de sua mãe por não se acreditar dele uma só palavra. Assim foi desde que pronunciara as primeiras palavras. Na escola tinha sua curiosidade e, pelo escrito, podia dizer o que queria. Era revoltado o negrinho, por dedução de sua fala: quem é que gosta dos barro e dos frio? E de calça veia quem é qui gosta? E dos buraco largo das fresta? Mentira é uma maneira qui tenho di mi diverti. É uma invenção no meio da tristeza. Quando Felizardo se punha a olhar lonjuras, diziam que de lá nada provinha. Ele apenas dizia que era bom olhar distâncias. E quase sempre que punha os olhos na direção da Vila Carmen, diziam que estava mentindo para si mesmo. E ria quando para lá punha seus olhos ou até que se ria quando acreditavam que seus sonhos eram mentiras. Não lhe importava que tudo não passasse de ilusão, ou mesmo que tudo que lhe viesse em pensamento fosse torto como tortas eram as sombras das casinhas que as cercavam.

Píndaro descrevia com delicadeza o sofrimento. Não reti-



rava nenhuma vírgula dos acontecimentos, pondo até respeito na judiaria de sua vizinhança. E prosseguia em Retrato Falado da Desvirtude Humana: morreu o Miudinho que se mirrou de tanto envelhecer. Não tanto que se mirrasse pela idade, que pobre envelhece muito cedo. Depois de um sopro se foi. Diziam umas fantasias depois que havia morrido: que houve um cheiro de pão recém saído do forno. Só se fossem sonhos queimados do miudinho. Alguém se expressou, dando opinião de que a alma dele teria se encarnado num burrinho passante. De fato, naquela semana, um jumento atravessou a vila. No meio dela, ornejou de cabeça erguida sobre as casinhas. Alguém de ouvido mais apurado teria escutado seu último pronunciamento:

Torço que aconteça aos meninos

Uma camisa de flanela

E uma blusinha de lã.

Uma calça comprida

E um pãozinho de manhã.

Dias depois do passamento do velho, encolhido pelos anos, nasceu uma flor na varanda da dona Filumena, sua mulher. O florido dela se destacava da cor cinza da casinha que se escorava no vento. Seguiam outros retratos da vila e se pode ler nos registros de Píndaro: outras imagens merecem ser conservadas para se constituir uma memória do lugar de nome Bom Jesus, que é para que não fique no esquecimento. Perdendo-se a memória se perde tudo. Apesar dos poucos recursos físicos e humanos anuncio a



bondade. Tenho vergonha de falar dos recursos financeiros para não me envergonhar. Torná-los públicos faz sofrer qualquer um. Se tivessem desses recursos, por certo, suas casas, à luz branca da lua, não estariam um desalinho de sombras. Para protegê-las estavam os cuscos, que se assustavam dos passos inconstantes dos bêbados. E o que tinham eles a defender? Acaso sabiam eles de coisa melhor. Estavam em sua natureza de fidelidade animal.

Escrevo duas histórias, finalizando a comezinha realidade. Quem ler que avalie meu estado de constrangimento, quase um coração falecido neste instante em que, no pátio, uns quatro ou cinco pardais triscam um canto. Com um resto de energia que se hospeda em meus ombros vou revelar duas histórias, uma apenas lembrada, e outra, tendo também de um conteúdo de minha crença pessoal.

Vivem aqui na vila um garnisé preto e vermelho e uma galinha-de-angola. Ambos estão atentos às ocorrências do pátio que mal os contem. Também na casa mora um menino. Durante o dia vive na creche, enquanto a mãe faxina. À noite dos dias frios dormem todos juntos: uma mulher, uma criança, um garnisé e uma galinha-de-angola.

Para confirmar minha pequena teoria sobre a felicidade humana, narro um evento com minha presença: dois senhores bêbados se batiam. Um, cuja narina sangrava, e outro tinha um lábio feito um bife. Tinham a ofensa da miséria e mais as palavras rústicas, como se não bastasse o que eram. Falei-lhes sereno do meu canto da bodega. Qual o lucro que tereis de tantas dores? Acaso se acabará o desconforto? Chamei um a um pelo próprio nome: senhor Rodrigo Raimundo de Lima e senhor Américo Rodrigues Alves. Minha voz tinha um tom gentil a ver que resultado teria um nome pronunciado em alta consideração. Pensei:



uma reverente saudação poderá ter um efeito generoso. Assim aconteceu: tendo cada qual ouvido o próprio nome se mantiveram contidos.

Creio, por essas narrativas, o quanto cairia bem o cumprimento de uma profecia pela qual se dissesse que a vergonha não mais faria morada na vila.

O menino crescia não só em idade, mas com a Graciema e a Grieca aprendia os esmeros do respeito e do conhecimento, como se falou. Tinha mais a ver na vida que os cavalos que pastavam no campo da Brigada Militar. Era essa a visão de Píndaro. Nos doze anos disse Píndaro: vamos fazer uma festa pro piá. É o tempo de pensar melhor e aprender a resolver problemas. Está na idade da razão criativa. Píndaro se alegrava por pensar desse modo, pondo as duas mãos nos bolsos. Erguia a cabeça anunciando sua felicidade.

À noite do dia em que resolvera festejar a idade da razão crítica do filho, Píndaro viu Polinária revolver uns papéis de uma pequena caixa, que era um pequeno pertence sem maior importância. Fez que não viu, mas não pôde controlar sua curiosidade. Mal havia acabado de mexer na caixa pediu: que papéis eram aqueles? Fazendo de menos: tá bem, se não quer contar, não conta. Respondeu ela: são umas impressões do falecido a respeito do guri. O ciúme pegou forte: então o colono sabia escrever? Doeuse ela. Ele: posso ver? Irritada: pode! Do ciúme mal disfarçado passou a um sentimento de ternura. Ajudou-o o fato de monitorar o pensamento: já é demais, um ciúme do morto! Foi até se comovendo enquanto lia: meu filho, não se preocupe com nossa pobreza. Agora que sabes ler: tenha uma alma em teu caminho. Não é de enfeite que se alimenta um coração. Que você seja um Pampa melhor que eu. Ao pássaro compete pouco: não mais que



voar. Lá se iam outras recomendações. Puxa, o caboclo era um poeta.

Nada disso confortou Polinária. Sua irritação dominava seus atos. Se sentia invadida em sua privacidade, e, quando Píndaro resolveu perguntar se havia outros escritos, ela foi tomada de um grande desconforto. Escreveu sim!, falou. Mentia: quer ler o que me escreveu? Ele baixou a cabeça e pediu desculpas por ter sido indiscreto. Mas a situação estava difícil para os dois. Ele ficou de voz grave e quase a ameaçava: se você ficou tão perturbada com o fato de olhar o que havia é porque ainda carrega ele dentro de ti. Carrego as lembranças de um ano de respeito, respondeu. Não me toma por ele quando me tens? Um não, forte como uma montanha, foi a resposta. Sonha com ele?, falou ainda mais perturbado. Ela ficou mais irritada. Foi quando entrou Jewelino, querendo saber quando seria a data da festa dos seus doze anos. Isto foi o suficiente para minimizar o stress do casal. Mais tarde, Píndaro até escreveu um longo texto, mostrando que o casamento é uma instituição composta de muitos laços e muitos interesses. E é isso que, muitas vezes, mantém de pé a conjugalidade e faz salvar desvelos essenciais. Seguidamente afirmava que a relação entre duas pessoas jamais é solitária. Os laços diversos que unem um casal ampliam o poder da ternura.

A festa foi muito alegre, mas revelava o início de um novo tempo para a educação do garoto. Píndaro e Polinária estavam atentos com quem poderiam compor com eles, buscando uma combinação de oportunidades, pois tinham a crença que um bom caminho, para ser gente, são as circunstâncias. E duas delas, eles tinham certeza, não poderiam ser afastadas: as instituições e as coisas. Aí na vila tinha uma igreja para tornar o espírito maior. Tinha uma escola que dera substância às funções



principais de Juvelino: o pensar e o querer. A diretora Grieca e a professora Graciema, já envelhecidas na bondade e nas formas de pôr jeito nos trejeitos humanos, foram até esse tempo quem modulou o tamanho humano do guri. Agora seriam outros quinhentos. Estava chegando à fase em que tudo pode se romper. Havia conseguido para a escola uma alternativa junto a um centro de preparação profissional da secretaria de educação. Juvelino, aos quinze, foi estudar no Cecy, lugar de primeira para finalizar as operações da alma. Sobre as coisas, Píndaro entendia que as paisagens e os pequenos fatos sem importância poderiam causar impressões importantes. Chamava isso de importância da trivialidade. Apontava para seu rapaz, desde o ar, a terra, a água e o calor, as formas com que se apresentavam. Julgou importante apontar para o rapaz os murmúrios antigos dos riachos que se purificavam nas pedras, o sopro das coxilhas, os verdes de setembro e o tempo esmaecido de abril. Para contemplação do cotidiano, enumerava os murmúrios na frente das portas, os ventos próprios da vila e as poeiras indelicadas. Apontava para o cheiro do pão saído do forno e para o ruído familiar das louças. Fazia o rapaz se encantar pelos armários e gavetas. Fazia ver a importância de uma roupa nova e os significados das cores. Saudava reverente o pessoal da vila e os parentes do menino que vinham de Ronda. Zelava pelos talentos especiais. Quando descobriu o velho violino, fez com que fosse aprender a tocá-lo. O aprendizado se fez rápido. A professora Zoraide, por vê-lo tão ágil, reduziu o valor da aula. Poucos meses, e aprendera as bases. Em pouco tempo estava feita uma pequena orquestra de câmara da escola. Polinária estava eufórica por ver o seu menino feito um prodígio, ao deslizar os fios sobre as cordas. Sentiu-se recompensada pelos bolos feitos. Nunca seu fogão esquentou tanto assim. Na casa onde faxinava, aprendeu o ofício de doceira, e tinha talento vin-



do de sua mão. Pelo filho ela não media nenhum esforço, pensando: por ela a profecia chegará a bom termo. Dizia, brincando, que, em Passo Fundo, nunca se comeu tanta torta assim. Não era somente a preocupação em torno do aprendizado da arte que ela se desvelava. Falava para todos que o piá teria boa estirpe: não viveria nas sombras. Refletia também: quem sabe o destino certo? Se até os melhores carregam uma espécie de estigma, assumindo a condição da inferioridade, quem livrará o meu menino da perdição? Uma profecia pode apenas ser um desejo acompanhado de uma alucinação. A mãe, de sua parte, buscava tratar das coisas todas com muito cuidado. Cada semana era acompanhada com atenção. O violino, ele devia saber que era herança de seu pai biológico. Quando estava a sós com Juvelino, conversava sobre Juliano para que dele tivesse uma abençoada lembrança. Dizia: ele corrigiu todos os defeitos para que fosse um bom pai. Não botou nem mais um gole de cerveja na boca para que seu filho tivesse um bom exemplo. Morreu com dignidade como um peledor que briga com o diabo. E Juvelino se enchia de satisfação pela reverência que o pai teve com ele. Entretanto, ela lembrava-o de não falar tais coisas ao Píndaro. Ao ser questionada pela razão do silêncio, ela respondeu que ele não queria dividir a paternidade com um falecido. Riram-se ambos do ciúme de Píndaro, o qual era muito prezado pelo filho. Quando, de uma vez, no colégio, debocharam dele por ser filho de um gaioteiro ficou mais orgulhoso por mostrar que seu pai não vivia de graça e que o pão que havia em casa não era mendigado. Meu pai é um gaioteiro e eu também vou ser. E vão ver se estou aí na esquina! Amanhã vou vir com meu cavalo Jasmim e de gaiota renovada. Depois meu pai e eu vamos comprar um caminhão e nosso trabalho vai ser mecanizado. E tem mais, mesmo que tenha uma empresa de muitos caminhões, vou andar de gaiota, que é para não esquecer



de meu pai. Sua mãe tinha orgulho de vê-lo portar-se assim. Ela queria que tivesse, também, prudência em suas palavras e ações. Firmava certa austeridade no tom da voz ao dizer: quando as coisas se precipitam e não mais se tornam regulares, aí é preciso não se agitar, e ver o que deve ser feito. Por exemplo, não foi bom de ouvir as palavras de gozação sobre teu pai. Tu ficaste com raiva; mas tenho certeza que valeu a pena falar como foi falado. Meu filho, quando uma semana depois de o teu conjunto ter se apresentado no palco e teu violino ter vibrado como se estivesse vivo, os piás te respeitaram ainda mais. Isso sem dizer quanto tudo isso faz bem aos teus pais. Dizia, também, que ele nunca perdesse o espírito de humor. Que da vida sempre tem do que rir. E lembrava que ele mesmo ria de si; quando, na escola, gargalharam dele quando foi imitar uma ave da campina, de sua garganta saiu um esguicho de voz. Chamaram-no de o pássaro ferido. Você riu ainda mais e tudo se passou. Se a gente tiver arte e humor o caminho será bom até na velhice. Sempre haverá o que se fazer. Rir de si, geralmente, é um ótimo remédio.

A rua era também uma escola pelas conversações de Píndaro. O pai tinha um certo estilo no qual não se perdia a memória da cidade. Aqui se chamava Exposição, por causa de uma grande feira. Tinha dias em que a cidade se reunia aqui, e, quando a cidade projeta, todos sonham com ela. A Presidente Vargas carrega os sonhos italianos. As indústrias de carnes foram erguidas com muito trabalho do Costi e do Sana. Se hoje não funcionam mais é que tudo respeita o ciclo dos homens. Se não houver constante renovação tudo se degrada. Há uma tristeza quando não se tem a devida preocupação. A morte é como um leão silencioso pronto para devorar. A avenida pela qual troteamos, filho, é como uma veia principal por onde percorre a vida. É só imaginar os diversos sangues que alimentaram este bairro.



Uma pequena vila se fazia e o campo era amplo e sem as linhas das ruas. Agora se complicaram as casas e tudo é tomado por diversas propriedades. Não tem quem não necessita deste lugar. E cada um que passa deveria respeitar o que é particular e o que é público. E cada qual que por aqui passa, e são tantos, tem um destino diverso. Para atravessar a avenida dá prazer se pensar em tudo que ela já suportou. Tá vendo aquele velho que passa? O que tem o velho?, perguntou Juvelino. Conheço-o desde que caminhava sem se dobrar, tinha um andar glorioso como se nunca fosse acabar. Já vai devagar e em tudo está cuidadoso. Sabe que seus movimentos nem sempre dão conta do perigo. Lembro dele como um pai de oito filhos. Caminhava como um tigre em defesa de suas crias. Agora, nem sequer pode contar com uma delas. Um mundo faz parte dele e tem orgulho quando converso com ele. Ele já não sonha com os mesmos sonhos, mas sonha como nunca sonhou. Sonha com os seus filhos e suas preocupações, e começa a sonhar com seus netos. A vida dele parece se multiplicar e ter novas tensões, como se tudo dele dependesse. A vida é não descansar. E fica falando dos dois netos; o que será deste e o que será daquele? E o que será dos três outros que vêm chegando? Mas, pai, que idade ele tem? Talvez uns setenta. Por que está fraco? Filho, é que o trabalho pesado precipita a velhice. O teu trabalho é pesado? Acho que é. E o velho já desaparecia da visão dos dois. Foi ainda impressão suficiente para Píndaro comentar: ele vive assim cheio de vida porque a vida toda foi assim. A gente é o que aprende. Por certo ele não fuma e nem bebe feito louco. Píndaro via um garoto com o rosto cheio de curiosidade. Não dava para decifrar, porém, se havia entusiasmo, ternura ou paixão. Pois é, pai, que bom chegar aonde o velho chegou, como quem cata feijão com todo cuidado. Acho que o velho seguiu as lições de duas professoras que eu tenho. Elas insistem que não



é só de pensamento que se vive, também de uma vontade boa se vive, dizem elas. Píndaro admirou-se todo: seu guri estava mais para adulto que para criança. E para mostrar ao pai que a escola Cecy estava certa, repetiu, da professora de ensino religioso, um poema de Adélia Prado:

Deus me deu amor e palavras
Para que possa erigi-lo
Até entre ruínas,
Longe do bulício humano conhecido.
Passeio na mesma estrada
Por onde Deus quis passear.

Parabéns para a professora, estimulou o pai. Parabéns pra mim, que quase sei de cor o que ela disse. Riram ambos e fizeram Astrogésilo apurar. Não sei de quem são as palavras que digo agora, conversava o pai: serei um peleador incansável. Não me conformarei ao fracasso. E se da peleia não houver grande resultado, tive o prazer de pelear. Aí, guri, falou o piá ao pai. Riam ainda mais, entre o ruído dos carros e o toque-toque do animal. A última palavra daquela viagem foi de Píndaro: é fácil falar de amor e das peleias que virão. O que se sabe é que cada dia tem lá suas surpresas e a cabeça da gente nem sempre se governa diante delas. É importante ter um pouco de sorte e muita força tomada de ações boas que se repetem. Ambos ficaram quietos, incertos, mas satisfeitos.



De outras ditas sortes e desditas

Sexta-feira, mal acabada a manhã, e chega Polinária: o tio da Ronda mandou dizer que é para a gente ir até lá. Trataram rapidamente do Jasmim e do Astrogésilo. Guardaram as gaiotas e roncou o fusca na direção de Ronda Alta. Setembro havia chegado com seus exageros.

Não poderiam esquecer a tarde daquele sábado. Cheiros fortes da pitangueira e as brumas serenas da manhã. Foram na direção do laranjal da tapera. Nunca se viu tanta pomba. Mas de onde tirar coragem diante delas que se expunham suaves aos tiros? A primeira que caiu apresentava o sangue que escorria pela roupa cinza das penas. Juvelino não encontrou mais motivação. E elas, aos bandos, se mostravam amorosas, e seus arrulhos consternaram os matadores. Mais uma vez Píndaro ergueu sua espingarda, mas a mão começou a tremer, ao ver com precisão aquela vida inofensiva sobre o galho. Abaixou a mão e comentou: já estou um covarde, não sei mais matar. Não é isso, pai: elas me tem compaixão. Vamos pescar. Os peixes não morrem como as pombas. Lançaram os anzóis e naquela mesma noite apanharam dez quilos de traíras e jundiás. Píndaro apreciava era trazê-los na linha. Havia um sentimento de prazer intenso no domínio dos peixes que se moviam sem saber o que viria da extremidade trêmula da linha. A ambos agradava o silêncio encoberto pelas estrelas. Agradava-lhes também a conversa que guardava medos, dores e risos. Prezavam a discricção concedida pelo véu escuro. O piação punha em ordem as estranhezas. Píndaro começou a enumerar as vantagens que Juvelino tinha por passar dias e dias no interior: o fogo e os pássaros se reúnem em horas precisas, a



bondade emerge das seivas e das sementes, a morte não é negada, a vida se precipita sobre tudo, a voz antiga com suas transparências se repete incansável, e a paz se debruça sobre os ombros.

Para quem consagra suas horas à cidade, o afastamento pode significar saudade. Tudo que lá ficara tinha um grande significado: particularmente o Jasmim e o Astrogésilo, uma vez que o Rotivaila vinha junto. Por certo, muito mais que os animais, a vila fazia falta. O cotidiano era o que costurava os costumes e o jeito que Juvelino ia tomando. Bem mais rápido que as montanhas que se faziam, pelos ventos e outros eventos, se fazia a alma adolescente. Os sons constantes do violino formavam a parte artística, esta, dividida com os amigos, modulava a atitude amiga. O estudo, conformando o pensamento aos eventos, vinha desdobrando a explicação e a criatividade. Sobre a gaiota vinham as lições de seu pai e a experiência cuidadosa dos movimentos. Aprendia a complexidade do transporte paterno: as preciosidades das cargas. Quem é que gostaria de ver um risco na mobília. Aprendera e muito sobre a relatividade das coisas e seus valores. Até os velhos sofás tinham suas exigências. Tirava um encanto do encanto de quem recebia seu armário reformado. Via assim a grandeza das gavetas. Gravara certas conversas que se prendiam de maneira inconsútil: Juvelino, comparo a minha gaiota à alma das pessoas; conduzo-a, frágil, entre os perigos. Pequena é perto dos movimentos velozes que a cercam. O animal vive de sustos e se defende em sobressaltos. Acredita, porém, no meu mando. Ando de cima para baixo transportando o que é dos outros. Sou semelhante a ela: vive atrás da precisão dos outros. Certos dias frequenta o próprio inferno: as pessoas estão intranquilas e angustiadas. Ao saudá-las mandam à merda e dizem que ponha no fogo a pobrezinha de minha gaiota.



De outra parte as conversas mais próximas com a mãe teciam a simplicidade e a intimidade. Preservava-se, de modo especial, a importância daquele que crescia. Depois de três dias de movimentos diferentes, renovado espírito pela natureza das águas e de seu redor, Juvelino vinha mais animado. Havia se posto, nas penas dos pássaros, nas cores do chão e nos cheiros fortes, a graça maior de ser. E vinha a repetição dos fatos da cidade a dar consistência às disposições. Por essas e outras razões, depois de um tempo no interior, queriam ter de volta o dia-a-dia.

Da eloquência de uma história

Troteavam dos lugares mais pobres aos mais pobres: da Vila Bom Jesus para a meditativa Santa Marta.

Do movimento incontrolável das horas vinham os dias, e sobre a gaiota falou Píndaro a seu filho: escuta esta história que me agrada muito. Onofre Almerindo Sampaio era o nome de um menino. Tinha o apelido de Montanha por causa de uma cifose que lhe punha uma corcova. Como se não bastasse o calombo, tinha no rosto uma excrescência carnuda. E não eram esses acidentes físicos os mais graves. Além da pobreza que inibia um certo poder de afugentar os males, tinha uma ofuscada memória de seu pai, que fugira de casa, e diziam-lhe que tal evento ocorreria por ver o resultado posto em seu filho. Não era, porém, tardo ao ver as coisas: era vivaz nos lampejos do entendimento. Porém, dos eventos faziam que engolissem nomes e datas. Sabia tudo de ilotas e periecos, mas de sua gente e suas lutas nada sabia. Nada lhe diziam do que pudesse faltar sua alma. Assim, de um saber sem corpo e de um corpo sem graça, foi se diminuindo. Tornou-se tão apequenado a seus próprios olhos a ponto de se esconder em casa. Atormentavam-no suas elevâncias. Sua boca, quando se abria, pronunciava, porém, saberes de um entendimento muito apropriado, mas como não houvesse reconhecimento tudo ficava indeterminado. O que lhe causava maior repugnância era quando se dava a exposição pública de suas deformidades: os outros expressavam compaixão. Como não aparecera por uma semana na escola, uma professora foi ver de perto o que se sucedia. Sentou-se ela a seu lado, pôs-lhe as mãos em seus joelhos e afirmou categoricamente: rapaz, o que tens são detalhes, o principal



é como tu olhas todas as coisas. Falei na escola e já contatamos com um médico e a universidade para minimizar a cifose, e vamos fazer uma cirurgia no rosto. Vamos ter um rosto bonito, que é do teu direito. Falou a professora de um texto de Dobal: dói-lhe ver-te repetido, ver repetida a tua imagem que a natureza oferece aos outros, mas, nós juntos, possuídos de obstinação, vamos além do nascimento. Renovaremos o que foi feito. Mas, professora, se assim for como vou saber quem sou eu? Riu-se ela de uma risada que ecoou até a Brigada Militar, alegrando até os brigadianos. Para demonstrar de como se saber quem se é, narrou-lhe uma pequena lenda árabe. Havia um homem que temia perder-se a si mesmo, não sabendo quem era. Especialmente diante dos outros temia ficar sem saber quem era. Andando de um lugar para outro temia ainda mais perder a memória de sua identidade. Ao hospedar-se num albergue quando anoitecia, confessou seu temor a um companheiro de quarto. Este, como era muito brincalhão, aconselhou-o que prendesse um balão numa das pernas e fosse dormir, e quando acordasse saberia ainda quem ele era. Assim fez o árabe que temia ficar sem saber quem era. Mal havia dormido o homem que tinha medo, o homem brincalhão retirou-lhe o balão e o prendeu em uma de suas pernas. Ao amanhecer, o homem temeroso de si viu que o balão estava em perna alheia. Assustou-se, falando com palavras trêmulas: pelo balão, posso dizer que você sou eu. Mas se você sou eu, pelo amor de Deus, quem sou eu? Riram, e a professora completou: tu tens bem mais que um balão para garantir quem tu és. Na alma tens um brilho, e o corpo terá um desenho invejável. Vamos ver, vamos ver, professora.

Passados que foram três meses, as duas faces estavam semelhantes, recompondo-se um rosto agradável. Bom de se beijar, diziam as meninas. A cifose havia diminuído, e podiam chamá-



-lo de campo aberto. Seus amigos, facilmente conquistados, em razão de sua confiança, brincavam chamando-o de Cerro Largo.

E continuava a missão pedagógica de Píndaro. Ao desembarcarem o transporte da Santa Marta, um cliente resolveu pagar somente a metade do valor negociado. Píndaro fez ver o que havia sido combinado. O homem, com voz muito alterada, falou: o combinado foi com a mulher e não comigo. Que se não aceitasse, que levasse a tralha do móvel. Jovelino foi invadido de raiva e retrucou: meu pai não é acostumado a lidar com tratante! O tempo ficou para uma peleia. Chegou a mulher e diminuiu a tensão. Descarrega e aceita a metade do dinheiro, seu Píndaro. Depois a gente vê o resto. Jovelino, que estava com seus nervosos dezoito anos, ia, mais uma vez, provocar a fera, mas Píndaro segurou as pontas.

Voltando para casa, Píndaro aproveitou-se do momento para dizer que o ódio leva a nada, e auxiliou-se de um dos contos de Borges. Meu filho, para onde levaria teu ódio com aquele homem? E quieto do jeito que você ficou, onde é que se chega?, questionou Jovelino. Estamos vivos e vamos receber o que é justo. E lembro de uma curta história de dois gaúchos da Argentina que se odiavam. Peleavam por qualquer razão e até por razão nenhuma. E cada encontro que se dava mais aumentava o ódio. Tinham a raiva toda como um bem. E era tanta a ponto de se tornarem escravos dela. E já não amavam as suas mais amáveis coisas. Nem a seus filhos conseguiam amar. Ambos, por fim, acabaram numa revolução, numa dessas revoluções sem resultado. Acabaram degolados com seu ódio e com o ódio dos inimigos. Tu estavas precipitando condutas. Prudência e água fresca não fazem mal a ninguém. Essa virtude deve ser muito bem praticada nas irregularidades.



Não só das conversas de seu pai aprendia e vivia Juvelino. Aprendeu também Juvelino a conhecer pessoas, e Arduíno Brum foi uma delas. Muito jovem era ele, quase adolescente. Trazia farinha para a cidade. Causava admiração e prazer em Juvelino por vê-lo sempre assoviando canções italianas e ter aquela forma alegre de falar. Tinha o jeito afável de um moinheiro. Amizade foi a virtude que começou a uni-los, e Juvelino pescava nos poços do rio Taquari em sua companhia. Por vezes, Juvelino ajudava na distribuição da farinha de milho para famílias que apreciavam polenta. Agradava também a Juvelino as pessoas da Exposição, gente de conversa espalhafatosa, mas sincera e alegre. Eram casais vindos da região de Marau e aí se derramavam com a intenção de estar mais perto de casa.



A face obscura de Juvelino

Certamente Píndaro jamais imaginava que uma de suas histórias exemplares fosse revelar o que se passava em sua casa. Narrava: veja, meu filho, que ninguém está acima do bem e do mal. Dostoievski conta a história de dois irmãos, Os irmãos Karamasov. De um lado estava Ivan, o irmão perverso, beberrão, mentiroso, infiel e invejoso. Tinha desejos de matar o pai. De outro lado estava Ilia: cordato, prudente, temente Deus e amado por toda a aldeia onde nascera. Ivan o invejava e não entendia a razão de ser tão diferente. Com insídia, certo dia, ou não se sabe se certa noite, foi ter com Ilia: querido irmão Ilia, escuta minha história. Havia na estepe um rico senhor, dono de vastas terras. Para ele trabalhavam muitos servos. Amava a caça. Matava com muito prazer javalis e veados. Ria até quando os animais se contorciam em dores antes de morrer. De uma de suas caçadas voltou muito frustrado. Não riu uma só vez diante de um animal que morria, nem um mísero veadinho haviam matado. Seus cães também voltavam desanimados. Ao passar junto a uma das cabanas de seus servos, avistou um garoto, sendo possuído de um desejo diabólico. Açoulou seus cães contra a criança. Acostumados a obedecer, obedeceram. Vorazes atiraram-se contra o menino e o estraçalharam. Mal se ouviu o grito de desespero da mãe e já o tinham morto. Ilia, o que você faria diante de tamanha perversidade? Ilia, sem pestanejar, falou, gritando: eu o mataria!! eu o mataria!! Ivan riu e muito satisfeito completou: então tens também um demônio dentro de ti.

Vinham rápidos os dias de confortos e de desconfortos. Juvelino com dezoito, a primeira namorada e os primeiros versos.



Afinal, não eram somente as virtudes de sistemáticos aprendizados que dispunham o rapaz para a vida. Estava eufórico com a primeira namorada. Seu humor estava elevado e muito alegre. Abraçava a todos, sorrindo de felicidade, como se ela jamais se afastaria dele. Mostrou sua inspiração:

Por que te amo, gentil senhorinha,
Quem há de pensar com tamanho dom,
Quase divino por ser tanto e tão completo?

E cada dia que se passa, vida minha,
Ao me perguntarem quem eu sou,
Direi: já não sei se sou eu, ou sou você.

Quando comentou com sua mãe sobre seus sentimentos, ela frisou o que Píndaro diria: vai devagar, guri, que nesta idade o coração é muito entusiasmado. De fato, Juvelino se entregou de cabeça a uma paixão que não o deixava em paz. Píndaro e Polinária andavam perplexos por esse lado tempestuoso do rapaz, e ambos sentiram que se lhes dilacerava o coração, quando Juvelino percebeu que ela via nele apenas mais um. A desgraçada, falava entre dentes, andava com outros de cima para baixo na vila. Mais decepção se abateu sobre Juvelino quando ela comentou que ele era muito mais um poeta que um homem. Obscureceu-se o ânimo dele e, de um instante para outro, armou-se de raiva e,



desta vez, pouco adiantou lembrar os conselhos do pai. Ao encontrá-la falou o que não devia falar e viu que tinha um demônio que se alimentava de um desejo demolidor. Sentiu um grande prazer no instante em que percebeu o quanto a atingira, a ela a quem entregara todos os sonhos e mesmo o sangue de suas veias. Foi um aprendizado repentino ao ver que tinha um desmedido prazer no sofrimento de quem amara. A decepção operou nele uma preocupante mudança. Foi, então, que até Jasmim começou a sofrer da violência, fazendo que o animal voasse pelas ruas de Passo Fundo, rompendo nas esquinas, sem cuidado. Os tumultos se precipitavam.

Outro fato levou mais preocupação ao casal. Tudo havia começado por causa de quinze laranjas. Vendo as frutas, Píndaro elogiou Polinária: que lindas laranjas você comprou. Não fui eu quem as comprou. Nesse instante entrou Juvelino, ciscado com o comentário do pai. Entrou na conversa: fui eu mesmo quem as trouxe. Parecia tudo resolvido. Entretanto, ao entardecer, dona Eulália, boa vizinha, ao entrar na casa para uma curta visita, comentou ao ver as laranjas: pois é, Polinária, bonitas frutas as tuas. Não é que roubaram as minhas? Plantei um pé no meu quintal e ia colher delas, mas, antes que colhesse, alguém colheu. Píndaro, ao ouvir de Polinária sobre as laranjas de Eulália, associou-as com as que estavam sobre a mesa. Pensou preocupado e, ao mesmo tempo, com certo humor: hora boa de se saber o certo e o errado. Como havia visto seu filho com Francisco Albano Cardenal, companheiro de banda, pensou ainda mais: vai ver que, como tocam em conjunto, resolveram tocar nas frutas de Eulália, e se tocou para a casa do pai de Francisco. Era um dos peões do Didomênico, gaúcho bonachão e de boa prosa. No mesmo instante em que Píndaro perguntou sobre certas laranjas, o homem brincou: pois é, seu Pampa, nunca vi o piá trazer laranja tão bonita.



Dá uma olhada. Eram, pois, das mesmas laranjas, a belezura e o porte. E o que deu no amigo de se preocupar com laranjas? Nem bem Píndaro completara a história que o Cardeal falou: então, o chiruzedo andou fazendo porcaria!

Curta foi a prosa de Píndaro com o filho. O seu Cardeal e eu compramos duas mudas de laranjas e vamos plantar no quintal da Eulália. Não foi nada bonito meter a mão nas laranjas dela. Convidei o Francisco para ajudar. Repararam as perdas dela. Píndaro, ao final da tarefa, pôs a mão sobre o ombro de Juvelino.

Havia se passado meses. Polinária acompanhava os amores de Juvelino. Percebeu que ele estava abusando com sua atração. O violino exercia certo fascínio nas garotas e ele, então, se aproveitava disso, aproximando-se delas com prazer, mas sem nenhuma boa intenção. Começou a machucar as garotas, o que valeu a que ela chamasse seu jovem amante para uma conversa. Bonito, meu garotão! Tá amassando o coração delas. Pegar e largar é nos negócios. Acho que o cuidado deve estar também quando se escolhe. A conversa veio nessa direção, mas pegou pesado quando disse: tu não estás te vingando do primeiro fracasso? Isso pega, meu guri. O prazer de se achar importante quando machuca pode se firmar. Sei o quanto te doe o que aquela guria te aprontou. E tu és forte como uma montanha. Avalie, então, para uma menina que acreditou em ti. A mulher é assim: por mais imprestável que seja, acredita mesmo em quem se faz de príncipe. A sinceridade faz bem, e tu não estás sendo sincero. A falsidade é ruim, pois quando toma conta do peito faz tudo parecer falso. O diabo, filho, é insidioso como diz teu pai. Aprendi com ele a ler a alma humana. Aquilo que ele faz parecer agradável torna-se amargo, e o mais difícil é afastar o diabo depois que se instala. O que mais quero de meu filho é que aprenda amar. Meu piá, o coração da



gente se acostuma com o mal. Já pensou, meu filho, achar que pode ferir e rir do sofrimento de quem chora?

Finalmente, Juvelino aceitou que estava vingando nelas o que aquela ingrata lhe fizera. Afirmou para sua mãe que suas palavras seriam verdadeiras. Não diria de seu amor com palavras superficiais. A crise e a possessão de seus demônios, entretanto, não haviam se esgotado. Polinária percebia que seu lado onipotente e sensível estava exacerbado.

Festa de São Cristóvão. Juvelino sem dinheiro e com vergonha de solicitá-lo a seu pai, lá se foi na animação de todos. Carros e donos buscavam proteção do santo. Se ele havia carregado Deus em seus ombros, como não carregaria a proteção deles que eram os estradeiros? A festa estava alegre. A chuva deste ano havia passado ao largo, e os festeiros atribuíam a firmeza do templo ao poder de suas orações. O que não faltava era buzinaço, latido e foguete. Com o barulho poderiam atrair a confiança nas incertezas da estrada. Até mais de meio-dia o folgado e a missa, mas depois a fome começara a apertar. O cheiro do churrasco, a cor dourada das costelas, as estufadas cucas e a espumante cerveja: mas cadê dinheiro? Vendo todos se fartando, a fome tomou um vulto de revolta. Voltou para casa com rancor por não ter a mesma condição de todos. Chorou um choro transtornado. Do choro à raiva foi um passo. Um passo intranquilo e agressivo. Não aceitava que tivesse a pobreza com uma forma configurada nas diferenças. Anoiteceu sobre o fantasma de sua inconformidade. Quando sua mãe foi ter com ele, dirigiu palavras e ofensas ao pai, a seus cavalos e às suas gaiotas. Pelas palavras, ora suaves, ora austeras, foi diminuindo seu rancor. Tira estas lágrimas, que se não se tem tudo que se quer, mais ainda se faz necessária a luta, disse a mãe. Tenhamos o que tenhamos, meu rapaz, não



queiramos além da medida de nossos passos. Não se tome em nós a nervosia, era mais ou menos assim que falava o teu pai Juliano. Lembro de uma história dele e escuta: Pakome era um agricultor russo. Tinha cinco hectares de terra com os quais mal sustentava a família. Trabalhou e trabalhou, dia a dia, e, com seu grande esforço, comprou além do Volga mais trinta hectares. Dois anos depois arrendou mais trinta. Diz a lenda que havia um diabo atrás do fogão de Pakome que o instigava a querer sempre mais. Chegou um amigo e disse-lhe que, muito além, numa região de nome estranho, existem terras a troco de banana e com mil rublos se compra uma extensão de terra quase sem fim. O homem carregou alguns alimentos e se mandou para a região indicada. Cavalgou mais de trezentos quilômetros e chegou às faladas terras. O chefe da aldeia o recebeu e falou-lhe que por mil rublos poderia levar as terras de um dia de caminhada. A aposta era de que poderia possuir as terras que conquistasse, a pé, com hora de partida da manhã e com hora de chegada ao entardecer. Na hora combinada Pakome se pôs a caminhar rapidamente. As terras vistas até ao meio-dia não eram lá essas coisas, mas depois elas começaram a mostrar fertilidade. Havia alguns pés de trigo e centeio que poderiam cobrir um cavalo. Ele, cada vez mais entusiasmado, seguia caminhando com olhos devoradores. Quando quase entardecia, lembrou-se de voltar. Caminhou ainda mais um pouco com seus olhos ambiciosos, porque descortinavam-se terras planas e extraordinárias. Vendo que entardecia, apressou os passos para chegar a tempo na aldeia onde o chefe o esperava para entregar a escritura. Pakome, então, já corria pelo campo, e a estrela vespertina começava a luzir. Disparava agora. Por fazer um esforço incomum, seu coração cheio de volúpia não resistiu, e caiu morto antes de chegar na aldeia, perdendo as terras e os mil rublos. É isso aí, Juvelino. Iremos além da miséria, mas não



com volúpia.

Acaso tu pediste dinheiro a teu pai? Ele te negou? Acaso teu pai, os cavalos e as gaiotas não são suficientes para iniciar a tua vida? Aceitou a refrega da mãe e se aquietou.

Outro dia, do alto da patética gaiota, viam a gente humilde no caminho da avenida. E Píndaro não perdia seu discurso. Ninguém pode tirar desta gente a vontade de ser mais. Também nós, junto desta anônima gente, não podemos perder a nossa pretensão. Entretanto, não se pode perder o jeito bom de nossa caminhada. Que te parece, Juvelino? Um suspiro foi a resposta por ter pela frente a sorte que haveria de fazer. Píndaro não perdeu a oportunidade de apontar para um velho de andar ereto. Tá vendo aquele velho? Tô!! Pois é, acentuou o pai. Enquanto alguns se debruçam sobre a morte, este anda vigilante.

Quando a profecia se estende

Juvelino cresceu com alguns fatos dignos de nota, de modo especial, a infatigável atenção dos pais. A pedagogia familiar impunha um sentido para sua vida, e as virtudes imprimiam-lhe um estilo agradável. Podia-se afirmar que foi se tornando um homem interessante, não apenas competente. Caberia com justiça agradecer à professora Graciema, ao Centro da Leão XIII, à diretora Grieca. Todos firmaram disposições na vontade do piá, e mais a escola Cecy, com seu clima atencioso. Fluíam aí boas condições para a constituição de homem. O tempo fazia seus efeitos, aperfeiçoando as funções novas e velhas da raça humana: sentimentos, ideias, vontade e ações haviam se constituído em razoável harmonia.

Os exercícios e as coisas se sobreposavam nas horas, as horas nos dias, os dias nos meses e assim os anos se fizeram. Não passaram, porém, inutilmente em Juvelino Messias Pampa. Ele se fez homem. Um homem verdadeiro, dizia Polinária, olhando-o de cima abaixo com olhos expressivos, querendo dizer: tenho parte nessa pessoa. Não havia nada mais justo. Não era um revolucionário, com promessas de radicais mudanças sociais, que pouco mais fazem que devaneios e utopias que mais matam que salvam. Tinham apenas a tarefa de apresentar um ser humano de bem.

Estava aí Juvelino com trinta e cinco anos e quatro filhos. Um exagero para seu tempo. Casara-se com Modesta Toigo Taglieber. Já possuía cinco gaiotas e uma caminhoneta para os móveis mais pesados. Fazia fé num caminhão. Não havia demasiado sonho no propósito. Com mais dois anos de esforços podia-se



ler: Transportes Pampa. Em casa ou no trabalho punha seu cuidado, mostrando para onde se pode ir com boa vontade. Caminhava com a escola e outras instituições, atento também a velhos e jovens. Mas destaque cabem ao casamento e à profissão. Duas triviais razões, mas, por tanto zelo, vale a pena narrar.



O casamento de Juvelino

Não se trai um amor que desperta. Foi assim que Juvelino expressou ao pai a sua opinião no dia que o coração se quedou para o lado de Modesta. A expressão exuberante da moça pouco combinava com seu nome. Píndaro riu de como iniciara o amor que seu filho estava concebendo. O teu amor nasceu como o meu: de cima de uma gaiota.

Juvelino andava com vinte e cinco anos e quase atropelou uma guria que o injuriou pelo descuido: escuta aqui, rapaz, não sabe conduzir melhor esta geringonça? Mais que rapidamente desculpou-se: perdão, meu cavalinho se atrapalha quando vê uma coisa tão bonita. Entretanto, no olhar dela havia um desejo do qual não tinha jeito de se esquivar. Ela, uma professora na Vila Planaltina que se interessou por um gaioteiro. Mais se surpreendeu ela ao saber que o gaioteiro havia concluído uma faculdade. As conversas se sucederam. Dois meses foram suficientes entre o primeiro beijo até a decisão sobre o casamento. O amor de ambos tinha velocidade. Modesta descobriu rapidamente que não namorava alguém que apenas tinha desejo de duas gaiotas: tinha também sonhos em sua gente e na arte de viver. Certo dia, Píndaro chamou Modesta e confessou: sobre os ombros de Juvelino paira uma profecia. Ele sabe disso, mas disso ele não faz grande preocupação. Modesta, por sua vez, o inquiriu a respeito de Diana. Em resposta apenas ouviu: as cartas dizem o que qualquer ser humano merece. Apenas sei o que devo fazer por mim e por quem me ama. Vou fazer de tudo para corresponder. Modesta era de grande inteligência na compreensão dos sentimentos alheios e de como lidar com eles. Tinha uma transparência



agradável. Sua discrição gerava confiança em quem lhe confessava suas angústias. A ternura quase infantil associada a desejos mais íntimos deixava perpassar uma penetrante eroticidade. Sua sensibilidade atraiu a atenção, um acorde nunca tocado se fez em Juvelino. Não se passou um mês para que ambos começassem a desejar estarem juntos. Quando as tensões da profissão diminuíam, ela de suas aulas de geografia, ele em torno de suas gaiotas e do primeiro caminhão, crescia neles um leve tremor e arrepio. A saudade aparecia com poucas horas de ausência. Juvelino sorria de seus sentimentos em razão do que seu pai explicava a respeito do amor: nascera de uma relação fortuita entre o deus Recurso e a deusa Pobreza. Por isso o amor, de um lado, é carente e, de outro, oferece poder. Carecia de Modesta. Oferecia sua presença, acontecendo o mesmo da parte dela. Para se convencerem do amor entravam no delírio de canções e promessas. Modesta até usou uma velha canção de Piaf:

Eu renegaria meu país,
Renegaria meus amigos,
Se você me pedisse.
As pessoas podem até rir de mim,
Eu faria qualquer coisa
Se você pedisse.
E se algum dia a vida te separar de mim,
Se você morrer e for para longe de mim,
Isso não importaria, se você me ama.
Porque eu também morreria.

Quando Juvelino leu para sua mãe, orgulhando-se do que era dito na velha poesia, brincou, dizendo: também tive dois de-



clamadores falando essas coisas em meus ouvidos. Ainda hoje um deles ensaia essas palavras e eu acredito. Olha, filho, o único argumento que o amor tem é o tempo. Enquanto não se impuser um tempo, tudo é promessa. O primeiro a dizer poesia era mais refinado nas palavras e nos gestos, mas a bebida conseguiu apagar uma a uma as palavras, e os gestos ficaram toscos. O segundo não tinha a delicadeza, mas consegue mostrar sua ternura e põe cuidado em tudo que penso, sinto e faço.

Por mais que Juvelino mostrasse seu calor, Modesta começou a invocar a profecia com grande preocupação. Se terás que dar tanto de ti para que tantos estejam bem, o que sobrar para mim e nossos filhos? Juvelino foi severo em suas afirmações em defesa da conjugalidade: não me afastarei da responsabilidade que assumo. Por mais que outras circunstâncias se movam, não renegarei você. E se outras preocupações vão se impor, daremos juntos o tempo necessário. E quem garante que não seja por você a vinda de um destino melhor? Afinal, ser professora é ter nas mãos um poder maior que o de gaioteiro. Quero que te sintas forte e inexpugnável. O casamento não tira a individualidade e, se esta não estiver boa, a união sempre estará em perigo. Tanto que não quero que retires teu nome completo. Eu serei Pampa e tu serás Tachlieber. Não roubarei o que te pertence. Juvelino, porém, trazia certas distrações que, para a sensibilidade dela, eram ameaças. Aconteceu com o convite para passear em sua gaiota. Modesta, a professora, constrangeu-se no início por causa dos alunos. Se a vissem intrépida sobre aquele veículo... E o que a antepática professora Sabrina diria na hora do recreio? Havia em Modesta a lembrança de que renegaria até os amigos e que se danasse a gavião Sabrina. Numa tarde, hora em que muitas pessoas se tornam melhores; foi nessa hora do suave sol que ele a convidou a acompanhá-lo para fazer uma entrega. É verdade que



dera uma geral na gaiota. Poderia se dizer que havia certo encanto no cavalo escovado e na pintura de cores sóbrias da gaiota, mas não deu outra: lá estava na rua o querido maninho de Sabrina. Ria-se todo, fazendo gestos debochados. Ao voltarem da entrega, Juvelino falou: quero casar contigo. Ao que ela respondeu, com visível irritação: tenho dúvidas: nem me perguntaste se me sentiria constrangida de andar no trote de teu cavalo. Não tem mulher que já não sonhou em ser uma princesa andando numa carruagem, e tu me levas numa gaiota. Passou-se uma semana sem se verem, mas cada um voltava seus olhos na direção da rua de onde poderia aparecer a figura desejada. Brincaram com ela na escola. Vendo o olhar da Sabrina disse: estou como a torcida do Grêmio, para o que der e vier, mesmo andando sobre uma gaiota. Não importa o animal ou a gaiota para mim, me importa o gaioteiro. Com essa consideração, tomou de volta a ternura e foi abraçar Juvelino e se entregou com tudo a seu gaioteiro. Modesta, que não era distraída mas reticente em perdoar, convidou Juvelino para um jantar. Aceitou e, no dia do jantar, mal almoçou. O trabalho havia sido pesado. A fome estava de um desejo a ser reparado com urgência. A fome rivalizava com o amor, portanto o desejo de vê-la era tanto quanto o desejo de ver a mesa posta. Modesta sabia dos costumes de Polinária. Mesa farta era a lei, e as carnes eram o carro chefe dos pratos.

Os pais de Modesta estavam esperando Juvelino. Admiraram-se da gaiota. Uma decepção privou-se deles: queriam mais que um gaioteiro para sua filha. O pai foi o primeiro a consolar-se com o pensamento: nunca se sabe sobre que rodas anda o amor. A senhora Toigo Taglieber, entretanto, olhou com desconfiança para aquele que vinha sobre uma gaiota tendo à sua frente apenas um cavalo. Pensou: bem que minha professora merecia coisa melhor! O casal, todavia, foi efusivo. Já era tempo da maior liber-



dade dos filhos e até das filhas. Deixaram os dois, desculpando-se. Iam visitar amigos. Juvelino, porém, foi gentil, minimizando os primeiros efeitos de sua presença. Modesta convidou-o, logo depois, para o jantar.

Houve surpresa de Juvelino ao ver verduras e legumes de diversas cores e formas. O prato principal foi servido em prato individual: dois filezinhos de pescada com aspargos. Uma tristeza para um estômago mal acostumado. O desagrado começou a toldar o ambiente, mas ela fez de conta que tudo estaria muito bem. A sobremesa eram duas frutas: uma maçã e uma banana. Depois da janta, o gaioteiro ouviu um curto discurso sobre a importância da frugalidade da alimentação. Ele retrucou dizendo que tinha um estômago de trabalhador. Ela se pôs a rir convulsivamente. Ria e mal se controlava. Foi a vez de ela dizer: quero casar contigo! Ele entendeu a lição e disse: 1 a 1. Isso, porém, não afastou a continuidade da brincadeira: Ju, meu Juju, enquanto mordiscava sua orelha, te quero por cem anos e com esse corpo de atleta. O alimento faz parte de meus cuidados. Juvelino falou-lhe: Sancho Pança foi governador de uma ilha, graças à fidelidade para com Quixote. Abandonou o governo e não deu tempo de sua Teresona e sua filha Sanchita sentirem o prazer dos nobres. A razão principal de demissão fora o fato de um médico, metido à besta, querer controlar sua alimentação. Morria de saudades de pernis de porcos e de cordeiros gordos. Ria ainda mais Modesta, confortando-o: não seria tão austera a ponto de perdê-lo por causa da falta de alimento. Apenas fizera-lhe uma brincadeira. Trouxe-lhe, para consolo, uma sobremesa farta. Percebeu o gaioteiro que fluiu suave a sua intimidade, melhor que se lhe estivesse transbordando o estômago. Por fim, ela ofereceu, para que Polinária pudesse servir um café da manhã mais farto, bolachas de triticale, não sem ouvir um comentário: elas têm a



rusticidade do centeio e a nobreza do trigo. Compro-as de um amigo sonhador que tem a fé que os homens vão se entender, havendo justiça para todos. Ofereceu, também, salame ZD Costi, comentando: o fabricante foi prefeito de Putinga e colheu um pedaço de estrela nas roças de lá. Aprendi, tomando nas mãos seu peso, que as estrelas são pesadas. Brincou, por sua vez, Juvelino: pensei que minha estrela não pegasse pesado comigo, nem fosse rude como o centeio do campo. Riu tanto e tanto mais Modesta! Ria sentindo no peito a alegria. Seu corpo estava conforme os dizeres da felicidade. Seguiam-se os dias mais de sonhos que de realidade e, no outono, sexta-feira: tempo feito para as almas terem sossego. Inspirado pela linguagem do silêncio, resolveu mostrar que ele, Juvelino, também podia mostrar-se amável e cuidadoso: feito um poema de gestos. Convidou-a para um chá. Farei uma harmonia com a água. No Oriente, as gentes se reúnem nas casas para a cerimônia do chá. É uma meditação com toda a natureza. Concentrados, celebram o fogo, a terra, a água e o vento. Ouvem o sopro do fogo. Respiram pausadamente, que é para o vento aquietar-lhes a alma. Tomam nas mãos as tigelas de barro para sentir a face da terra. Com a ponta dos dedos sentem a expressão mais antiga do chão. Bebem da seiva das folhas e das flores. Meditam longamente sobre os ruídos, sabores e imagens, guardando-os atenciosamente. Despedem-se confortados por terem comungado das formas principais em que se apresenta a mãe grávida da terra. Suavizados retornam às suas casas. Ditas as palavras, foi servido o chá e o ruído era ouvido no recipiente de barro. Não havia pressa em acabar a cerimônia sob a lua que desenhava sombras.

Com chá, conversas amenas e sonhadoras e com o árduo trabalho, montou sua casa de cores alegres. Casaram-se, convencidos de que poderiam se amar definitivamente. Convidou o tio



de Ronda Alta e outros amigos. As famílias estavam contentes porque sabiam da capacidade deles. O tio, ao se aproximar dos pais de Modesta, ponderou: também temos parte na educação do guri. Era ele que vinha todos os verões comer de nossos peixes e de nossas frutas. Ele aprendeu a amar o campo e nossos poteiros. É um homem preparado para amar. Tem razão, completou o seu Taglieber. Estamos aprendendo a gostar dele, completou a senhora Toigo Taglieber.

Juvelino Messias Pampa, casa e lutas

A profissão de transportador era mais uma confissão que um trabalho. Tinha paixão por suas gaiotas, agora divididas com seu pai Píndaro. Dizia em seu modo de ser: os cavaleiros pacificam a cidade, eles humanizam os motoristas. Conveniu com a UPF para que a Medicina Veterinária desse atenção aos cavalos de outros transportadores. Reuniu companheiros de profissão e se organizaram: APAGA – Associação Passofundense de Gaioteiros –, cujo objetivo era organizar seus trabalhos, cuidar dos gaioteiros e dos animais. Formatou uma empresa, a partir dos primeiros estudos no curso de Administração da UPF. Reunia os papéis e papelões de todos os gaioteiros, imprimindo ao negócio outra dimensão. Entretanto, não renunciava de andar sentindo Passo Fundo do alto de suas gaiotas. Fez de seu pai o melhor sócio, sem esquecer de reunir também as famílias. Festejou, particularmente, quando o “faz-se frete” escrito nas gaiotas passou à mesma inscrição na sua caminhonete e, tempos depois, em seu caminhão. Dizia que seu curso não era nenhuma Fundação Getúlio Vargas, mas concedeu a ele o dom de criar e organizar esforços, sem perder o sentido social de suas ações. Embora já velhas, não cansava de voltar seguidamente para Grieca e Gracie-ma. A perfeição da alma, dizia, não pode deixar de lado grandes pensadores. Os sonhos não podem ficar desamparados, nem do lucro nem da satisfação de quem trabalha. Tudo era levado em registros perfeitos, e aí obtinha a noção exata de seu patrimônio. Avaliava as vantagens dos esforços, tanto aqueles que traziam vantagens pessoais como aqueles que provinham dos esforços coletivos na APAGA. Ia apartando as vantagens como se ainda fosse a criança apartando as bolas de gude ganhas ou perdidas,



afundando as medidas dos bocos, avaliando as raias e esfolando os dedos. Tinha cuidados para não perder o sentido de ser transportador e o sentido de alegrar-se com os clientes que recebiam o benefício de seu trabalho. Não perdia o valor de um olhar brilhante de quem recebia o objeto transportado. É verdade, não transporto luxo para mansões, mas a alegria do recebedor é que conta. E o andar bem cedo fazia com que divisasse o que poucos divisavam. Certa manhã, mal as sombras desapareciam, ouviu o pipilo de um pardal – de imediato lembrou-se de Edith Piaf –, pequeno e que não causava diferença, mas percebeu-o com estranha grandeza, pelo som, pelo encanto que nele se impunha. Era silenciosa a manhã, discretas as penas e monótona a voz. Não era o extraordinário corvo que aprendera a trinar, mas um animalzinho sem grande expressão, aí estava engrandecendo-se com sua presença. Cogitou: quem há de prestar atenção a um empresário de gaiotas. Convém que nós salientemos a voz dos gaioteiros pela corporação dos transportadores. Talvez que nos percebam. No valor transportado teremos o reconhecimento de todos. Se dermos valor ao que é transportado aí vai residir o valor de quem recebe o objeto de nosso transporte. Dizia: poucas vezes o pipilo de um pardal teve tanta importância. Daí em diante reverenciava essa voz simples e outras vozes que vinham de carona.

Descobrirá o principal, que era o destino de seus esforços: uma família, objeto direto de sua identidade e a penetrante alegria. Nem bem se haviam passado oito anos e Modesta, como boa professora de Geografia, queria preencher espaços e gerou quatro filhos: Teófilo, Teodósio, Nucha e Tatusca. Um mais bonito que o outro, repetia o Juvelino. Os Pampinhas, um mais engraçado que o outro. Suas almas iniciantes eram promissoras. A alma humana, diferentemente das almas dos animais irracionais



e dos vegetais, carrega a vicissitude da ambivalência. Os Pampinhas homens não cresceram em sabedoria e muitas virtudes, à revelia dos pais. As circunstâncias de uma coisa, muitas vezes, transforma em outra: a insidiosa realidade das coisas, diria uma pequena profeta. Pois bem, a insidiosa circunstância aproximou Teófilo e Teodósio, aquele que deveria ser amigo e o que dá a Deus foram e deram mais para o diabo. O reconhecimento dos adolescentes da vila em relação aos dois deslumbrou a ambos mais do que os pais poderiam deslumbrar.

A empresa particular de Juvelino fez esquecer a necessária vigilância e ternura. Aos poucos era tamanha a preocupação com a AGAPA, sua empresa e outros esforços comunitários que já não realizava ações conjuntas com seus filhos, muito menos pensar em levá-los para Ronda Alta, onde os ares estreitam as pessoas, seja nas águas, seja no campo. Os costumes do descuido e de companhias pouco recomendáveis levavam os dois para a indisciplina. As razões que se lhes apeteciam foram se distanciando das razões dos pais e dos avós. Sabiam dissimular muito bem o caminho imprestável. Eram agradáveis aos avós, entretanto, aos pais mostravam-se impenetráveis. Cinco anos da adolescência foram suficientes para que entrassem nas formas de um caráter marcado de interesse próprio. Sentiam-se reconhecidos cada vez mais por um grupo que tardiamente foi descoberto como inadequado para os da casa. Quem alertou Juvelino e Mosdesta foram as filhas que começaram a se revoltar contra os dois abusados. Não havia mesada suficiente, e, equivocadamente, Modesta favorecia aos dois. Quando os pais e os avós abriram os olhos para a realidade, a cama do diabo já estava arrumada. O caminho de um retorno ético foi buscado com muitas dificuldades. Diálogos, culpas, desentendimentos e tratamento psicológico se repetiam. Houve uma convocação geral, para que, em tempo,



se pudesse reverter o estado de ânimo dos dois. Que pudessem retomar a origem dos respectivos nomes. Para refazer o que fora feito, a melhor de todas as circunstâncias foi a morte inesperada de Píndaro: aquele que tinha autoridade e um amor sem restrições. A herança de Juliano com sua inclinação para a bebida se inclinava forte dentro dos rapazes. Polinária percebeu em tempo e alertou-os em conversas, e jamais Píndaro pensara que a AAA pudesse servir tão bem aos seus netos.

O que compensava na família Taglieber-Pampa eram as duas garotas. Nucha e Tatiusca tinham uma disposição incomensurável. Parecia que certas virtudes eram-lhes inatas. O lado materno chegou como um impacto positivo na destreza com que desenvolviam a maturidade. Cada idade contribuía para que o caráter se desenvolvesse quase sem reparos. No início da adolescência é que mostraram um tempo de convulsão que poderia se transformar em rasuras, não fossem os nomeados esforços, quase uma cruzada contra a devassidão que vinha se alastrando em Teodósio e Teófilo. A guinada comportamental dos dois começou a ter efeitos e, pelos esforços de dois anos, podia-se dizer que aí havia uma família na qual se debatiam a paz e os sustos.



Os dias finais de Píndaro

O desejo pelo encanto é o que mais se pode admirar em pessoas que não aceitam se conformar com a imposição do cotidiano. Vivem dividindo a criação com a repetição dos costumes. Píndaro sabia de cor e salteado as ruas de Passo Fundo, mas nenhuma vez passava por elas do mesmo jeito. Olhava com certa prudência a agilidade de Juvelino, mas, no fundo, tinha orgulho dele. Podia-se observar pelo olhar do pai. Orgulhava-se sem modéstia: a fruta não cai longe do pé. O velho gaioteiro era bem visto. A vizinhança tinha dificuldade em apontar algum defeito, e olha que pobre vê com olho clínico o que não presta. Se consola muito com as encrencas dos outros. Píndaro tinha a virtude da animação. Até aos bêbados conseguiu ajudar. Que o diga o Epaminondas, que chegou a liderar um grupo dos AAA. Com a mulher dele, a Desdêmona, teve mais dificuldades. A velha, ainda hoje, passa na frente de qualquer bodega e diz: que saudades! Brincavam com Píndaro sempre que podiam, em razão de seus escritos. Ô home, dizia o Antero, qui adianta escrevê si aqui ninguém lê. Respondia esperançoso: um dia há de ler. E por lembrar de suas crônicas levou-as até Juvelino, na esperança que o filho pudesse um dia publicar. Meus escritos têm alguma pretensão e eu com eles. Falou: filho, quero que guarde e leia, e se um dia tiver recurso, publique. Quero conversar ainda contigo quando minha boca estiver calada.

Mais que tudo, Píndaro tinha nas netas um consolo, como nos netos uma preocupação. Seu coração vibrava de satisfação por vê-las exuberantes na inteligência e no coração. Elas, por sua vez, tinham no avô um lugar marcado de sonhos e mistérios. Pela



boca de Píndaro a compreensão de todas as coisas tiveram um toque especial pelos significados diversos que eram conferidos. A lógica do mundo, imposta pela escolaridade, tomava outra dimensão quando aí se impunha o encantamento. As medidas do tempo, do espaço e dos fenômenos ganhavam vida, e as netas, pela reciprocidade que se dá pelo conhecimento, se compunham de encantamentos e de uma ética muito gentil.

Ultimamente a direção de sua vontade e cuidados seguia em torno dos netos. Dizia: esses piás não podem se perder. Quero ser mico de circo se não vou remover os obstáculos que impedem meus netos de serem melhores. Começou a trazê-los para sua casa. Oferecia churrasco em sua casa para que trouxessem os amigos. Interpôs seus cuidados também na direção dos amigos de seus netos. Em pouco tempo, pela mão generosa do quase velho Píndaro, a turma começou a tomar outro jeito, mas o clima ainda estava carregado. Tempestades se faziam ainda. Meu Deus, como é difícil botar em ordem uma construção mal iniciada, se queixava para Polinária.

Na manhã bem cedo de sábado de aleluia, debaixo do gostoso sol de outono, foi pondo a jeito a gaiota e o Astrogésilo II. Em tudo o cavalo era igual ao primeiro. Se não tivesse nascido de outra fêmea bem poderiam ser confundidos como irmãos. A mesma pelagem, tamanho e índole. Pacífico e cordato com o que lhe solicitavam.

Píndaro já possuía sua aposentadoria, pobre mas sua, mas não o suficiente para não querer trabalhar nesse sábado de Páscoa. Tomou a decisão de ir ter com alguns amigos para levar sementes de feijão e milho de primera, brincava. Às vezes, ia ao interior, especialmente para Ronda visitar o cunhado e pescar com os netos, o que se intensificara. Outras vezes, acompanhava



Juvelino até a Sede Independência, junto ao Taquari, buscar farinha de milho do moinho de Arduíno Brum. Costumava dividir uma conversa com o amigo Antero, levando alguma novidade em fruta ou flor: plante que o Píndaro garante. Antero tinha um riso fácil e se ria todo: o quintal, homem velho, não é só pra se dar uma mijada enquanto se olha as estrelas, serve também para florescer uma semente.

Nos últimos tempos tinha motivos para estar bem: a Nucha e a Tatusca vieram dizer que os manos tinham ido bem nas primeiras provas. Ganharam umas estrelas no peito por não beberem. Estavam bem com o pai e a mãe. Estavam namorando umas gurias que levavam os dois de freio curto. A gaiota estava lustrosa e pomposo o Astrogésilo II. Não se despreza uma manhã cheia de horas aos sessenta, comentava com o animal.

Aquela manhã não estava para o gaioteiro. Por mais que cuidasse um caminhoneiro com seu caminhão desconsiderou a gaiota e o gaioteiro. Píndaro foi jogado sobre seu cavalo tonto, assustado com a brutalidade do caminhão, e sobre eles as sementes despejadas. O fato tornou-se um alvoroço, e aí estava o animal e seu dono. Parecia descansar sobre as ancas do Astrogésilo II. Logo a seguir veio Juvelino e o deitou em sua gaiota, levando-o ao hospital municipal. Pela última vez andaria com seu pai.

Dias de muitas dores, mas bons. Respirava com dificuldades, pois houve fratura de diversas costelas e severa contusão no abdomen. Todos se admiravam dos dois netos. Surpreenderam quando ambos se dispuseram a cuidar do avô. Polinária resistiu, mas percebeu que havia mais uma chance de ter no avô uma presença boa. Assim aconteceu. Foram duas semanas de grande sofrimento de Píndaro. Nos silêncios, pedia para segurar a



mão e eles foram, entre a quietude e as palavras, tirando proveito. Píndaro fazia o elogio da disposição dos dois. Breves eram as histórias, pois o peito lhe doía. Entre a vida e a morte os três remavam e, por fim, o velho fechou os olhos. Aproximou sua boca ao ouvido de Teodósio e disse: vocês assombam pela bondade. Depois o homem ficou entre a terra e o abismo. Parecia estar entre o limiar de uma existência e outra. Pediu para que ambos ficassem quietos. Teófilo perguntou: o que se passa, vô? Mais uma vez, com um gesto delicado, pediu que o deixassem como estava, entretanto, os dois sabiam que havia um fenômeno diferente a perpassar o rosto de Píndaro. Havia uma espécie de êxtase, mostrando uma expressão de quem pensa como nunca pensara. Teodósio soprou no ouvido de Teófilo: Será que está indo embora? Será que está vendo o filme da vida? Acho que voa sobre a avenida, levando nosso pai. O avô murmurava como um sopro: as sombras desaparecem. Meu nome é Píndaro. Cuidei de um menino e amei uma mulher. É pouco, eu sei. Poetei também, é verdade. Obrigado pela notícia. Ambos se aproximaram do avô e cada um segurou uma das mãos. Assim morreu o gaioteiro, o criador de fábulas.

Polinária andava desconsolada e dizia: puta vida, a mim só sobram as sombras. Este, que era inteiro, nem mais segura a cabeça. E nos sonhos começaram a aparecer os dois. Disse uma noite: que se acertem! Mas lhe doía o pensamento: como sustentarei as horas solitárias? Mas por que, eu que estou viva, me lastimo? E como estará aquele a quem se pergunta e ninguém responde? Foram-se meses e meses e aquela bruta solidão a render os piores sentimentos humanos. E se perguntava: quantas vezes se morre nesta vida?

Também Juvelino aprendera a última lição de seu pai. O



velho havia conseguido mais ternura e respeito dos netos que ele dos filhos. De todo jeito, agradecia pelo desvelo de Píndaro, pois se não fosse o velho em torno de seus garotos poderiam se perder neles as melhores feições. Meditou sobre a violência, vendo que a Avenida Presidente Vargas era já uma lugar de batidas e sustos. Teria aí ainda lugar para cavalos mansos? Não mais se poderiam distribuir sementes nas gaiotas, tampouco mobílias sem os assombros do perigo. Lembrança triste, entretanto generosa, era aquela do cortejo para o enterro. Era domingo, antes de o sol se pôr, se perfilavam as gaiotas guiadas por circunspectos gaioteiros. Ao meio, dois jovens guiavam um cavalo. Astrogésilo II, com passo manco, puxava a gaiota sobre a qual ia o gaioteiro morto. Vendo as soturnas casas: assim configuravam seus desenhos em razão da pobreza e da tristeza. Juvelino sentiu uma revolução que apelava ainda mais para as melhorias.

Haviam se passado trinta dias desde que Píndaro se fora. Lembrou-se Juvelino dos escritos, e, para diminuir a saudade, foi ter com o envelope que o pai havia deixado. Leu trêmulo.

Mais que meu filho, Juvelino.

Não importa se vivo ou morto eu esteja. Importa que em meio a minhas esperanças possa conversar contigo. Às vezes, caminhando, outras sobre a gaiota, me chegam sonhos que gostaria de dividir. Apreciaria muito se, em meio aos teus esforços de cidadão, levasse em conta o que digo. Tu sabes, rapaz, melhor que eu, e isso me consola, de como levar adiante um largo empreendimento. Sei que anda dentro de ti o desejo de solidariedade em torno da Vila Bom Jesus. Nunca me conformei em ver a sorte dessa gente voando ao vento, sobre lamas, em seus andares pra lugar nenhum. Acredito que possas erguer um pouco os costumes de quem se veste tão mal. Há de ter um lugar do



qual se possa dizer aqui ando bem, e dentro dele se possa ter um movimento sem andar se batendo nas paredes. Que se tenha um alimento de pôr água na boca. Que se tenha um recinto onde o murmúrio de vozes se dirija expressamente na direção de seus habitantes e aí reconheçam sua importância. Se nesse empenho de fazer uma vila feliz tiveres uma parte de tuas horas, te garanto: terás, também, o reconhecimento de teu valor. Escrevi o que adiante está escrito para dividir meu sonho.

Lançando olhares avulsos, Juvelino ia avaliando o conteúdo. Denotavam-se os dizeres e as preocupações: andamos distraídos com o Teodósio e o Teófilo, mas estamos acertando em torno de nossa vila. Nada que não se recomponha e nada que não possa melhorar. Te narro pensamentos que brotam de mim e desejo que corram para tuas águas. Sempre tive alívio na dor em escrevê-la respeitosamente. Aliás, meu filho, a dor é como um fantasma: se bem tomada, pode se transformar numa perplexidade sem nenhuma consequência, ou, até, ficar como uma lembrança, dando início a uma renovação.

Dessa maneira avançava, página por página, descobrindo fragmentos de seu pai.

Por que será que as andorinhas, em setembro, cham de um prateado som sobre as casas novas da Vila Bom Jesus? As cores novas das ternuras verdes frequentam os jardins e os velhos sadios se dobram sobre elas, enquanto o som das panelas novas soa dentro das casas. Já não se veem tantos pobres pelos caminhos, e o sorriso se delonga no rosto dessa gente. Um poncho quente aquece o corpo do menino, mostrando a lâ que veio da fronteira.

Na página seguinte:



Olho pelo vão que me descortina o futuro: um cheiro de café na casa dos Vieira, flocos de aveia e pão novo na casa dos Alves: um luxo especial pra quem sequer tinha um pote de barro onde guardar o feijão. E o leite servido sobre uma mesa de toalha branca. Mal se continham de tanta alegria os dedões do velho Anselmo dentro das botas de Soledade. Diz que até sonha sonhos de cores. O Chico das mulas, que divagava solitário, dizia que viu Deus sentado nos galhos de um cinamomo. Acabou-se a humilhação.

Em outra página:

Ajuizou-se a freguesia em palavras ponderadas, tomando de livros e conversas respeitosas da gramática. A posição das coisas estava bem disposta no pensar de minha gente. A fantasia só funcionava em versos, sendo o resto posto em ordem, como requer a fluência da lógica. Tudo na vida tem seu ser e sua forma, e isso não se negava nos meninos quando adolesciam. Vislumbrei, também, uma menina na frente da porta. Estava de mãos erguidas, feliz como a garça na primeira luz, erguendo as asas na direção do céu: vou deixar a casa limpa e pôr as sementes nos potes. Deles nascerão flores brancas. Tudo vai bem numa decente condição, também a natureza humana. O homem já feito, apenas alfabetizado, Helmuth Andréas Nepomuceno escrevia no seu caderno de lições:

Um cheiro de madeira na sala de visitas
Um gosto de pêssego maduro,
Um vinho bom da serra gaúcha,
É do que tenho de me orgulhar!

Finalizando os textos, Juvelino lia.



Talvez que faças chegar tudo isso em tempo de justiça, procedente também de tua vontade.

PS. Espero que não te tenha constrangido em fazer que creias na possibilidade de que os outros nasçam em ti, tangendo a tua vida. É o que mais aprendi, filho. Por mais que duvides da alma humana, por todas as violências que perpassam a humanidade, ainda tenhas no outro a comunhão que garanta teu prazer. Das possibilidades de comunicação e existência, ter a alma atravessada pelos sentimentos e palavras alheias, ainda é o caminho. Se houvesse outro, te diria.

Teu pai



Juvelino e Modesta a caminho

Modesta, por ver Juvelino parecendo ovelha de orelha bichada, quis saber: homem do céu, que te incomoda tanto? Não tens mais sossego. Juvelino solicitou que lesse também os escritos de seu pai. Modesta, por ver as palavras do sogro, também tomou-se de interesse. Como era de seu costume gracejar, gracejou: meu São Francisco de Assis da Vila Bom Jesus, vamos fazer o que podemos. Bem que devemos aceitar o desafio de teu pai, considerando o que fez por nossos filhos. Você viu que depois de eles cuidarem de Píndaro, eles andam como anjos. Pode confiar na alegria e fortaleza de tua esposa, mas vê se acalma e dê conta dessa mulher e de seus desejos. Vamos ver o que fazer para que, ao menos, os jovens saibam do dia de amanhã. Nestas conversas, foram levando suas pretensões. Para saber da profecia, Modesta foi ter com Diana, uma velha já sem memória, mas que, ao vê-la, falou: tava na hora de ele cumprir a suavidade de Deus: a caridade não se transfere. Depois, a velha Diana voltou a não reconhecer mais ninguém.

Entre os negócios dos papelões recolhidos, dos papéis e papelões processados, do transporte de mudanças, estavam satisfeitos. Agora tinha a companheira animada em torno de uma profecia que mais parecia que fora dela. A expressão dela entre os convites que fazia revelava uma alegria tal como se nela se depositasse a configuração do bem-estar de toda a humanidade. Mal sabia a mulher do peso que o mundo tem. Ela repetia: o que há em mim parece estranho até para mim: descobri a cura de minhas dores. Não é que não doam, elas se envolvem na comunhão, e isso faz com que sejam, também, divididas. Viu que, por mais



destruidora que fosse a história, sobravam resistências. Poucos entendem que se houve Auschwitz, lá está, porém, o campo como testemunho do pior. Ninguém esconde! Quem quer denunciar poderá trazer um espírito impermeável à crueldade que viceja na vila. Haverá gente desse jeito, mais que sonhadora, fazedora de uma fábula onde o corvo possa cantar.

Dos convites feitos foram aceitos pelos seguintes convidados: o Vigário, o pastor, as velhas professoras Graciema e Grieca, o coordenador da Casa da Juventude, os representantes do secretário da educação e da assistência social. Após a reunião, Juvelino tomou de seu violino e modulou uns sons que ora pareciam de meditação, ora uma revolução. Os amigos de Juvelino, Francisco Albano Cardeal e Artêmio Oliveira, acompanhavam cada qual nas suas cordas. A festa foi breve, mas densa. Juvelino, que aprendera alguma coisa de seu pai a respeito do ser humano, interrogou-se sobre o fato de ter havido ou não uma ordem para a matança dos judeus. Não sabia responder, mas aqueles que se dispuseram a fazer cumprir a morte estariam contentes em mandar vagões cheios de crianças para os campos? O que ele sabia era que havia escrito a solicitação para pensarem a forma de ajudar a sua vila. Franziu a testa ao pensar no tamanho da contradição humana.



Juvelino e Modesta armam suas almas para o desafio

Dizia Modesta: parece loucura armar a alma na direção dos outros. O certo era que jamais Juvelino teria cumprido parte de sua missão, não fossem a alegria e as tarefas concretizadas pela mulher. Ela repetia com segurança: ninguém se torna melhor sem umas ações repetidas em torno da vila que queremos ter. Muito menos uma vila terá condição de ser, sem a contínua ação de sua melhoria. Escolheu, com a comissão do bem-estar da vila, algumas virtudes necessárias, bem aquelas pelas quais o lugar fraquejava. E se aí as coisas andam tortas é para mostrar que o mal, também, pode ser considerado um meio de nossa alegria. No dia da primeira reunião com a comissão do bem-estar da vila, rezaram com uma oração para mostrar a Deus a que vieram: Senhor, mistério insofismável e bondade de nosso peito, ponha um amor alegre nessa empreitada na qual todos andam resistentes. Três foram as principais virtudes a serem assumidas na implantação da vila em nova proposição. Que nenhum jovem ficasse sem a oportunidade de uma profissão. E Modesta era incisiva na afirmação: vejam nossas casas... o quanto os pais de casas bem ajeitadas se dedicam e contribuem até que um filho possa andar em condições de prover a própria vida. Estudiosos avaliam que quase duzentos mil reais são gastos até que um jovem esteja em condição de autonomia. Ações bem informadas devem ser encaminhadas junto à escola, à secretaria de educação e ao Centro da Juventude da entidade Leão XIII. Esse, atualmente, é o melhor lugar para dar esperança para a vila. Tudo com vistas a um aprendizado profissional. A segunda exigência



é dar uma casa em melhores condições, já que ela é que dá conta de a gente se ver melhor. A casa é a imagem da gente posta nas paredes, no assoalho, nos quartos, nos armários e nas gavetas. Não dá para sonhar no meio de um rancho por onde sopram o frio e a fumaça. Ruas boas e bons lugares para encontros tornam melhores as pessoas. A terceira virtude se daria pela escola. Os professores já haviam sido convidados pela secretaria municipal de educação a estimular os alunos não somente na qualificação do entendimento, mas na qualificação de uma agradável conduta juntamente às casas de nossa gurizada. A catequese feita pelo pastor e pelo vigário foi posta com tarefas e temas com exercícios de bondade e solidariedade, que a caridade prevalece sobre a fé. Eram essas as ações convergentes de cidadania e bondade. Juvelino em sua empresa, onde se aplicavam diversos moradores da vila, avaliou que fossem dadas oportunidades de mais trabalho. Todos tinham prazer de ver a Grieca e a Iracema, ambas muito velhas, apoiando a escola e sistematicamente apoiando aqueles alunos que tinham dificuldades além da conta. Continuaram a organizar a nova disciplina social, tendo por sócios alguns empresários dos mais pobres até os mais ricos. Era ali que os jovens da vila iam ter o início de seu ofício. Rapidamente elevou-se a moral da garotada, porque viam na frente uma casa com janelas para o sol e para o jardim. Ninguém ficou de fora da parceria necessária para a grandeza da vila. E Modesta confessava de suas forças capazes de penetrar a natureza da realidade, as quais eram implementadas por dez caminhos: identidade estendida, visão autêntica, visão comunicativa, motivação correta, atenção plena, palavra correta, esforço correto, ação correta, modo de existência correto e meditação. No lidar com os outros em busca de sua vila mais feliz, confessava de alguns meandros humanos e de alguns particularmente sutis. De tão belos esses meandros,



Modesta comentava serem gênios fulgorosos, que, descidos dos céus, refulgiram como aqueles da misericórdia, compaixão e da sensibilidade. Em um dos meandros, foi posto o reconhecimento: o meandro que torna os seres humanos determinados a serem cada vez mais por aquilo que são reconhecidos. Nesse lugarzinho da alma é dito: estarei agradecido se me deres o dom de me ver e me avaliar como um ser de consideração. Se alguém pronunciar o nome de alguém e de olho nos seus feitos, então, existe uma elevação de quem recebe o reconhecimento. Era uma parca filosofia, mas que tinha bons resultados, tanto para aqueles que participavam da comissão do bem-estar da vila, como para quem recebia o benefício do reconhecimento. Com a melhoria das casas, com a escolha dos nomes da piazada para o aprendizado de ofícios, com lugares bons de se andar, todos se reconheciam como válidos de serem vistos e apreciados. O jeito de se habitar com os outros é um lugarzinho ainda desprezado pelas escolas; mais se aprecia o dever de aprender que o jeito de ser. Os alunos se tornam, às vezes, competentes, mas pouco interessantes. Na escola começaram tanto os exercícios para as condutas da alegria, bondade, sensibilidade e compaixão que o coração não ficou defasado entre as letras e os números: a alma fica com apetite de ser feliz. Juvelino, pelo entusiasmo de Modesta, levou até a universidade a face de uma pedagogia com metas de qualidade de vida. O pensamento normativo voltado para o conhecimento tinha laivos tão antigos que a pedagogia da ética estava quase impenetrável. Duas professoras, porém, se dispuseram a organizar um livro para que outras demandas fossem atendidas. Juvelino e Modesta fizeram o que ensinava um conto da tradição árabe: a Lenda das Areias. Um rio queria continuar seu caminho pelo deserto. As areias absorviam suas águas e nada acontecia. O rio, imitando o vento, deixou-se levar para os ares, num gesto de so-



lidariedade. O vento levou o rio e fez que o rio se transformasse em chuva e a chuva transformou-se em rio. As duas professoras se dispuseram a ser o vento, e o livro poderia, se bem levado, melhorar as feições do deserto. Avolumaram-se as discussões sobre o livro, e um rascunho inicial foi apresentado juntamente com as professoras da escola.

Capítulo I

A história das escolas, seus objetivos e as formas de intervenção, avaliando os tempos em que foi se perdendo o sentido ético a ser desenvolvido. De como a razão tornou-se emblemática e suficiente para a salvação das almas.

Capítulo II

As dificuldades da universidade em gerar o desenvolvimento integral nas licenciaturas. O caminho da retomada ética e a resistência acadêmica e escolar: quando, enfim, os alunos terão oportunidade de receber educação?

Capítulo III

A escola da Vila Bom Jesus e seu projeto para qualificação da vida: ética e conhecimento a serviço dos alunos. A superação dos limites entre escola e comunidade: o caminho do trabalho, da casa e dos lugares, e outras emergências. O currículo e as demandas morais.

Capítulo IV

As tarefas e ações conjuntas e cada um em seu lugar: o caminho da integração.

Outras anotações eram registradas, principalmente aque-



las vindas dos empresários, das secretarias de educação e da ação social e da ex-diretora Grieca de Jesus e dos Santos. Todas convergiam para uma formação harmonizada para além dos conhecimentos primários e secundários. (Juntei parágrafos) Nesse vaivém de esperanças até os soldados da Brigada Militar tiveram o que fazer, organizando as férias da escola.

Certo dia, Juvelino, ao ser questionado por um vizinho sobre qual seria a razão de tanto esforço pela vila, respondeu rapidamente: se aos judeus se obrigava o uso de estrelas no peito para todos saberem quem eram e o quanto eram indesejados, aqui se obrigam aos pobres usarem casas miseráveis e roupas que nem fariam bem a cães. Aprendi de meu pai um pouco de estética humana e o que vejo em torno de mim cansa meus sentimentos. E mais, fico triste de ver o esforço de certas mães tentando mostrar um pouco de grandeza com esta miséria. O vizinho mal entendeu a fala de Juvelino, mas percebeu que dizia algo suficiente para fazer o que estava fazendo.

Nessa aspereza de reflexões, decisões e ações – que o diabo espreita sempre – Juvelino sentou-se com Modesta mais Grieca e Graciema para avaliar o que acontecia. Percebeu que provinha uma alegria de bom tamanho. Era serena e estendida. Não estaria fazendo nada mais que uma filosofia da igualdade, o que ampliava a extensão da ternura de quem convergia para os mesmos propósitos e ações. Conversavam e diziam que mal se alimentam aqueles que têm somente a si mesmos como objeto da fidelidade. Andavam nessas filosofias naquela tarde e colhiam informações que faziam bem.

Juvelino maquinava sozinho outras ponderações em torno de sua gente. Se juntaram aqui restos da pobreza vinda da Europa, da África e dos pobres índios que se escaparam de lúbricas



matanças. Desde 1600 a indiada coroada se via mal diante da sanha espanhola e portuguesa. O que sobrara viera parar em sua vila. Se urubu podia trinar, bem que o seu povo poderia se orgulhar, mas somente de inusitado esforço ambos tirariam uma voz diferente. E falavam em redes sociais que sustentariam os melhores dias. Quando Juvelino foi ver a rede, peixe nenhum seria apanhado. Foi ver o que fazer, apertando nós e juntando fios, sabendo que pouco alcançaria, não muito mais que uma vila. Era a sua restrita profecia.

Por mais uma tarde sentou-se na soleira da porta. Acendia-se o pensamento como um lume no qual via melhor e tinha a vantagem de um frugal aquecimento, conveniente como era o sol de outono, ao gosto da paz. O bem-estar tem disso, dizia: tudo se sustenta na esperança das horas seguintes. Se a vida é uma esperança que caminha, mesmo o míope pode ver o horizonte. Sem as roupas alinhadas, sem os objetos mais comezinhos, quem é que pode ver? A pedagogia do ar, das cores, das coisas limpas tem a sua instrução. Desse jeito todos querem se aproximar, tendo um campo de amizades. É o suficiente.



Juvelino comemora um respeitável aniversário

Já com maturidade adiantada, foi estudar na UPE, vendo que o curso de Administração, por bem que fosse dado, estava mais para uma clientela da Suíça. No meio de tudo o pobre desaparecia. Havia um silêncio sobre a pobreza que ele sabia de cor e salteado. O ensino estava longe de sua vila e de seus costumes. Mas a maior atenção não era em torno de si mesmo.

Aos sessenta e cinco anos Juvelino ainda continuava com três preocupações. A primeira muito severa: consistia no bem-estar de sua família. Tão tumultuada era ela, fazendo que dissesse: pode-se hoje saber do tempo, mas do destino dos meus sei bem menos. Não sou como o padre, segundo a história que meu pai contava. Havia no Alto Moinho um padre muito letrado, vindo de Salamanca e que, diziam, lia o tempo e os eventos mesmo antes de acontecerem. Davam-lhe o nome de Lourenço Caldas Vascões. Por haver consigo a virtude de ler os eventos, era motivo de risos e de perseguição da justiça eclesial. Era o mês de julho, no qual lavrador nenhum vira chover até então. O PE Vascões levava consigo um criado e, no braço, uma croça de palha, que era a capa de chuva da época e, em certos lugares, ainda usada. Como se riam por onde passava, perguntou, em bom português, pela razão das risotas. Explicou seu criado: riem-se todos porque é julho e porque levava uma croça. Respondeu o padre: se não puserem uma croça sobre o centeio malhado podem lá não ter centeio. Os lavradores que estavam na malhada riam do conselho, mas o certo é que, em uma hora, veio uma tromba de água que levou todo o centeio que já tinham malhado em toda



eira.

Pois bem, definitivamente, nunca tive o dom do padre Vasções. Sabia eu quando trovoaria ou quando faria tempo bom. De minha casa não tenho o poder de me livrar de todas as tempestades nem me queixar, porque não há casa que não tenha seus tumultos ou chuvas fortes.

Dos meus dois meninos, hoje homens casados, ainda não sei ao certo o que será do dia de amanhã. Me deram apenas um neto e de susto: foi o filho Teodósio, aquele de cujo nome a etimologia é Deus quem dá, mas não tenho certeza de que seu filho fosse dado por alguma divindade em razão da precipitação com que tudo aconteceu. Mas tudo valeu pela beleza de meu neto. Assumiram em parte minha empresa, entretanto, vejo a dificuldade em aplicarem o suficiente das rendas para que esteja sempre bem. Contudo, vejo-os alegres e não sofrem das mesmas tensões de que eu sofro. São de uma alegria quase infantil. Deles, pode-se dizer, não terem crescido. Mas se não fosse meu pai, possivelmente, nem sequer seriam efusivos e bondosos. São capazes, se não se lhes alertar constantemente, de gastarem todos os lucros em favor de uma causa social ou do bem-estar de suas casas. O neto Bernardo é uma alegria só. Descobri que de sustos também pode provir beleza. As duas filhas ainda estão sem casar. Não que lhes faltassem namorados. Não encontram um companheiro generoso com o qual seja possível investir quase toda uma vida. Parece que o coração dos tempos atuais é mais agitado e menos absoluto. Enquanto isso, minha casa tem a alegria delas, mas eu rezo para que Deus crie dois homens de grande valor e que tais humanidades não parem na casa dos vizinhos.

Minha querida Modesta, agora com sessenta anos, apesar de todo o tumulto familiar e da eterna tranquilidade dos filhos,



nunca gerou constrangimentos. Ela se irritava ao ver neles a imperturbável serenidade: seguimos o evangelho senhora Modesta Toigo Taglieber – não vos preocupeis com o dia de amanhã. Apesar das distâncias entre desejos, havia, ao menos, um bem querer do jardim até a sala. O que aliviava as tensões do relacionamento familiar era ver Teodósio e Teófilo metidos nos projetos de melhoria da vila. Se lhes fosse solicitado ir à casa de quem quer que fosse, lá estavam eles, mas a nossa empresa de transporte era tida como um peso e não como uma iniciativa a ser levada adiante de bom grado. Na verdade, Modesta levava mais jeito que eu de lidar com as diferenças de nossa casa. Ela aposentou-se do magistério e começou a estudar as questões do envelhecimento, e, em pouco tempo, tomou para si dois projetos. Criou, com outras mulheres, um grupo de ginástica, solicitando à prefeitura uma professora de educação física e, não contente, organizou um trabalho de atenção a idosos dependentes. Eram apenas três as famílias que necessitavam de tais préstimos. Dizia brincando: pobre não envelhece. O melhor de tudo é vê-la estudar filosofia e discutir sobre a felicidade. Chegamos à mesma conclusão: que o bem-estar não se dá somente pelo fato de pôr em ordem os pensamentos, mas ter o coração carregado de paixão e outras proezas humanas. Esclarecemo-nos o quanto o que estávamos fazendo era um sentido de ampliar a respiração humana. Havia um espírito a nos convencer que a alma estendida nos concede um ímpeto para a felicidade. Mesmo os grandes momentos de tensão da casa se tornam menores quando se tem compaixão com os outros. Até o neto Bernardo andava perguntando por que estávamos tão preocupados com a vila.

Por falar em família, não posso esquecer minha mãe. Íamos seguidamente até Ronda e matávamos a saudade dos ventos, dos parentes e das águas. Mas o que eu não conseguia era ajudar



a que ela matasse a saudade de meus dois pais. Conta-me ainda, ela com oitenta e cinco, sobre os sonhos que tem com os dois. Narra seus episódios e as brigas nas quais os dois se debatem, cada qual querendo servi-la melhor, mas quando acorda fica sem as conversas amáveis, sem a violinha de Juliano e sem as poesias de Píndaro. Filho, diz, enterrei os dois com tranquilidade. Tudo falso: me mato de saudades. Respondo: ô, mãe, a senhora tem a tantos que tanto te querem! Ela imperturbável: cada amor tem seu tamanho. A intimidade que tinha se foi. Há um canto escuro na alma que não tem jeito de clarear. Depois estende seus olhos vagos na direção do que foi. Ponho, então, minha cabeça em seus ombros quieto. É o canto que posso iluminar.

Sou filho emprestado do meu sogro e da minha sogra. Existe uma suficiente intimidade, quase estranha. Falamos com se falássemos reproduzindo apenas pensamentos. Me esforço por amá-los, mas meu coração se amesquinha. Parece haver uma ternura plastificada. Ainda vou estreitá-los no meu peito. Haverá um jeito de amar, natural como um voo de andorinhas.

Sobre a segunda preocupação apreciava olhá-la de perto e falar: sou transportador de profissão. A envergadura em que transformei meu ofício deixa-me orgulhoso. Até andei nos Estados Unidos a ver como lidavam por lá com esse negócio. Os conhecimentos foram para comprovar que meu empreendimento seguia um estilo apropriado. Só não amavam as gaiotas e os cavalos mansos. Jamais entenderiam que pudesse haver ternura em torno de um Astrogésilo II. A austeridade deles não permite sentimentos com animais. Me convencia que o trabalho de cada um não pode ser diferente da atividade de um músico: faz bem um pouco de devoção e o resultado do esforço deve ser agradável também para quem dispõe do serviço. Muitos armários



e guarda-louças foram entregues. Sabia que aí se guardariam a intimidade, cristais e pratos limpos. Na entrega fazia o elogio da peça. Desejava que a entrega fizesse bem à família toda.

Tinha prazer, também, de participar das atividades que introduziam o trabalhador no ofício de novos transportes. A mobília já não mais era levada em gaiotas com a força de pangarés, mas a alma sonhadora de quem recebia as peças se alimentava dos mesmos carinhos. Se há suor no trabalho de transportador, que não se deixe de lado um pouco de paixão. Que cada um encontre uma boa razão para seu trabalho. Brincava: a minha paixão preferida ainda são as gaiotas. A APAGA foi se modificando e poucas gaiotas andavam pelas ruas, entretanto, poucos se inconformavam com a sigla. Duas mulheres de transportadores se empertigavam com a associação dos gaioteiros, entendendo que o ofício estaria sendo desconsiderado. A memória do nome prevaleceu, embora avançando em seus objetivos. Aí se fazia o cuidado com a saúde, a aposentadoria, o estudo e a velhice de seus corporados. Uma família era a melhor definição da APAGA.

Certo dia, para matar a saudade de meu antigo instrumento de trabalho, levei o Bernardo comigo sobre a gaiota. Nos levava, então, o Astrogésilo III. O danado do piá perguntou:

– Vô, por que te agrada tanto uma gaiota?

Uma brisa vinha solta do bosque da Lucas Araújo e o toque-toque era modulado pelo canto de uma corruíra escondida numa jabuticabeira. Fui perguntando ao menino.

– Tá ouvindo a corruíra?

– Tô!



- Ela canta bem?
- Canta!
- Gosta do cavalo de teu avô?
- Gosto!
- Não está bom o ventinho no rosto?
- Tá, vô!
- Se não fosse a gaiota não tinha nada disso.
- Eu também gosto dela, concluiu o piá.

A terceira preocupação de Juvelino inseria-se na comunidade. Essa paixão de ser nos outros não tinha nada de obrigação. Parecia que estava a lhe nascer outra raça humana. Uma casinha bem feita, substituindo um amontoado de tábuas e folhas, uma cabeça visionária em vez de ofuscada induziam nele um sentimento de purificação. Passados vinte e cinco anos de esforços coletivos, houve um aprendizado para todos. Grieca já se fora fazia dez anos e jamais se verá tanta decisão num corpo só. Outras figuras e entidades, sem o devido apoio de uma política social básica, mostraram o caminho da solidariedade. Agora tudo se acertara e havia um costume social público. Vendo tudo o que fora feito, enchia-se de satisfação, parecendo uma ventura: estava diante de seus olhos a realidade de sua responsabilidade. O esforço de tantos fez nascer responsabilidades políticas do município. Depois desses anos todos, havia uma nova ordem de bem-estar, parecendo sempre ter sido desse jeito. Em escrito deixado aos filhos lembrava: não busquei ser um homem esforçado na direção de minha vila com vistas apenas de não ser infeliz. Suscitei em mim uma vibração alheia. Não medi a minha vida pela vida dos outros,



mas deles necessitei para ser mais. Nunca me privei de ser oportuno para os outros. Sou agradecido, acima de tudo, pelos sentimentos que perpassavam a quem se entregou tão fortemente à causa de nosso pequeno lugar. Afirmo, com segurança, conheço a Deus pela fisionomia destas casas. A aventura de constituir uma pequena lenda urbana, com meus amigos, ajudou a superar a ideia das lendas urbanas carregadas de terror. Não sou de ver a vida sob um olhar de benignidade: a conquista foi árdua e áspera. Tirar das costas uma história perversa faz quase desacreditar da raça humana. Passados quase duzentos anos, a própria cidade é como uma grande estância de outrora. O centro da cidade é como se fosse a casa grande e as vilas mais afastadas como se aí estivessem os agregados e a senzala. Alguns estão, como os periecos gregos, ao redor da chance, mas não sabem se chegarão ao bom destino. Precariedade é o nome da chance. Tive a sorte de o Anjo do Senhor me conceder a alegria daqueles que acordam sabendo que têm chance. Mais que tudo dividi com companheiros o melhor sentimento da paixão. Tive a sorte de não apenas encher minha gaiota de transporte; carreguei gaiotas cheias de intenções com os companheiros. Não nos frustramos, embora houvesse razões. No dia da certificação de vinte jovens em curso de formação tecnológica, avaliei que o ser humano pode ser melhor do que se pensa quando se igualam sobre eles as chances dadas aos que têm poder. Vi o quanto a formação de trabalhadores qualificados se aproxima da liberdade. O pensar e o amor dos outros me constituem, mesmo que algum gênio diga: quem tanto carece dos outros significa fragilidade mental. Dialogo com muitos, porquanto não tenho a pretensão de sozinho ver outros mundos que se possa ter. Não sou sozinho à medida das coisas que são, muito menos daquelas que ainda não são. Não aprecio olhar-me. Entendo que sou como meu olho: não foi feito para se



ver, mas para ver o que o cerca. Por isso não me afeiçoo a dizer que sou uma pessoa interessante, mas a vida me agrada quando vejo o tumulto da vila.



Reinvenção de Juvelino Messias

Pampa

Setenta anos sobre gaiotas poderiam se constituir em justo descanso. Naquela tarde, ainda sobre uma delas, ouviu de Bernardo: o senhor parece cansado. Juvelino, entretanto, protestou: apenas estou pensando um pouco sobre como ir em frente nos próximos dez anos. O adolescente Bernardo se encheu de orgulho por ver que sua raça era boa. O avô não se envergonhava da idade.

Não era necessário olhar as calendas para se saber que a primavera ia alta. A natureza tinha sua notícia na voz fremente dos pássaros, cada qual denunciando os frêmitos de sua espécie: um mais louco que o outro para provar seu encanto. Disso se diferenciava o Juvelino. Falara ao neto sem muita convicção. Andava como um velho marinheiro; fechava as escotilhas antes que se afundasse o navio. Lembrava do que havia feito, mas não tirava disso o entusiasmo de outras vezes. Como um bom estoico sabia que era seu tempo de tomar sua barqueta. A vila já firmara suas posições em torno da dignidade. Cada família começava a velejar como um pequeno navio.

Pois bem, já havia um ano que Juvelino andava cismando quietudes. Diferente andava Modesta. Em tudo externava suas opiniões e mal percebia que seu homem silenciava. Articulava ainda seus sonhos, embora já com a velocidade um pouco reduzida. Dizia que a morte a surpreenderia vivendo. As filhas, porém, notaram que o velho pai meditava mais que falava. Confidencia-



ram para a mãe: o pai não merece morrer antes do tempo. Nós mesmas vamos ajudar para que se cumpra a segunda profecia. Se a falecida Diana, a caçadora de esperanças, acertou na primeira, poderá estar certa em relação à segunda. Entretanto, do jeito que as coisas se propalavam para o lado dele não se passaria mais um ano sem que desse o último suspiro. Até buscava onde se segurar dando seus passos. Somente se avivava um pouco mais quando estava sobre a gaiota. A voz parecendo uma fonte de onde saía um filete. Modesta, no aviso das gurias, teve nitidez do acontecido. Juvelino estava se indo. Alertou-se toda e se agarrou em Santa Rita: minha santa, não permita que se vá antes do tempo, quero dele o que sempre me deu. Após a oração envergonhou-se por estar pedindo forças com segundas intenções.

Juvelino, de fato, andava acabrunhado. Nem ao menos as janelas iluminadas e os jardins o comoviam. Seus amigos já diziam: o Juvelino bem que merece uma feliz eternidade. Ao ouvir tal comentário, Modesta mandou que enfiassem a tal eternidade onde bem entendessem. Não perderia seu Juvelino. Modesta já estava apavorada. Meu Deus, dizia, onde andava eu que não percebia que meu homem se findava? Juntou todas as forças, avolumando tudo de bom que se pode encontrar numa mulher decidida. Serviu a mesa do café e se pôs a dizer um discurso pra valer: Lembra da geleia de ameixa, lembra? E do cheiro do pão? Do pêssego maduro e do mamão gelado fazendo carinho mole no estômago? Em que rua ficou meu homem? Me diga que vou te buscar. Em que bruma de setembro se extraviou meu rapagão? Acaso é uma poeira esta vida? Um pó que levanta e desce? Te decepcionou acaso minha intimidade?

De repente, quase tão de repente como se extinguiam suas forças, ele falou certa manhã: uma só forcinha a mais que me



ergo! Um abandono insere-se no meu peito. Me devolvam meu calor!

Modesta estreitou-o afável falando alto: não vá embora! Que alegria!, seu homem dera sinais de vida. Não mais saía de seu lado: não vou sair desta casa enquanto não te ver em cima de uma gaiota, saudando as pessoas. Faturava boas conversas, trazendo o poder que havia. Mudou de lugar os sofás e quadros exóticos e coloridos foram postos nas paredes. O que fora antigo estava uma casa nova. Pôs o violino nas mãos de Juvelino. Ajudou que o erguesse e um som se fez na casa novamente. Não fez muito mais que isso, mas isso feito por diversos dias, começou a surgir a redenção de sua casa. Havia uma paixão exuberante na conjugalidade na hora em que Juvelino tomou para si a boca de Modesta. Ela parecendo uma coelha faminta diante de uma cenoura. O fervor da hora os consumiu. Sabia, então, Modesta que seu homem estava voltando para casa. Quase enlouquecida pela alegria de fazer voltar o que havia se perdido, lembrou-se de parte de uma canção da banda Rhapsody of Fire:

Guerreiros poderosos das colinas de prata
Marcham, guiados pelos ventos dourados.
Elfos das florestas sagradas e místicas
Correm através da última nevasca.

Ele está vindo agora das terras centrais,
Segurando com orgulho sua espada mágica
Glória, orgulho e honra cavalgam com ele...

Pensara consigo: alguma nevasca devastara o ânimo de seu



vero-forte-varão. Numa conversa de comadres ouviu uma grande verdade: pois vê, Modesta, que lhe deram uma baita cortada! E refletia sobre o que haviam feito ou dito: fizeram com que se abatesse o ânimo. Tontearam o meu Juvelino. Vou desfazer na marra o mal feito. Agora quem fala sou eu! Se na profecia Diana não viu sobre uma mulher fazendo despontar um velho, vai ver agora. Serei eu o instrumento do anunciado.

Nesses dias em que ela andava como Joana D'Arc na frente de dez mil soldados, fez-se um sonho ao amanhecer do dia. Uma estrela fulgurante refulgia na mente de Modesta. Tão viva a luz estava, que, ao levantar, solicitou para a vizinha se esta luz não havia chegado também em sua casa. Decidiu, então, que a luz era só para ela e que Deus fala com quem quiser. Quem sabia da estrela era ela, mas para vê-la inteira a primeira diligência se faria: o que fez seu homem tão rapidamente cair em solidão? Foi a fundo para evitar qualquer retorno ao mal-estar.



De como Modesta operou seu milagre

Quero a minha estrela na estrada. Vou ver de perto por onde começou o desalento. Mal se concentrara sobre a decisão de saber por onde tudo iniciara, lembrou-se da data do dia vinte e nove de maio. Reconstituiu o acontecido: primeiro dia dos frios do ano, voltou Juvelino abatido como um cão ferido que retorna para casa. Julgou com prudência o evento, medindo tudo com precisão. Seus filhos carregavam um caráter no qual não contava o esforço realizado pelos outros: não tinham como medida a reciprocidade. Menos ainda avaliavam a importância do pai nos esforços em ter o que tinham. Mais preferiam a fortuna que a solidariedade em relação ao pai. A questão pendente era pesada e feia: o que haviam dito ou feito para o pai os dois que tinham tanta dificuldade em crescer? Que tempo era esse no qual os filhos olham tanto para si mesmos? Tendo incertezas, mas, sobretudo, sentindo o mal-estar de sua intuição, foi ter com eles.

Ao aproximar-se dos dois, perceberam que a senhora Modesta carregava uma tempestade no corpo. Trovões e raios poderiam ser percebidos pelo clima em torno. Uma deusa perdida em seus rancores. E veio a pergunta que jamais gostariam que fosse feita. O que aconteceu dia vinte e nove? Sentiram-se cercados por aquela senhora que até então fora complacente. Não era aquela que perdoava suas transgressões. Se não falarem a verdade não ficará nem sequer uma roda de gaiota para vocês e para as mulheres que falam que meu homem está no fim. Havia um destemor. A ternura não mais lhe habitava. Teófilo conhecia os



lados frágeis da mãe e tentou usar velhos esquemas, mas estava aí uma indevassável mulher. Jamais poderiam entender esta estranha circunstância: a mãe era uma ameaça. Como se fazia o silêncio, ela aumentou o mal-estar: se não falarem, que façam por vocês do que comer! Prefiro que passem fome a ver meus filhos desrespeitarem o vosso pai. Teodósio, por fim, abriu a boca: pedimos a ele que deixasse a empresa por nossa conta! Que passasse em vida os seus negócios. Dissemos, com delicadeza, que poderia descansar enquanto administraríamos os transportes com meios mais modernos. Mal se acabara a fala, o rosto dela tinha um ar desconhecido: falavam seus olhos de uma estranha sentença, inserida no processo de palavras e de sua presença. Por fim, havia uma face envelhecida, repentinamente, e uma voz estremecida: que haja uma educação embora que tarde – sussurrou com uma lágrima, a qual seguia uma ruga até o canto da boca. Estava amarga. Saiu porta afora como um pé de vento.

Na rua foi confabulando: não aceito que os velhos pais mendiguem proteção indo de casa em casa de seus filhos. Negociam a proteção como se negociassem qualquer coisa. Não aceito que eles venham retirar dos pais a força e o poder que eles têm. Parece haver uma espécie de conciliábulo nojento em desejar a morte daqueles que envelhecem. Podem crer, meus filhos, se vocês tiveram uma mostra de bondade na morte do avô Píndaro, vão continuar a aprender com o pai, mesmo que vocês tenham cinquenta anos. Que mania é esta de tirar antes do tempo o que pertence ao ser humano?!

Voltando Modesta do encontro com seus filhos, mostrou-se desajeitada em relatar a Juvelino o que havia dito aos filhos. Ele ouviu calado, mas depois externou sua decidida opinião, a começar por um poema que nem mais sabia de onde retirara:



Nos campos de meu pai antigamente
as chuvas inundavam meus pensares
e do pomar do céu pingavam frutos.

Hoje os tempos se tumultuam e quem quiser educar há que ter paciência e decisão. É verdade, me abalei com a solicitação de meus filhos, mas o mal se tornou uma oportunidade. Percebi, com teu apoio, que estou devagar, sem razão nenhuma. Vou pôr novamente os pelegos, enfrenar e sinchar bem meu cavalo. Irei por campos nunca dantes campeados. Vou mostrar aos meus filhos que a vida há de ter novidades depois dos oitenta. Saberão que se morre no devido tempo, e o devido tempo ninguém sabe. Eles aprenderão que nos campos de seu pai inundam pensares e do pomar que se planta os frutos são colhidos. O amor também é feito de lições. Se aprenderam a bondade na morte do avô, aprenderão que a vida exige outros cuidados. A vivacidade de seus olhos dizia que não iria morrer.

Foram tomadas as decisões necessárias e as prudentes ações. Os filhos ficaram com os mandos de transporte da cidade. E tudo o mais estaria sob o controle das filhas. Em tudo haveria a supervisão de Juvelino. Para sorte geral dos Pampas, as filhas, enfim, encontraram suas almas gêmeas. O amor, dizia Modesta, é como Deus; é justo e não tarda para quem merece. Se sobre o povo de Israel caía o maná, sobre a casa de Modesta caíram homens de bem. Por sentir-se tão animada Modesta foi até a empresa e retirou uma velha gaiota que estava como monumento para guardar lembranças. Nada de monumentos e lembranças. Ainda é tempo de vigorosa ação. Ajeitou e azeitou a velha diligência. Comprou um cavalo novo, Astrogésilo IV, fegoso, mas



obediente. Juvelino, ao ver o eficaz instrumento de seu trabalho na frente de sua porta, ergueu-se decidido, não sem gemer que seus ossos já se enrijeciam, mas em poucas passadas retornava o poder de seus joelhos. Ela e Juvelino saíram pela rua. O cavalo sentia a segurança do condutor. Encontraram seu Arduíno Brum, moinheiro, velho conhecido de Juvelino que, em brados, dizia: dá-lhe pão, senhora Modesta. Que a estrela de Juvelino brilhe ainda mais. Ela se ria do alto da geringonça: que haja força nessa gente velha! Não haverá estrela que se queime antes do tempo. Ria também Juvelino e o neto, que balançava na carona. Ele, do alto, estreitou-a, recitando:

Já não existe mais a sombra.
Aparece a estrela suficiente
A iluminar a casa inteira.

Sonhos andam soltos pelo teto.
Folhas caem solenes pelo pátio.
A madrugada chega devagar
E o sol que vem está repleto

De imagens, cores a iluminar as horas
Que chegam com destino certo
E um sorriso largo e sem demoras.

Certa manhã, daquelas em que nada falta – claridade, pássaros, brisa, fogo, pequenos redemoinhos junto à porta, pão, trinados, talheres e xícaras, vozes na rua, música ao longe, canto de galo, sopro divino na janela, salada no quintal, borboletas cidadãs, cores tênues, confiança e caridade –, levantou-se Modesta.



Mas havia um vazio na cama, o seu homem ali não estava. Agitou-se, tropeçou, caiu, levantou, correu, suspirou, gemeu, gritou: Juvelino, meu amor, minha força, minha fonte. Mal acabara com essas invocações que frente à porta estava seu homem. O que via estava para chorar, dar, pedir a Deus qualquer coisa, pulsar e rir até perder os sentidos. Juvelino, sua gaiota e o Astrogésilo IV. Ele negaceava com o tempo um rosto novo que o entusiasmo havia devolvido. Um rei e sua carruagem, ela, a rainha e Passo Fundo, o seu reino. Uma estrela se apagava ainda no horizonte. Súbito ela sobe e ele: conversaremos desde a manhã até à noite. A Alegre Figura, Astrogésilo IV e ela iniciaram o movimento. Ele: levemos, cavalinho, até o rio Taquari, no Moinho de Arduíno. E Modesta, somente quando Astrogésilo IV sujou o asfalto, é que pôde perceber que não sonhava. Afinavam a prosa entre o ruído dos carros e o farfalho das folhas. Antes das dez chegaram à casa do velho amigo moinheiro. A mulher Pascoeta gritou: varda, varda, Arduíno! Écola! Von cegando! No abraço, a nuvem de farinha encobria as alegrias de surpresas e prazer. Também eram recebidos pelos patos, gansos, marrecos, galinhas, libélulas, gramas, arbustos, rosas, milhos, milhãs, águas, espumas, cascata e peixes silenciosos, cachorros, gatos, vacas, bodes, cabras, uvas, peras, maçãs e tudo que se possa ter diante de um moinheiro feliz e de um moinho manso, quase eterno. A farinha punha em tudo sua lisura e bênção. Mas como vai, compadre Arduíno? Faz tempo que não falamos, e como tá você, mama mia? Gheto, non tô nos dia ceio de força. Dopo, parece que os veio não tem mais graça. Ô, Arduíno, estava assim também, pensei que morria, mas resolvi, com a força da Modesta, acabar com os atrapalhos. Podia se ouvir do moinho as vozes alegres, esfuziantes, uma festa dentro de casa, a alegria italiana, velha, mas vivaz, misturada às vozes dos pardais, tico-ticos, rolas, cardeais, que disputavam quirelas



no chão. Mais festiva estava Pascoeta, a décima filha de imigrantes, nascida por força da páscoa. Para comungar na Igreja havia a obrigação de querer um filho quando o casal tivesse suas intimidades e prazeres. Deus não dá de graça um prazer, quer saber de seus filhos. Assim nasceu ela, a filha da páscoa. Aí estava ela, graças à ressurreição do Senhor. E de graça recebera uma constante tentação de amar, mas seu vechio andava com pouco desejo.



O riozinho brinca com velhos

Pelas quatro da tarde os dois homens começaram a preparar a pescaria da noite. Pascoeta convenceu Modesta a ser corajosa e que fossem surpreendê-los no rio. A noite se fazia de luz misteriosa e branca, silenciosa luz de sombras quietas, um leite brando e diáfano, cobrindo o múrmuro rio. Mal se seguravam elas do prazer da surpresa. Estariam nuas dentro da água.

Enquanto os dois pegavam minhoca, Arduíno estava cheio de queixas, mas as palavras de Juvelino retiravam aos poucos a desilusão: sei que o moinho do jeito que você lida está fora de moda. Vou ser teu sócio e vamos pôr uma máquina para empacotar farinha de milho de primeira. Toda a região vai apreciar a Farinha Brum. Vai sair uma polenta da melhor qualidade. Não dá para parar e sempre fazer a mesma coisa. Ma, óstrega, tô zá estragado...tô maduro de me caí! Mi Sanantonio me compreende! Uma fraqueza nos braço! Qui voi fare com questo desânimo! Vamo pro rio!

Havia aos poucos um rosto mais alegre. E tu falô sério de ensacá a farinha? Claro que falei e não vai haver supermercado sem questa farina, ria-se Juvelino. Pela primeira vez o homem desanimado ergueu os ombros. Agora, demo via, vamo pescá!!

Anoitecia e mal pusera seu anzol na água e a vara se inclinou para o fundo e um peso vivo e trêmulo se agitou no fundo do rio. Começou a bruta luta entre o animal e Juvelino. Para não se romper a linha, tinha que ter esmero entre a força a ser feita e o peso. Havia volúpia nos pulsos tesos, e eis que uma vigorosa traíra se agita entre as folhas. Os dois vibravam. Em hora e meia



estavam com peixes suficientes, quando duas ninfas deslizam pelas águas. Varda chό, falou Arduίno. Dio santo! Cosa sarά? Antes que o assombro se convertesse em disparada, Modesta gritou: entre, Juvelino, que a água está morna. Mama mia! Juvelino tirou a roupa e de cuecas saltou para a água! Vem, Arduίno! O velho empertigou-se e, completamente nu, se jogou na água. Meu Deus, exclamou Juvelino, o Senhor é ágil em seus milagres. Depois se reuniram abraçados e riam. As ondas, o reflexo da lua no espelho das águas, os risos e o abraço dos casais estavam para sentimentos fortes. Após o encontro, cada casal se retirou para sentirem a noite e seus desvelos. Brincaram ainda mais, ora jogando água, ora nadando em chuva de prata e, depois, tomaram a direção da casa. Vinho, peixe e conversas festivas se adentraram na noite.

A Pascoeta levantou-se antes do sol e dispôs o café numa mesa com toalha de linho. Todos juntos em torno da mesa e Pascoeta agradeceu: Dio benedeto! Tá bonita a nossa mesa! Dirigindo-se para Modesta, brincava: Ma cara, carίssima! Dopo non vai havê uma faccia triste. Naltra sara la storia con la farina ensacada! Modesta, então, fez sua oração: que por mais vinte anos passemos sem grande preocupação! Ainda é tempo dos perfumes e de termos nossa boca para rir e beijar! Que tenhamos dentes para morder e nossas dores curadas! Così sia! Dopo vamo mangiare, finalizou Arduίno.

Foram acertadas as decisões em torno da farinha, o que ainda mais fez Arduίno mostrar-se satisfeito. Teria ainda mais com que sonhar.

Nas despedidas Pacoeta agradeceu: nunca me pensei de tê de volta meu home! Gratia Dio! Gratia Dio, e que tuto va bene, Modesta e Zuvelino!



Juvelino aprende por mais alguns dias

A terra, a água e o vento instruem o pensamento cada qual com seu silêncio, era o que pensava Juvelino, depois do banho, do pão e das brisas sobre o Taquari. Estava mais encantado com sua vida, principalmente por animar Arduíno, providenciar as máquinas e as embalagens para a farinha. Modesta, apesar de toda a geografia que ministrara, jamais havia sentido tão de perto o objeto de seu ensino e tampouco imaginara que a hidrografia poderia capacitá-la tanto em eroticidade. Quando as filhas, e mesmo os filhos, questionavam sobre a raridade das noites e suas visitas ela explicava sobre os milagres de um riozinho. Em solidão, ria sozinha, cheia de virtudes, pelas alegrias vindas do Taquari. Telefonava para Pascoeta, ela só dizia: Dio mio, quela aqua me fa bene. Viene qua!!! Modesta se ia com Juvelino e, na inauguração do novo moinho, nadaram mais e mais. Juvelino se convencia que podia ter uma nova imagem e semelhança à cara de um homem velho, mas de beleza como as estátuas romanas, que atravessavam o tempo sem perder a dignidade. Ao descansar debaixo de um pé de salgueiro que vergava seus débeis fios sobre o rio, foi aprendendo mais uma lição. A grama suavizada pela sombra, o rio e sua paciência, folhas e sua gravidade, o azul com sua claridade punham a mente de Juvelino agitada. As lembranças têm sua poesia e se despertam como crianças cheias de intenções incertas. Há quinze anos havia partido Polinária em completo silêncio. Surgiu em Juvelino uma inspiração. A vida é pouco mais que lembranças que se carregam e pelas quais se mede o dia que passa. Na paciência das águas, na gravidade das



folhas, na claridade azul e na suavidade da sombra, retomou sua mãe como se retomassem o principal. Aí estava ela, de uma ternura mais tenra que um movimento de cortina, ou o roçar de um lençol de seda. A inebriante hora veio afagar-lhe o velho rosto: era a que falava com o prazer das palavras e da limpeza das casas. Transfigurado sentiu-se, perdendo os critérios da atualidade. Via agora com nitidez parte da felicidade de sua mãe: as casas de seu trabalho. Deixava-as tão bem tratadas como se do ambiente proviesse a identidade de seus habitantes. Dizia ela: a casa é o lugar da alegria. O assoalho com brilho de peroba, cada coisa em seu lugar, formando arranjos de uma pintura. Quem aí entrasse diria que aí ficou a alma de minha mãe. Sou, nesse momento, a voz de minha mãe. Aí estava sua mãe, entre as árvores estendendo-lhe a veste de sua imortalidade. Tudo se adequava nele. A alma convivía com as paixões como se fossem conversas amenas, e os rancores estavam sob o domínio da solidariedade. Estava evangélica sua existência. O leão dormitava ao lado do cordeiro. A fraternidade aí estava como um broto de bambu. Era sua mãe com seu poder e seu ventre a tê-lo novamente. Como a saracura morena que passava entre os arbustos, assim sua mãe passava vertendo lembranças de seu ser. Tudo se engrandecia como o caso do ninho de tico-tico junto ao chão: havia uma realeza. Foi um bem-te-vi que o despertou, afastando-o da intimidade das coisas frugais. Vieram, então, Modesta, Arduíno e Pascoeta e, nus, entraram nas águas, alegres como as galinhas-de-angola que andavam examinando os acontecimentos das margens. Depois, foram tomar o café da tarde com polenta brostolada, queijo, salame e mel colhido das caixas postas junto às árvores. Voltaram satisfeitos para a casa de Bom Jesus e juntos chegaram, e, com eles, a noite. Ainda não haviam apeado, quando se achegaram dois rapazes, nem tão miseráveis quanto a miséria pode produzir



e, por pensarem da facilidade que era assaltar dois velhos, foram incautos. De acordo com os juveninos preceitos, o cuidado e a prudência não poderiam ser afastados, pois sabia da fragilidade humana. Carregava uma defesa: um pau de camboim era um pesado tacape. Serviam-lhe, também, os exercícios cotidianos das caminhadas, dos alongamentos e nados. Havia, ainda, fortaleza em seus músculos. Antes de erguerem as armas, num zás, atingiu o primeiro na testa e o segundo nos ombros. Ficaram desorientados pela velocidade e presteza dos golpes. Com mais uma paulada, fugiram cambaleando. Tentou chamá-los de volta para aconselhá-los, entretanto, não confiaram em quem fora tão rude. Concluiu: não são de nossa vila, mas de todo o jeito vão aprender que não se assalta a velhice asi no más. Não se tira incautamente o que é dos outros. Così sia!, finalizou Modesta.

Juvelino reúne velhos e velhas

Ele sentia na carne as urgências depois dos setenta. Via, também, a necessidade de um aprendizado solidário. Avaliou o quanto era igual a forma de se desqualificar o velho e o pobre. Há que se perder os velhos costumes, falava.

Tirou uns sons de seu violino e cantou em seu interior:
É solitário andar por entre a gente,
É um não contentar-se de contente,
É cuidar que se ganha em se perder.

Modesta chegou-se silenciosa. Sabia que ambos gostavam de um quê da solidão. Quando dela se privavam, era como se bebessem juntos da mesma fonte em caneca de alumínio, entretanto não se bastavam. Percebiam o quanto ganhavam em gastar o tempo com a preocupação dos outros. Ela continuou murmurando palavras dos versos seguintes: é um estar-se preso por vontade. Faziam seus voos em favor do ninho alheio. E veio Juvelino com o seguinte comentário: já reparou, Modesta, de como a nossa vila está se enchendo de velhos? Cuido de alguns que estão vulneráveis com seus cuidadores, mas vejo que muitos estão muito vivos por aí, mas sem saber o que fazer. Modesta preparou um chimarrão e convidou-o a sentar-se na soleira da porta, lugar das largas considerações. Aí, então, os sonhos se reuniam com as tarefas a serem realizadas. Modesta comentou, pena é que a Grieca e a Graciema já tenham partido... eram muito perspicazes no que pensar e fazer. Juvelino, porém, avaliou: mas tem o Eliseu,



a Flaminca, o Valandro, a Hermínia e o Honório... essa turma de velhos conhecidos já se moveram em outras causas. Poderão, agora, mover-se em causa própria. Mediante esses propósitos adensaram seus olhares e deixaram que a noite os cobrisse.

Noutro dia estavam reunidos alguns daqueles que ainda tinham vontade de sonhar. Titolívio, entre palpites e ponderações, falou: mesmo o tempo nos agrada como o que foi e que ainda pode ser. Modesta, mais objetiva, considerou que a igreja estava disposta a tomar como causa os velhos e a secretaria de ação social poderia auxiliá-los em suas pretensões. O que fazer do tempo era questão deles pensarem. Surgiram os objetivos e os meios de atingi-los. Não faltou lazer, nem serviços, cada qual apontando conforme suas inclinações. Modesta sugeriu que tivessem a UPF como parceira na constituição de alguns cursos. Não queremos de volta nossa juventude, mas não podemos perder nossa originalidade. Mais que o trabalho parece que agora é descobrir um bom tamanho onde caibam bem os nossos dias. Os nossos filhos dizem: quem é que ficará com nossos filhos quando queremos descansar? Pois saibam eles que teremos nosso tempo preferencial. Depois de diversas reuniões, escolheram certas instituições para novas ações, conversas e novos aprendizados. Não ficaram de lado a igreja, a prefeitura e a universidade, mas de modo especial eles próprios começaram a fomentar algumas ações sociais e de lazer. O reflexo sobre as casas não se fez esperar. Rapidamente os familiares reconheceram a mudança ocorrida no humor e nas disposições dos mais velhos. Prevalencia a queixa de que agora eles não se dispunham com a mesma boa vontade em ficar com netos. Alguns dos maridos se queixavam por não mais dispor de suas mulheres em tempo integral dentro de casa.

Numa das reuniões de avaliação, Jovelino ficou muito den-



tro de si para tirar toda a retidão do pensamento e energia do coração, meditando sobre a dificuldade de os homens mais velhos participarem dos encontros. Avaliou que talvez o motivo fosse a forma da disciplina cultural em que os homens de sua idade haviam sido educados. Tinham pouco mais que duas opções: trabalhar e descansar. Ficam sem destino ao terminar o tempo do trabalho. Indeterminados por falta de comunicação ou por esta ser minguada, perdem o vigor. Parecem estar com o apetite do nada. Semelhantes aos prisioneiros que vão para a morte, submissos às decisões alheias, como os judeus nos campos de concentração. Depois do acontecido todos se perguntam como é possível um povo todo abaixar a cabeça com tamanha humilhação. Não é assim que nos pegarão. Não quero que digam que morremos ainda vivos depois dos setenta. Ninguém tem o direito de sufocar as horas vivas. Simão, o circunspeto, disse num murmúrio: é chegada a hora de não esconder nossa virtude. Ninguém mais falou, mas foi o suficiente.

Não havia se passado um mês quando, novamente, depois de feita a revisão das atividades, o grupo se estendeu em falas que fundamentassem os seus propósitos. Juntei parágrafos. Pois é, dizia o poeta da vila, o boêmio Francisco Albano Cardeal: nem sei quantos versos já fiz. Agora estou na universidade e vou pôr ordem e qualidade em minha disposição para a poesia. Sinto o prazer das palavras brotar em mim. São, ao todo, setenta e dois anos de minha vida. Poetei em todos os botecos. Não fui fiel a ninguém, nem a mim mesmo. Pobrementemente vivi, só não sei como não parti, se todos os dias eu os tive sem frugalidade. Me cativei pelas palavras retiradas da boca da professora Graciema. Se pouco fiz quero agora retomar o que posso fazer, e, se nada deixo, possam meus versos criados e escritos satisfazer a quem vier.



Não vou perder nenhum beijo
Nenhuma dor sem consolo
Ninguém sem meu parco socorro!

Aplaudiram o Albano, mas logo Hemérito entrou em discurso: vejam que eu tenho netos aí na escola, que agora é maior e mais confortável. Não é que ajudo os meus netos em alguns temas da escola. E vejo que as professoras estão preocupadas em fazer que a garotada pense e tenha ações correspondentes ao que aprendem. Se falam do coração, aprendem a cuidá-lo, se tratam da pele, que tratem de cuidá-la, se lidam com a história, aprendem, a partir das revoluções, a cuidar de sua própria história. Nunca pensei que a minha memória pudesse ajudar a piaçada a entender a Revolução Farroupilha e, a partir dela, também aprender a descentralizar o poder, e a família, dividir com eles o poder. Sabe que a garotada não somente aprende a obedecer, mas ter autoridade também. Fui convidado por um dos meus netos a ir até a sua turma e mostrar a história do meu trabalho, minha crenças, meus atos que comprovam a solidariedade e meu jeito de entender a família. Parece que a escola resolveu pôr em ordem também o coração de nossos alunos. Se for assim, as crianças se tornarão homens e mulheres mais interessantes. Vou caprichar na minha fala. E tanto vou me dedicar porque penso que, pelas palavras, é que se olha o mundo. Graças a isso se pode apreciar a vida e amar todas as coisas da melhor maneira possível.

A conversa de Hemérito suscitou uma boa discussão, vendo-se o quanto ele tinha razão. Uma vez que o grupo estava tão bem posto na vila e na escola, foi ponderado que desse jeito estariam fazendo as crianças admirarem a velhice quando



nelas viesse seu advento. Estavam desse jeito, ainda admirados do que podiam pensar e fazer de si mesmos, quando Albano, entusiasmado, mais uma vez entrou na discussão, enunciando seu entendimento a respeito de si e dos outros que aí falavam: tenho lido muito sobre a velhice. Se não fui de muito trabalho, fui de muita leitura e continuo assim. Tenho lido de uma autora que diz que a velhice já não é um tempo a se percorrer, mas um copo de onde se beber. Não concordo com toda a afirmação: a velhice também é de se percorrer com novas vontades. Com mil delas pode-se fazer subir um balão e se percorrer com ele muitas distâncias, olhando o mundo com maior precisão. Se somos como uma casa antiga, somos também carregados de memória, e mais, como uma casa nova, podemos abrigar, generosamente, quem nos habitar. O passado também tem sua decisão e faz brilhar o que vemos. O espírito de Deus quase nos toma nas mãos. Mais por essa razão é que temos de agir. Modesta, que coordenava nesse dia a reunião, concluiu: Entre cardos e fumos tiramos a meninada da miséria, mesmo aqueles que diziam que pobre precisa de trabalho, não de escola. Se assim pelejamos com a vila, agora vamos desbravar o tempo que temos de percorrer, mesmo que se diga que é apenas tempo de descansar. Todos são tempos de brincar, descansar, trabalhar, estudar e amar.

Por falar em cardos, brincou o contador de histórias Epaminondas, deixem que conte uma experiência que fiz em Santa Catarina. Apreciei, numa das caminhadas, um burro que pastava no meio dos carros e da fumaça. Cuidadoso, retirava o seu sustento das poucas gramas: morria a natureza entre a fumaça dos motores. O burrinho, entre espinhos, tirava os últimos restos da natureza e com ela comungava do frágil direito à vida. E vi, também, que é duro o trabalho de viver, quando tudo morre ao redor.



Mas apreciei ainda mais naquela manhã: não era somente o burrinho que pastava quase o impossível. Mais vida havia. Um pássaro amarelo emprestava sua solidariedade. Um bem-te-vi fazia companhia protetora ao burrinho. Renunciara às balançantes copas das árvores e preferia ficar aí nas costas dele, afastando do animal os insetos que, porventura, tentassem incomodar seu companheiro. Pela lição do bem-te-vi e do burro, confesso que vivi. Do mesmo jeito, e muito melhor, estou entre vocês, apreciando essa amizade que é, hoje, minha força principal. Só não sei se sou o bem-te-vi ou o burrinho.

Ainda brincaram sobre como podiam estar juntos e aprender noutros lugares. Time is over, disse o Péricles, mostrando que estava na hora e o que aprendia nas aulas de inglês.



Das filhas e dos filhos de Juvelino

Não há como expressar a alegria do casal Pampa-Taglieber no casamento das filhas. Os meus genros caíram do céu, dizia Modesta. Menos efusivo estava Juvelino: somente anos revelam a retidão de um ser humano, mas alegrava-se pela história dos homens que haviam caído como maná dos céus sobre a sua casa. Achar um homem bom é muita sorte, agora dois, somente um milagre. Aumentava mais sua fé. Veremos, entretanto, dizia com um pé atrás. Alguns anos se passaram e Juvelino, por fim, reconheceu que eram homens de boa vontade. Os cochichos e os risos das duas filhas revelavam segredos que indicavam que em tudo eram bons. Nasceram quatro crianças em curto espaço de tempo e, aí, mais ainda, ele teve que dividir seu tempo entre três espaços: o trabalho, do qual renunciara apenas em parte; a família, que estava ampliada, e, agora, os amigos das reinvenções da velhice e da vila. Modesta se desdobrava em afetos e tinha um poder qualificado de mostrar autoridade e afeto para todos. Temia que seus exageros afetivos pudessem desqualificar o que fazia, uma vez que sentia culpa em relação aos excessos dados aos seus filhos. Durante anos que se seguiram, em tudo, o casal Pampa-Taglieber tinha nas suas filhas um lugar de consulta quanto a dúvidas nos empreendimentos e na vida particular. A mediação delas foi de excelência na crise de Juvelino.

Os filhos eram motivos de alegria e também de preocupação. Havia um caráter movediço em ambos. Suas responsabilidades e relações não possuíam garantias. O julgamento, quando correspondia à realidade, trazia certos exageros no entendimento e nos sentimentos. Por vezes, olhavam timidamente e, em ou-



tras, destemidamente, o que se apresentava ou o que devia ser feito. Essa instabilidade de humor e decisão fazia até que Modesta se perguntasse: onde foi o nosso erro? Juvelino afirmava que não somente eles incorreram na permissividade, mas foram envolvidos num tempo que se inclinava para a condescendência educacional. Fizeram o que de melhor podiam fazer, seguindo os critérios de uma época. A primeira vez que Modesta havia endurecido, muito além das outras vezes, foi quando quiseram dispensar seu marido. Cada um recebeu a sua parte e que fossem cuidá-la. Entretanto, sempre havia dificuldades que recaíam sobre os transportes locais. No início, os negócios de ambos andaram à beira de concordata, mas a vergonha, o medo e a pressão de todos os familiares foram bons companheiros na disciplina empresarial. Juvelino dizia: o que devíamos ter feito aos dez estamos fazendo aos cinquenta. Modesta consolava-se: mas quem terá tanta sabedoria a ponto de medir tudo com prudência? Vivamos bem com eles como são. Passados dos cinquenta, começaram a entender, com bagos no rosto, que a existência tem lá suas exigências, entretanto a tentação era-lhes um convite para andar como os pássaros do céu, que não semeiam nem ceifam. Uma das esposas estava anteriormente tão desiludida pela confiança perdida que dizia preferir ficar sozinha e sem filho a conviver com um homem que não transmitia segurança alguma. A virtude nunca é tardia para quem se aplica, e a alegria torna-se evidente quando os exercícios se conformam à natureza de cada coisa, filosofava a Altidora, a mulher de Teodósio, que apreciava Aristóteles. Bem que seria agradável avançar tendo-a em maior intimidade. Os laços e a constante vigilância começaram a garantir ainda mais o cuidado de ambos. Aprendiam tardiamente. Somente aos cinquenta e seis e cinquenta e cinco anos, de Teófilo e Teodósio, respectivamente, é que Modesta pôde olhar para os



olhos de seus filhos e dizer-lhes: nestes olhos busquei, por meio século, um brilho, e somente agora vejo uma chama. Juvelino, certa tarde, ao ver o diálogo alegre e os sonhos de seus filhos, pensou: olha, Deus, esse milagre!

Meditação de dois velhos

O que fizeram os oitenta e cinco sobre Juvelino e os oitenta sobre Modesta? Será, como queria Platão, que ali se fazem as melhores percepções de uma alma que transcende? Como os cisnes que cantam melhor quando envelhecem? Em ambos os diálogos tornavam-se simples, diretos, lógicos e prudentes. Não se exaltavam por pouco, tampouco se engrandeciam exageradamente. Bastava a necessidade de existir e vibrar com os sopros do passado e o fluir das coisas. Foi ela que tomou a vontade, do jeito que a natureza mistura orvalho, perfume, estrelas e sombras e, por essas medidas, teceu comentários sobre si mesma: não me sinto confusa e nem a memória se perde. Minhas ideias deslizam como um riozinho. Tudo me é nítido, dando a entender uma possível vida em seu início. Dia desses, tive a sensação de Deus me tocar com a ponta de seus dedos e um tremor perpassou o meu corpo. Não serei uma frase dele no seu discurso eterno? Ou apenas se desmancha a prontidão de meus pensamentos? Será em mim a chama que não morre, ou será a chama que morre como a de uma vela que se torna mais ardente antes de se apagar? Tudo é da natureza de meus humores ou tudo me vem do infinito ser das coisas? Será graça divina ou demência senil? Será a visita eterna de Deus ou será a agonia suave de uma velha mulher? Mas que dizer dos jovens monges, que retiram de suas mentes sentimentos que medida alguma mede?

A locução modesta estava funda quando Juvelino chamou-a para a trivialidade. Pois é, muié, brincou:



Não se cala mais o nosso peito,
Nem deixará a nossa luz de iluminar
Os pequenos seres que habitam nosso eito;
A nossa alma, por certo, há de os levantar.

Vem para dentro que o sereno não faz bem, Modesta alertou-o, e deixa de poeitar. Dentro de casa sorviam da água tirada do meio das ervas e, quando estavam silenciosos, não havia nenhum constrangimento: era como se ambos apenas navegassem sem direção, satisfeitos com a presença. Havia pausa nos propósitos. Mas como navegar era preciso, navegavam sobre o passado, distinguindo momentos como se agora eles tivessem maior importância. Ora dirigiam suas conversas sobre os filhos, ora sobre a vila, ora sobre a empresa. Ultimamente, porém, eram os netos o motivo das palavras, como se, com elas, pudessem desvendar mistérios e delas, tirar soluções. Amavam navegar com precisão sobre o presente. Da única vez que Juvelino falou sobre a morte que deles se aproximava, Modesta foi austera: que o ser que seremos tenha paciência! Não vamos nos ocupar do que ainda não existe! Por vezes, não conduziam o pensamento; ele os conduzia. Mais tinham devaneios que exatidão. Ela então dizia: isso é não ter o que fazer. Era o sentimento das coisas que os transportava. Juvelino poucas vezes fazia suas reflexões enquanto Modesta refletia. Mas arriscava também seus palpites quando a hora exigia. Foi isso que aconteceu um dia: estou carregado de tudo que fui. Nada perdi de tudo que vivi. Mesmo que more no deserto não saberei o que é solidão. Apreciava, porém, divagar pelos campos dos possíveis. Agradava-lhe o fato de poder pensar de como as coisas são, principalmente as coisas humanas e sociais e, vendendo-as, avaliar em como poderiam ser, se fossem mediadas por outras intenções. Era o que avistou quando percebeu Arduíno aba-



tido com a forma antiga de lidar com a farinha. Fora assim com a vila. Do mesmo jeito ocorreu no aperfeiçoamento do transporte. Punha suas ideias frente a frente, contrapondo-as como se fossem discordantes, sem radicalismo. Na força ou no grito nem o Astrogésilo IV gostava de ser tratado. Julgava que um respeito e um jeito devem estar na mente de quem faz ou vê. A vida é criação, formulava diante do inesperado e do difícil. Dizia alegre: conhecer deveria ser também amar e fazer. Pena é que na escola só se aprende a conhecer. Repetia: não me agrada ficar agarrado aos pequenos troços. Contudo, não desprezava de jeito nenhum certas rotinas: o voo dos pássaros, as caminhadas, o feijão com cheiro de manjerona e a intimidade de Modesta.

A maior reunião de velhos

De tão poucas carnes e tão leves andavam Juvelino e Modesta que os meninos cochichavam: se vier o vento leva os dois. Com vagar foram até o encontro dos companheiros. Ela ria de si: já se põe quase um século sobre meu nascimento. Em nada se modificam as competências de minha alma, aperfeiçoam-se, mas o que fazer com meu corpo? Em quais ruas ficaram minhas forças? Há uma vontade movida de cuidados, uma solicitude, mas cadê pernas? Entretanto, chegou caminhando ao destino daquela tarde.

Reunião especial: foram convidadas as professoras para com a intenção de juntar melhor a escola e a vida e ver de perto as preocupações dos mais velhos. Elas admiravam-se da extensão dos caminhos e dos empreendimentos que eles estavam tendo. Viam com muita atenção de como tinham em questão a escola da vila. Que elas levassem em conta não apenas um ser humano que produz, consome e reproduz. Estavam aí postas outras qualidades a serem aprendidas desde a infância.

O Hemérito não perdeu a oportunidade de alicerçar melhor sua comunicação: não tenho dúvidas que o pensamento produzido entre nós e suas intenções movem o que temos de melhor. Não há como não aperfeiçoar nosso entendimento em torno de nós e do que fazemos. Sou da mesma opinião, avaliou Carolina. A nossa convivência melhora nossos sentimentos. Fechados em nossas idades não resolvemos nada.

Albano também expressou sua ideia: praticamos dança e poesia, palavras e ações, não pecamos por omissão: há uma em-



presa maior que a gente, isso nos faz viver. Ficamos, por vezes, perdidos porque nos faltam costumes. Tenho certeza que, se a escola tivesse nos provocado para outras artes e ofícios, estaríamos melhores do que somos. Mas para isso, interveio Modesta, é necessário um novo ordenamento social, bem a gosto da Revolução Francesa: igualdade para todas as idades. E quando estudava na UPF, tinha o professor de filosofia que citava Aristóteles... quem quer fazer melhores os homens – trate-se de uma família ou comunidade – deve primeiro tornar-se apto para instituir leis... Pelo que eu vejo em nossa cidade, leis temos sobrando, o que falta é abastecer-nos de novos costumes. Tem casas de velhos, ditas de longa permanência, nas quais os cuidadores andam mal por falta de apoio. Cadê as políticas públicas do município?

É verdade o que diz a Modesta, mas eu, murmurou Epaminondas, acho que também nós fazemos pouco para mostrar a nossa força. Vejo por aí os mais velhos se contentarem com seus bailecos e depois querem o melhor para si. Tem velho mais preocupado com suas próprias penugens do que com o pão dos outros. É verdade, é verdade, concordavam os outros.

Gente, convidamos as professoras e falamos somente de nós mesmos, dizia Juvelino, como um profeta. Olhando para elas, brincou: velho pode falar do jeito que quiser, tem muito pouco a perder, já fez muito e não carece de aplausos. Já que vocês, professoras, sabem o peso dessa cidade como ninguém, lutem e façam lutar para que a cidade, suas autoridades e comunidades cumpram o dever para com todos e de forma igual. Praza-lhes o respeito que se tem no peito. Se um dia Deus me perguntar por onde andei e quais as pessoas da maior bondade, vou dizer: são elas. Se me perguntarem com quem aprendi a melhor lição da vida, vou dizer: com elas.



Fez-se um silêncio rápido e depois uma delas agradeceu, firmando o propósito de levar em conta as lições que estavam aprendendo com eles. Alguns foram para casa, mas a maioria foi à biblioteca, à sala de filmes, ao jogo de canastra e alguns ficaram de papo para uma conversa fiada, pois que o lucro era pouco, mas muito divertido.

Juvelino, diferentemente de outras vezes, foi para casa e ia pensando, com tristeza, por sentir que perderia todas essas coisas. Não dividia com Modesta seus sentimentos, pois ela não aceitava que se pronunciasse o fim de tudo. Sentia-se como uma mesa cheia de pães... uma chama de círio...um amanhecer constante... um ficar-se permanente... como um pescador num rio... como um pastor em seu pasto... mas... mas... na mesa não havia ninguém... o círio se apagava... anoitecia... o pescador sem anzol...um pastor sem ovelhas. Entretanto, para consolo, tinha o que fora... sua vila e sua casa e em tudo havia sua marca... o seu pequeno milagre... a sua profecia... agora o sentimento já se transformava com a ideia da ação de um dedo acendendo uma luz. Não lhe faltou o movimento. Sorria ao lado de Modesta... lembrava das histórias de seu pai... do trinado do corvo, quase um barítono.

- Modesta!?
- Sim!
- Vamos para Ronda?
- Vamos!

Da terra, das águas, do vento e do fogo

Juvelino foi insistente em ir com os filhos e netos até o interior de Ronda. Lá moravam os primos. A festa foi grande pelo encontro. Juvelino, fazia dias, mostrava boa disposição, parecendo que suas forças haviam retornado. Juntamente com os primos foram até a barragem e toda a tarde foi uma tarde de vozes alegres em torno da grande barraca. Mal chegara a noite foi acesa a fogueira que crepitava. Uma brisa vinha do lago, trazendo mistérios para a meninada: o mais velho dos netos, Bernardo, de dezoito anos, e os outros, cinco ao todo - um de Teodoro, cuja mulher, pela maior segurança que mostrava o marido, encorajou-se de tê-lo para alegria de todos, e outros quatro: dois de Nucha e dois de Tatiusca. Havia alegria de todas as ordens. A noite estava serena e todos em torno do fogo. Modesta servia um a um com desvelo. A lua estava alta, o mugido da gadaria se fazia ainda, borbulhava o rio com os peixes que saltavam. As linhas, quando se esticavam, traziam peixes para uma efusiva gritaria de todos. Antes de dormir, Juvelino, sentado numa banquetta, trouxe a história do bisavô de nome Juliano: tocava uma viola de encantar os peixes e a bisa Polinária. Era noite ainda quando veio buscar a bisa e a mim, que ainda não tinha nascido. Um cavalinho chamado Jasmim transportava nós dois. Juliano puxava o animal. Passamos por aquela estradinha. Estão vendo aí? Daquele dia em diante Juliano estava de um contentamento igual ao de São José. Nasci poucos dias depois. A bisa Polinária passou novamente por essa estradinha e de novo, eu no colo da bisa, e os dois sobre o cavalinho Jasmim. Em Passo Fundo, a bisa Polinária casou com



Píndaro, que viveu de transporte. Levou o Jasmim e tinha mais outros cavalos e gaiotas. Foi assim que vivemos transportando até hoje. Uma coruja piou, assustando a piaçada que já estava cansada. Estimulou que tivessem piedade e meditação nas corujas. Juvelino pediu silêncio para ouvir e olhar a noite. As estrelas no veludo escuro do céu, o murmúrio das ondas, o vento bulindo os arbustos, gritos de quero-quero, pássaros em voo assustado, cicio de folhas, balidos, mugidos, relinchos e zurros, latidos e cantos, sapos em protesto, o branco triste da lua sobre o campo.

Todos ficaram de olho aceso quando Juvelino narrou de uma igreja coberta pelas águas da barragem. O sino não bate mais, nem mais vem o povo rezar. As almas vêm rezar em sua antiga igreja e se põem tristes nas margens, sem ter onde se encontrar. Em dias de muita escuridão choram nas margens e passa um cavalinho que as leva de volta para o céu.

Modesta, vendo sua gente assustada, não admitiu que não tivesse proteção diante do medo. Ameniza e diz que é pura fantasia do povo que não tem o que fazer. Juvelino, então, suaviza a palavra e conta histórias pequenas de pura alegria. Os meninos, porém, reclamam: vô, conta daquelas de arrepiar!

Bernardo, muito safado, afastara-se do grupo e dirigiu-se ao campo com uma luzinha. Ninguém reparara em sua ausência. Quando gemidos fundos foram ouvidos, como lamentos sem consolo, todos dirigiram seus olhares para o campo e, vendo a luz que se aproximava, cada vez mais altos os gemidos, as duas menores puseram-se a chorar. Quando as vestes brancas e misteriosas puderam ser divisadas, e mais altos os gemidos, até Juvelino se assustou. Quando os meninos começaram a chorar, Bernardo começou a rir e ria a não mais poder. Tremia Modesta, tendo suas duas netas agarradas em seu colo. Riam agora todos



da brincadeira e, aliviados, ameaçavam Bernardo que ria ainda mais.

Passado o humor com seu destempero, Bernardo questionou Juvelino sobre a existência das almas. Modesta se adiantou: enquanto a gente não chegar lá é bobagem falar. Vou contribuir com uma pequena história sobre a preocupação que se tem do outro lado da vida. Todos muito despertados ouviram dela a última história que ouvira de seu pai, que ouvira de seu avô. Como dizia meu tataravô, um cão havia furtado um bom pedaço de carne e com ele deitou a correr. Chegou à margem de um lago que devia atravessar. Atirou-se na água e se pôs a nadar. Ao ver a sua imagem no espelho das águas julgou ver um outro cão que levava entre os dentes um belo naco de carne. Quis apanhar o que estava espelhado nas águas e perdeu o que tinha na boca. O que tem a ver com as almas essa história do cachorro?, questionou Bernardo. Muitos e muitos deixam de viver esta vida, e até se matam por conta de suas crenças e de como ficarão depois que partirem, perdendo as formas que Deus toma nesta vida. A imagem que temos da outra vida é incerta. Certos devem ser o amor e a beleza nesta vida. As crianças já dormiam com essas histórias e seus mitos. Depois de Modesta ter ajeitado a meninada, Juvelino e Bernardo foram limpar os peixes à luz da lua.

O amanhecer se tornou imperdível. Tudo se despertava. Libélulas, borboletas, patos, marrecas, gaviões, pombas, joões-de-barro, garças, vermelhos do céu, plúmbeo-rosa das nuvens, verdes carregados de orvalho, sons serenos ao longe, silêncio das águas: era dia.

Antes de fazer muito calor, a meninada e Bernardo pediram para que Juvelino fosse mostrar onde nascera. Disse estar sem forças para caminhar tão longe pelo campo. Os primos trou-



xeram, então, um cavalo. Fizeram que nele subisse e andaram pelo campo. Iam todos protegidos do sol com ramos de pessegueiro bravo, canela e araçá do mato. Havia uma exaltação no caminho. Nada mais havia sobrado da pequena casa onde nasceu Juvelino. Apenas um tronco. Depois retornaram e Juvelino mostrava um grande cansaço.



Um curto diálogo

Ao retornar para Passo Fundo e após ter se dirigido até sua vila, Juvelino começou a perceber que lhe faltavam as forças. Mesmo enfraquecido, não perdeu a oportunidade de dizer algumas palavras para conforto de Modesta.

– Ouça o que eu quero dizer: te amo.

Ela recostou-se em seu peito e falou: quando saís de casa pondo teu boné, te acompanho com meus olhos e ficas tão lindo dentro de mim. Agora te vejo suave como as ondas dos trigais maduros. Mas fique quieto... Não posso, Modesta, tenho que falar e se não falar agora vou falar quando? Riu-se... tenho um dever: o de não deixar sumir a sorte que eu tenho de ti. Não preciso de forças, basta esta ternura.

– Sinto, por vezes, Juvelino, a preocupação de encerrar meus dias e de nada levar dessa conta. Uma tristeza como a do dia que se vai, sem se carregar nada de sua luz. Me sinto como um passarinho faminto entre poeiras.

– Só a morte vai tirar de nós esse dizer eterno de paixão. É o Senhor o bom ladrão que nos tira os dias, mas nos entrega sempre outro. O zeloso guardador. Será possível que nos vai dar em troca dessa hora outra hora mais?

– Tudo é possível. A divisão da vida, dos tempos e dos espaços é tanta que fico acreditando que tudo se bifurca e maior será a perfeição.

– Veremos, veremos... e envolveu-a com um abraço.



– Escuta, bem. Amanhã poderemos visitar o Arduíno e a Pascoeta?

– Você é que manda.

– Mas vamos de gaiota, que o tempo está lindo.

E foram no dia seguinte.



O jantar de Pascoeta

Sempre que os amigos chegavam, havia uma festa. Apesar de mal Juvelino se segurar, Pascoeta preparou um jantar bem italiano. Polenta, molhos, peixe, pizza-can, radice, vinho e muita prosa. Dispensaram, porém, o banho e a pescaria. Ficaram na varanda bem mais que uma hora e nada escapou nos assuntos, inclusive a farinha que estava fazendo sucesso. Juvelino introduziu sua preocupação muito particular. Sentia que não estava bem e muito pior que a esperança. Arduíno lembrou-o de o quanto estava mal não fazia mais de dois anos. E você me mostrou como se pode andá depois de vechio. Juvelino, entretanto, respondeu: é que não havia chegado a tua hora. Parece que a minha chegou. Ninguém sabe dos comportamentos da vida. Sabe, home, me fiz uma farinha para o pón, muito boa. Me fiz un vino forte, isso vai te fazê vivê. Azudei a fazer o corpo de Dio con a farinha do meu moinho. Pedi a Dio pra te devolvê a saúde. Pascoeta pôs mais ânimo na conversa: Non te pensa cosi, Zuvelino! La vita ga piu surpresa que as estrela no firmamento. Modesta estava quieta como que se defendendo de tudo que sentia. Eu, às vezes, fico calada pra que o mal não me ache! Juvelino viu que criara um ambiente de muita preocupação, desculpando-se. Disse que o jantar estava ótimo e que jamais esqueceria de ninguém, e sempre que tivesse peixe, polenta e vinho lembraria daquela noite. Agradeceu o cuidado de todos, depois pediu para caminhar um pouco. Foi até as árvores altas para se esclarecer melhor sobre seus pensamentos e o seu corpo.



A morte de Juvelino

Depois que Juvelino voltou de seu curto passeio entre as árvores altas, todos foram dormir. Fingindo que dormia, pensava sobre a agonia que avassalava o peito: meu coração está me traindo, deixando-me a sós diante daquela que tudo leva. Fiquei como Pilatos diante d'Aquele que nada responde. Quem virá para meu consolo? Guardas da minha vida, mãos limpas e generosas, gentes da vila e todos os velhos, todos me abandonam e estou sem defesa. Não mais ouvirei o galo cantar de madrugada. Não sei se estarei triunfante, em meu íntimo abismo, ou se ainda mais desesperado. Terei suficiente tranquilidade pra dizer: me vou em paz!?

Depois Juvelino, vendo que seu corpo abandonava-o, revoltou-se por alguns momentos. Em imaginação teve alucinações e, nelas, destruía tudo que era sagrado. Removia-se como se estivesse em grande pavor. Modesta teve que trazê-lo para junto do peito, não entendendo o que acontecia. Apenas disse: não se perturbe tanto! Ele falou: não é você que está morrendo. Ela, então, levantou-se assustada. Juvelino, passados aqueles momentos, pôs-se em paz, como aqueles que aceitam morrer. Disse brincando: que tudo está sendo preparado em movimentos escusos dentro dele. Logo a seguir voltou a dormir; sonhou sonhos serenos onde a meninada e os velhos vinham agradá-lo. Mas a seguir, acordou com uma onda de dor em seu peito. Gritou. Sua-va frio. Chorava. Era uma criança desconsolada. Arduíno foi até seu carro, mas Juvelino gritou: não! Puseram-no na gaiota. Disse: me deixem com quem eu amo! Ele e Modesta voavam. Nunca se viu Astrogésilo IV tão veloz. Aproximando-se de Burro Preto,



a madrugada vinha chegando. Juvelino tombou para o lado. Modesta gritava impotente. Alguém que vinha do campo viu a cena. Parou seu carro e pôs Juvelino dentro e foi para o hospital. Modesta orava para que seu homem não partisse. O sol despontava, mas a noite cobriu os dias de Juvelino. Passou como um vento a notícia: Juvelino morreu. Não sabiam, porém, explicar: vinha um cavalo e uma gaiota. Faltava o gaioteiro.

Domingo de manhã, no segundo dia de sua morte, Modesta caminhava com vagar perto das ruas de sua casa. Viu que vinha alguém em sua direção. Não o reconheceu, mas andava bem vestido e saudou-a alegremente. Olhou para as casas ao redor. Casas simples, mas podiam abrigar gente, sem ter vergonha de morar. Passou por ela um dos associados das gaiotas que a saudou, tendo saudáveis seus cavalos. Deu mais alguns passos e encontrou Albano que, embora triste pela perda do amigo, convidou-a para a próxima reunião.





Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

daqueles que estão abaixo da linha do sucesso social é traduzido com autoridade de educador e através de incursões contundentes na vida daqueles que estão à margem.

O livro, *O lugar e o tempo de Juvelino Messias Pampa*, a par de revelar o ciclo de vida de um homem, expressa a trágica sorte de homens e mulheres em busca de um espaço e de uma temporalidade mais contente. A saga não conta apenas uma história, mas apresenta crenças profundas no ser humano, demonstrando o quanto vale a solidariedade face à perversidade instalada. A contundência da obra mostra o que a academia não diz.

“ **A** gostinho Both destaca nesse livro a trajetória de um pobre menino que nasceu num pequeno lugarejo. Ao chegar à velhice, deixa pegadas no solo de sua trajetória transformada pela educação. O bom do livro, sua densidade extrema, é a descrição do olhar do menino que do alto de uma gaiota, aprende a conviver em uma cidade adversa e aí acerta seus passos. Esta é uma daquelas obras que seu autor escreveu e deixou na gaveta, guardada, (in) segura, por mais de vinte anos. Dessa gaveta se aprende que nada é definitivo e que a nossa dor não advém das coisas vividas, mas das coisas que foram sonhadas e não se cumpriram. Sofremos por quê? Porque automaticamente esquecemos o que foi desfrutado e passamos a sofrer pelas nossas projeções. O destino, como já afirmou Mário Quintana, é o acaso metido a besta!”

Prof. Dr. Mauro Gaglietti
Coordenador da EDITORA IMED

**O LUGAR E
O TEMPO DE
JUVELINO
MESSIAS
PAMPA**

COLEÇÃO
SONHOS E RESISTÊNCIA

